

LAUSITANIA



Alfredo CANDIDO
Lisboa-1932

Nº 85
2X

Gente feliz

Um rapaz que vai casar com uma menina rica, diz-lhe, na véspera do noivado, ao beijar-lhe a mão:

- Esta linda mãozinha vai fazer muita gente feliz.
- Muita?! Só eu e tu.
- E os meus crédores, que já não contavam receber vintém?!...

*

A subtração

Na aula da arimética, o professor para um aluno que não atina com um problema:

- Suponha que o seu irmão tem seis nozes e que o menino lhe tira quatro. O que sucede?
- Põe-se logo a berrar e não se cala enquanto eu lh'as não der outra vez.



A MULHER — Tu deves fazer um seguro de vida para, quando morrer um de nós, eu ficar com que viver.

Prato acabado

Num restaurante entra um freguez, senta-se, lê a lista e diz para o criado:

- Traze-me lá erros de ortografia.
- Ah! meu senhor. Disso não temos.
- Então se não têm para que é que os põem na lista?

*

Uma convicção

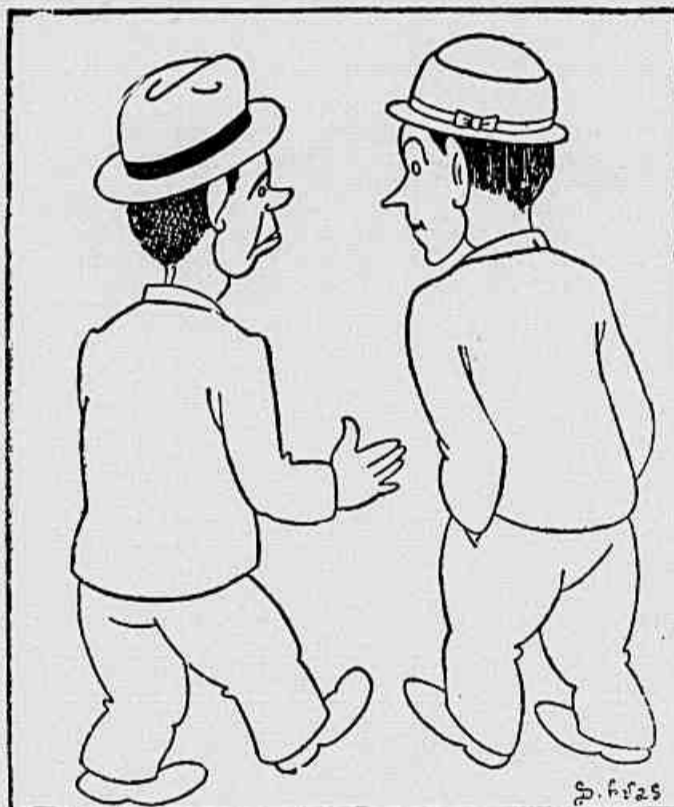
Numa escola da aldeia, um professor explica a um aluno pouco atilado o tema da lição. No fim pergunta-lhe:

- Compreendeu?
- Eu não senhor.
- Apre! Se eu não viesse para esta terra você era o maior burro que cá havia.



— Há muito tempo que andas desgostoso. Porque é?
— Não sei. Já me esqueceu o motivo!

TEM GRAÇA
- E -
NÃO OFENDE



— Então, já arranjaste trabalho?
— Já. Dedico-me a procurar um emprego.

Resposta á letra

Certo energumeno extremista, achando-se em frente de um padre, não se conteve que não exclamasse:

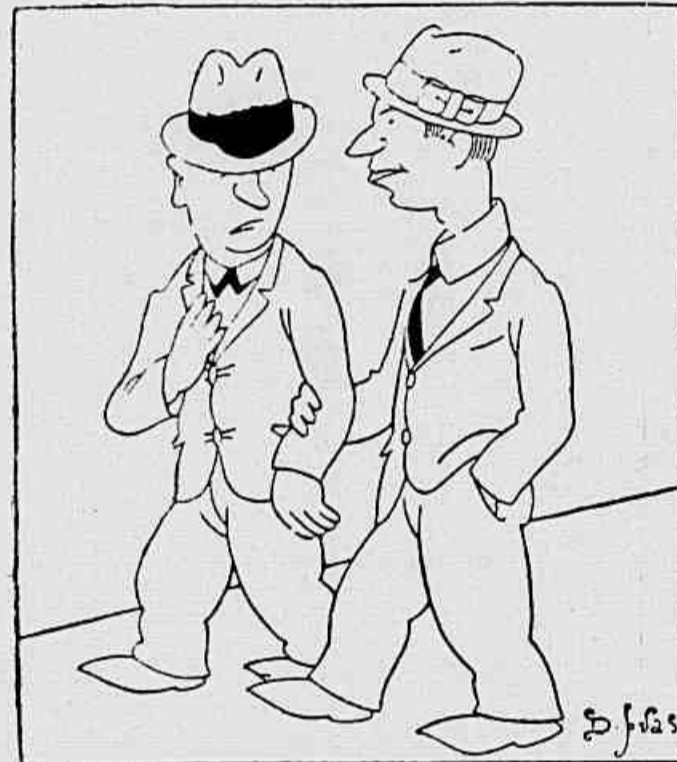
- Se eu tivesse um filho idiota havia de o fazer padre.
- Foi pena que seu pai não fôsse da mesma opinião.

*

Do mal o menos

Entre patroa e criado:

- Francisco, parece-me que acabas de quebrar mais um copo!
- Sim, minha senhora; mas desta vez, tive muita felicidade; quebrou-se em dois.
- Chamas a isso felicidade?
- Ah! Vê-se que a senhora não sabe quanto custa a apanhar os bocadinhos de vidro, quando um copo se faz em estilhaços!



— Vou conjiar-te um segredo: preciso de cem escudos emprestados.
— Conta com a minha discreção. Farei de conta que não me disseste nada.

Questão de tamanho

Na escola, o professor interrogando sobre geografia:

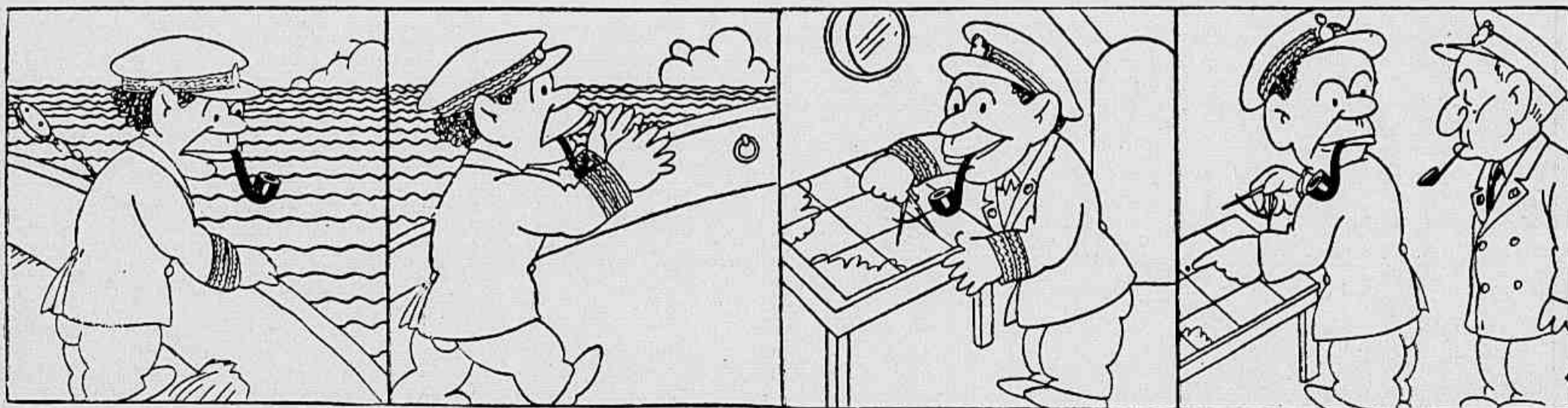
- Diga-me quais são os principais montes de Portugal.
- Um é o Monte-Junto.
- E maior do que esse?
- Maior, talvez o Montepio...

*

Uma venda de ocasião

O negociante — Este magnifico vaso devia custar trinta escudos; mas por ter aqui dum lado um bocadinho quebrado, vender-lho-ei, em vez de trinta, por vinte.

O freguez — Hum! não lhe podia quebrar também do outro lado um bocadinho?



O capitão Lobo da Costa viu A correr foi consultar o ma- com grande pesar que o seu pa para vér em que sitio se en- navio estava a mater água. contrava a embarcação.

E estudou bem o local...

— Meu capitão, o barco está- se a afundar. O que fazemos?
— Veja aqui este ponto. Se não foi feito por uma mósca, é uma ilha e estamos salvos.

Poucas palavras, mas contudentes

—o—
OU A ARTE DE ROUBAR COM PROCESSOS CONVINCENTES

Um ladrão conseguiu roubar em Nova York 25.000 dolares de um banco, sem ter necessidade de pronunciar nem uma só palavra, nem sequer de apontar uma pistola aos presentes, como é uso corrente nêstes casos, cada vez mais frequentes. O ladrão não fez mais que entregar ao empregado um papelsito que dizia: "Dá-me todo o dinheiro que ai tens se não queres que te mate já com um tiro".

O empregado assustado entregou ao audaz ladrão tudo o que tinha em seu poder, e depois ao vê-lo fugir, deu a voz de alarme.

O ladrão saiu tranquilamente; e como a rua estava nêsse momento muito concorrida, perdeu-se entre a multidão e não pôde ser preso.

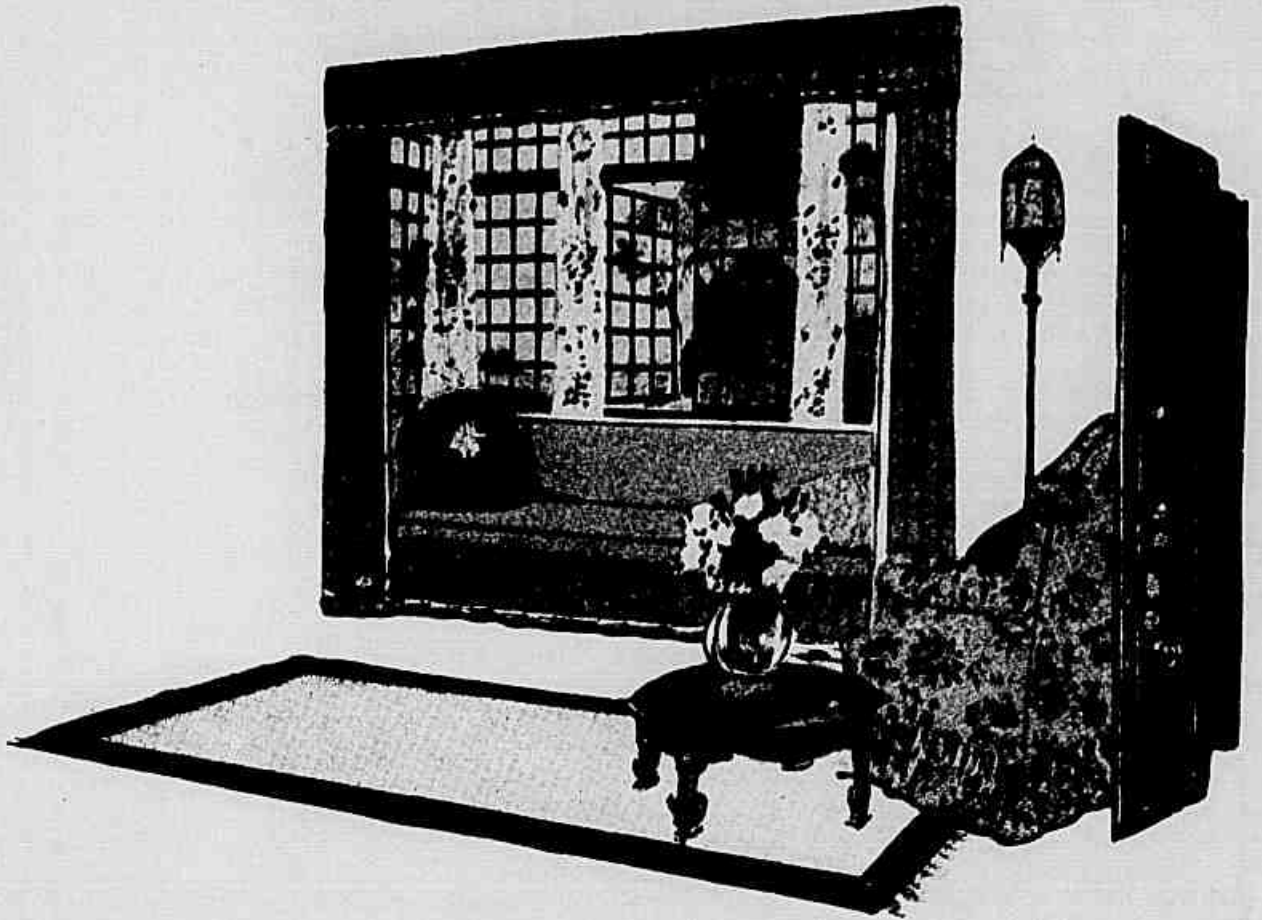
—*—

Um comboio a 140 quilómetros á hora

—o—
COMUNICOU COM UM AVIAO QUE VOAVA SOBRE ELE

Há dias celebraram-se em Londres, com êxito satisfatório, demonstrações de comunicação telefónica entre um comboio em marcha a uma velocidade de 140 quilómetros á hora e um avião que voava sôbre êle.

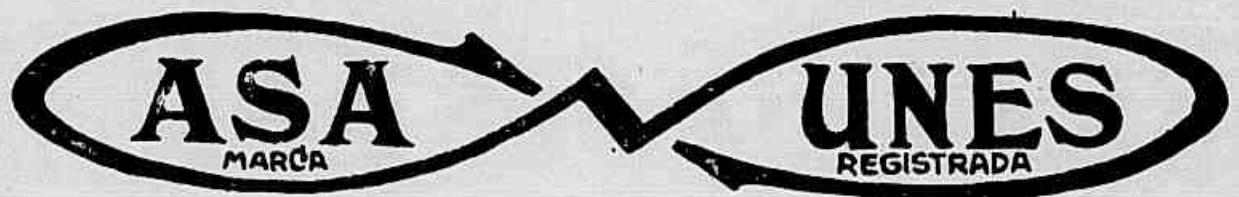
Tanto o comboio como o avião iam com os correspondentes aparelhos emissores e receptores, de antenas e potentes alta-vozes, por meio dos quais os viajantes do comboio e do avião puderam escutar a conversa durante um percurso de sete quilómetros.



INSTALAÇÕES MODERNAS DE INTERIORES

Projectos e orçamentos para instalações de casas, apartamentos ou dependencias

CONSULTE-NOS, SEM COMPROMISSO



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



A Srta. Verginia Sarmiento de Beires, natural de Viana do Castelo e uma boa amiga da LUSITANIA, residente em S. Paulo.

UM HOMEM PRÁTICO

—o—
ANTES DE SE SUICIDAR, DEIXA A SUA MULHER ALGUNS CONSELHOS FINANCEIROS PARA NÃO SOFRER DIFICULDADES

Um negociante americano, de Nova York, suicidou-se, deixando aberta a torneira do gaz. Sôbre a mēsa de trabalho havia uma carta em que dava conselhos financeiros á sua mulher. A nota resava assim:

"A' minha mulher:

(1) Não te desesperes. Não há espectáculo mais lamentável que o duma mulher a chorar histéricamente. E's nova. Espero que a fortuna que te deixo seja suficiente para que tu e os nossos filhos possam viver socegradamente.

(2) Não te deixes nunca impressionar por ofertas de negócios que rendam imediatamente uma grande quantidade de dinheiro. O dinheiro não se pôde ganhar tão facilmente. Vive dos rendimentos sem que nunca te ocôrra gastar mais do que tens. Se economisares alguma coisa, sempre será mais sensato.

"O que te sobrar, coloca-o em diversos Bancos. Assim estarás mais segura se algum falir.

"Contenta-te sempre com obter em todos os negocios um juro de quatro por cento.

(3) Não digas aos rapazes que me suicidei. Que conservem uma boa recordação de um papá moço e alegre. Não te deites nunca sem anotares tôdas as despesas diárias."



O Sr. António Fernandes Junior, gerente do Palace-Hotel da Curia e um dos bons auxiliares do Sr. Alexandre de Almeida.

Diz-se que o pêso dos miolos humanos aumenta o dôbro nos primeiros nove meses de vida e o triplo antes do fim do terceiro ano.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

FAZEM ANOS:

HOJE — O nosso compatriota e amigo, Sr. Francisco Pinto Monteiro, do comércio desta praça.

— O menino António, filho de D. Florinda Ferreira de Matos.

DIA 2 — A menina Hilma, filha do Sr. António Martins Junior.

— O Sr. Joaquim Ferreira Gomes, do comércio desta capital.

— O Sr. André Rodrigues dos Santos, do nosso comércio.

DIA 3 — D. Candida Monteiro Ferreira, esposa do Sr. José Luiz Ferreira, de Belo Horizonte.

— A menina Celina, filha do Sr. José da Silva Braga e de D. Rosalina Braga.

DIA 4 — O Sr. António José de Sousa, do comércio desta capital.

— A Sra. D. Ana de Carvalho Valente, esposa do Sr. Domingos Valente da Silva, comerciante.

DIA 5 — D. Adélia Pereira Carvalho, esposa do Sr. Lino de Carvalho.

— Jorge Beltrão, filho do Sr. Pedro Beltrão Sousa Diniz.

— O nosso amigo e compatriota, construtor Sr. José da Silva Cardoso.

DIA 6 — Alcileia, filha do Sr. Alberto António Araujo, comerciante.

— O Sr. Alberto Gonçalves Barral, do nosso comércio.

— O Sr. Joaquim da Silva Cardoso, conceituado architecto e construtor.

DIA 7 — O Sr. António Ribeiro Junior, funcionário da Companhia do Porto.

DIA 8 — Alberto, filho do Sr. Francisco da Costa Ribeiro, comerciante.

— O Sr. António da Costa Rêgo, do nosso comércio.

— D. Sibila Mota de Barros, esposa do Sr. N. José de Barros.

DIA 9 — O menino Evani, filho do industrial e nosso amigo Sr. António H. da Silva e de D. Amélia de Sousa e Silva.

— D. Noémia Costa, esposa do Sr. José Joaquim Alves.

— A Srta. Oliva, filha do Sr. Alberto António Araujo.

DIA 10 — D. Almeirinda de Almeida, esposa do Sr. Manuel Henrique de Almeida.

— Maria Candida, filha do Sr. José Joaquim Geraldo.

DIA 11 — D. Carlota Gonçalves Ribeiro, esposa do Sr. Germano Augusto Ribeiro, de Mórro Agudo.

— A Srta. Georgina, filha do casal Ferreira de Oliveira.

— O Sr. Júlio Gonçalves Teixeira, do comércio desta praça.

— A menina Maria Odete Araujo, filha do Sr. António Teixeira Araujo e de D. Maria Ferreira Araujo.

— O menino Paulo, filho do Sr. José Romão, do comércio de Baurú.

DIA 12 — O Sr. Jaime Silva Braga, do comércio desta capital.

DIA 13 — O menino Rubem, filho do Sr. Francisco Camacho, do nosso comércio.

— O nosso compatriota e amigo Sr. António José de Sousa.

— A Sra. Tereza Ramalho, esposa do comerciante Sr. António de Almeida Ramalho.

— O Sr. Camilo Dias Gonçalves, auxiliar da Grande Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas, irmão do Sr. Albino Gonçalves, actualmente em Portugal.



ROMARIAS DE PORTUGAL — Procissão do Sagrado Coração de Jesus em Pedrinha.

— O menino Celso, filho do comerciante Sr. César Augusto da Fonseca.

DIA 14 — O Sr. Cirilo C. Santiago, do comércio de Recife, Pernambuco.

DIA 15 — O Sr. António Jorge de Assunção, farmacêutico nesta capital.

— A menina Neusa, filha do Sr. Jacinto Soares Junior, do nosso comércio.

— O Sr. Heitor Pinto da Silva, nosso compatriota e conhecido construtor.

NASCIMENTOS

Teve a sua "délivrance", no dia 27 de Julho, dando á luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso auxiliar na secção de linotipo, Sr. Manuel Malgueira. Mãe e filho encontram-se bem, com o que muito folgamos.



O SPORT NA PROVINCIA — Team de honra do Rio Sêco Sporting Club, em basketball.

CASA ESPECIAL EM TINTAS FINAS

CORRÊA LEITE & CIA.

Grande exposição de chapas decorativas, aparelhos para pintura de paredes, colas, gelatinas, goma arábica e laca; drogas industriais, tinta

preparada, esmalte e a oleo "MIMOSA", própria para pintura de casas, automóveis, navios, canhões, etc..

GUARDEM ESTE ANUNCIO



INTERESSA A TODOS

TINTAS...

Não comprem sem visitar a maior e mais barateira casa do género no Brasil, rua Buenos Aires, 290, próximo ao Campo de Santana, filial 116, em frente ao Mercado das Flores. Vendas a dinheiro ao preço mais baixo da praça.

Propriedade e Edição
de
C. CRUZ & CIA. LTDA
Direcção de
Crisóstomo Cruz e Correia Varela
—
Red. e Administração
PRAÇA TIRADENTES, 73. 2.^o
Tel. } fone 2-0141
} gramas — Patriota
CAIXA POSTAL, 980
—
Officinas próprias
Av. Gomes Freire, 138. 140
Telefone 2-2437

LUSITANIA

REVISTA ILUSTRADA
DE APROXIMAÇÃO LUSO-BRASILEIRA E
DE PROPAGANDA DE PORTUGAL
Pela Grandeza da Pátria — Pela Eternidade da Raça

ASSINATURAS
Para o Brasil:
Série de 24 números.. 40\$000
Argentina, Uruguay e América
do Norte:
Série de 24 números.. 50\$000
Portugal, (Continente e Colô-
nias) e outros países:
Série de 24 números.. 50\$000
Sob registro: Mais 10\$000
para o Brasil e 20\$000 para o
estrangeiro.
AVULSO
No Brasil.. 2\$000
Atrazado .. 3\$000

Glória do Brasil, Glória da Humanidade



O Brasil perdeu, com a morte de Santos Dumont, um dos seus maiores filhos e a humanidade perdeu um dos seus grandes valores. Não vamos fazer aqui a biografia do inventor, famoso e ilustre. Os jornais brasileiros já a fizeram em todos os estilos. Queremos apenas render a Santos Dumont o preito da nossa homenagem e apresentar ao Brasil e aos brasileiros os nossos pezames profundos.

Povos irmãos, nós vivemos tão intimamente ligados que sentimos reciprocamente as dores e as alegrias um do outro. Quando Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram ao Rio de Janeiro, vencendo pela primeira vez os ares sul-atlânticos, o Brasil inteiro consagrou, como se fôsse uma glória sua, a glória dos nossos aviadores.

Mais tarde quando Sacadura, num vôo heróico igual àquêle em que tinha nascido para a glória, sucumbiu trágicamente, o povo brasileiro acompanhou a nossa dor. Hoje que o Brasil perde Santos Dumont, inventor da dirigibilidade aérea, "pai da aviação", figura da humanidade, os portugueses sentem também, como se fôsse sua, a dor imensa dos brasileiros.

Santos Dumont não morreu, no sentido definitivo da palavra. O progresso, o desenvolvimento técnico, o valor social que a aviação vai adquirindo, dia a dia, hão de glorificar cada vez mais o nome do grande brasileiro, cuja fama há de vencer a resistencia de todos os séculos, projectando-se sobre os homens e as gerações como um valor autentico do Brasil.

Associação-nos, pois, à dor dos brasileiros, nossos amigos e nossos irmãos, nós choramos com eles a grande perda, que é também, como dissemos, uma perda da humanidade. E nesta nota, escrita sob a emoção do mais sincero sentimento, rendemos ao génio precursor da aviação a homenagem de admiração e respeito que lhe deve todo o mundo culto e civilizado.

CRÓNICA DE LISBOA

A QUADRA ALEGRE DOS SANTOS POPULARES E A "MARCHA" QUE MERECEU UM PREMIO DE MIL ESCUDOS — NA "QUINTA DA SAUDADE": BALÕES, ISCAS, TREMOÇOS, GUITARRADAS, CRAVOS DE PAPEL E... JEAN MURAT, O "AZ" DO CINEMA — A GENTILÍSSIMA "RAINHA" DA COLÓNIA ATRAVESSA LISBOA NUM COCHE SECULO XVIII LADEADA DE LUZIDO CORTEJO.

Por JUDITH MAGGIOLLY



Em cima — O grupo do burro dos tremoços. Em baixo — Na Quinta da Saudade — A barraca das cestas de frutas, vendo-se entre as senhoras da comissão, a dona da casa, Mme. Abecassis, e a escritora D. Fernanda de Castro. — (Fotos S. Ribeiro.)

mangericos, alcachofras e cravos de papel. E tudo estava animado de singela alma popular ao dar os estalinhos com as pontas dos dedos ao bater o pé na dança de redea...

Mas, em dado momento, foi interrompida a função pela chegada de Jean Murat, o ídolo do cinema que se encontra em Lisboa a filmar para a U. F. A. e que alguém se lembrou, e muito bem, de levar á "Quinta da Saudade" a admirar um "arraial popular" interpretado pela mais distinta sociedade lisboeta.

E... escangalhou-se o arraial. Tudo abandonou os seus postos e se desorientou para rodear o ídolo, elevá-lo, gritar-lhe o nome!

Jean Murat ficou afogado num mar de cabeças lindas de lindas raparigas e embevecido só sorria, sorria e mais nada.

E o arraial a Santo António ficou transformado em arraial a Jean Murat...

Póde Jean Murat ser um genial artista de cinema, um rapaz elegante e simpático, de maneiras simples e sorriso infantil. Póde ser mesmo o mais... santo dos rapazes, mas o que não lhe perdoarei nunca é que viesse de tão longe usurpar o lugar de Santo António nos corações das meninas portuguesas e principalmente na noite que lhe é dedicada. Talvez a única no ano em que nos corações da moças há um lugarsinho para o Santo!...

LEOPOLDINA Belo, a linda rapariga que a Colónia Portuguesa do Brasil elegeu sua "Rainha", tem sido em Portugal alvo das mais entusiásticas e justas homenagens. Mas mais eloquente que os chás oferecidos em sua honra, espectáculos e festas oficiais, banquetes etc., foi decerto a ma-

LISBOA evocou este ano com mais amor, entusiasmo mais vibrante, os tradicionais e ingénuos folguedos da quadra alegre dos santos populares.

Foram instituídos prémios para a marcha melhor apresentada e foi este facto tão simples o estímulo que boliu os nervos, movimentou as ruas, as encheu de vozearia e de estrondoso estralejar de bombas e de foguetes, singela manifestação da alegria do povo português!

Os troncos tóscos de madeira, pelos portais, com seus palmitos de chumbo colorido, brilharam mais ao sol ridente; a imagem de barro tomou proporções de bem talhada escultura; nas bandejinhas de folha que em mãos pequeninas pedincharam os "cincoreizinhos" de velha tradição, as moedas tiniram com mais graça como que a repercutirem o gargalhar cristalino das boquitas vermelhas, lambuzadas; floresceram melhor as alcachofras simbólicas, os mangericos reverdesceram e exalaram aroma mais penetrante, guarnecidos de cravos vermelhos de papel, ostentando ufanos a bandeirinha branca de dizeres simples...

"Nos teus olhos leio tudo"
"No papel não leio nada".

e... até Santo António cumpriu com mais carinho os seus milagres de amor!...

Do Bairro Alto, de Campo de Ourique e do Alto do Pina, bairros populares de consagrada tradição, voltaram a sair as marchas, as "Marchas ao flambó" no dizer do povo, que há alguns anos já se não organizavam.

Os prémios eram tentadores. O primeiro, de mil escudos, coube á "Marcha de Campo de Ourique", que se compunha de mais de uma centena de figuras, formando pares rigorosamente trajados á moda do Minho e ostentando arcos vistosos com artísticos balões, um bem ensaiado grupo de músicos e belas cantadeiras.

Das suas quadras, de sabôr genuinamente popular, duas ficaram no ouvido do pú-

blico que acompanhou cantando o trajecto da alegre marcha:

"A gente da Baixa
Veio tóda chique
Para vêr a marcha
De Campo d'Ourique.

Ai-ló, Ai-ló, Ai-ló,
Ai-ló é coisa boa;
A gente é que ganha o prémio
Do "Diário de Lisboa".

Tudo este ano tomou vulto, foi tocado de espontanea animação nos característicos arraiais. De verdade, foram as "marchas" que, voltando, trouxeram consigo o aspecto alegre e brincalhão que ultimamente aparecia sempre toldado de profunda monotonia.

NA vasta e linda "Quinta da Saudade" (á Estréla) também um "Arraial Popular" onde compareceu tóda a nossa melhor sociedade movimentou desusadamente este bairro sosegado e discreto com a arumação dos automóveis particulares que enchiam tódas as ramificações da rua da Estréla.

Mas este "Arraial Popular" a que o povo não assistiu, organizado com fins caritativos, teve reflexo no povo.

Tódas as damas da alta aristocracia portuguesa trajavam vistosos costumes das nossas regiões, assim como os cavalheiros, aparecendo grupos de encantador conjunto, como por exemplo um burro com os alforjes cheios de tremoços com a salaia em cima e conduzido por um saloio, vendendo á assistência a sua mercadoria.

Num estrado, exibiram-se, sob potentes projectores de luz, grupos a caracter dançando e cantando o "Estaladinho", o "Vira", o "Malhão", etc. E pelas barracas, artisticamente decoradas, senhoras vestidas a rigôr vendiam belos morangos de Sintra e outros frutos em engraçados cestinhos, iscas com elas e sem elas, refrescos e belo vinho, pastéis de bacalhau e outros petiscos de autêntico sabor popular, além da venda de



nifestação tributada pelo público quando do "Triunfal Cortejo Nocturno".

Estava marcado para as 22 horas e já duas horas antes o Cais do Sodré, onde a "Rainha" desembarcaria do comboio do Estoril, se encontrava apinhado duma multidão impaciente que enchia por completo as ruas, as janelas, trepava aos postes, aos candieiros e aos automóveis.

Quando se anunciou a chegada da "Rainha" tudo se apertou, se comprimiu junto dos coches estilo século XVIII e da guarda de honra com seus fardamentos e atavios que pertenceram à nobre casa do Marquês de Valada!

No riquíssimo coche todo ouro, cristal e pinturas de alto valor, puxado a duas parelhas brancas com laçaios empoados, de calção e meia, tomou lugar a "Rainha".

Seguia-o numa berlinda também ricamente decorada e restaurada para esse fim, a "Princesa".

Um grupo de ciarins majestosamente fardados, em montadas brancas, abria o cortejo e seguiam-se-lhe vinte soldados, com as capas brancas e vermelhas da Ordem de Cristo, empunhando archotes cujas chamas vistosas eram de várias cores.

O garrido cortejo que levava consigo uma banda de música, rompeu a custo a multidão que aclamava a "Rainha" com vivas e palmas até ao Parque Mayer, onde já não havia um cantinho vago.



Uma das "marchas" premiadas no concurso do Parque Mayer organizado pelo "Diário de Notícias".

Ali foi-lhe então oferecida uma récita de gala com a presença de altas individualidades e a colaboração dos nossos mais ilustres artistas.

Foi esta decerto, entre todas as homenagens prestadas à linda Leopoldina Belo, a mais espontânea e mais quente manifestação com que a poderia ter mimoseado o povo português.

E, jámais, pela vida fóra, a formosa "Rainha" eleita pela Colónia Portuguesa poderá olvidar esse momento de verdadeira apoteóse, o mais sincero significado de amor pátrio que escala montanhas e transpõe os mares!

JUDITH MAGGIOLLY

LISBOA, 24 de Junho.

PORTUGAL

Alpendre original da Europa, intransigente em suas tradições e em sua lingua e arte, pois quis ser só, pôr sua casa independente, e pôr um selo pelo mundo em toda a parte.

Poeta e lavrador, lavrou a espuma linda dos Oceanos, numa audácia que o ufana; e lavra o ouro, como um mestre, e a prata [ainda], frisando a frágil, fina, flúida filigrana.

Com artistas e heróis e sábios de valia, e um Poema, e o estilo manuelino (seu apê[nas]), e Cartas-de-marear e o Sextante que guia,

tem sido sempre Portugal, moço e fecundo, (depois da Grécia antiga), entre as nações [pequenas], a expressão nacional mais rútila do mundo.



MARQUES DA CRUZ,

Professor Marques da Cruz

O PORTUGUÊS

Certo meão, moreno-claro, alta a cabeça, olhos castanhos, peito rijo, o rosto aberto; franco como ninguém no mundo (que eu [conheça]), e, como bom latino, bem ladino ao certo.

Marujo, negociante e aventureiro, preza a antiga, vertical, constante seriedade; e, lavrador, cultiva a planta da tristeza no coração (que é a caçoila da saudade).

Valente e rábido, se acaso alguém o apouca, (mas logo meigo, sem qualquer ressentimento), como quem "traz o coração ao pé da boca".

mostra contrastes nos seus gestos, lado a lado: — canta e soluça, é fino e rude num momento; — agarra um touro à unha e chora a ouvir [um fado].

MARQUES DA CRUZ.

Uma competência musical



E'-nos grato poder estampar na LUSITANIA o retrato do nosso illustre patricio, Reverendo Romualdo de Figueiredo, competência musical de justissimo renome entre portugueses e brasileiros.

Ainda no passado dia 21, na igreja da Candelaria, á sua impecável regência se deveu a esplêndida execução da partitura das exéquias de D. Manuel II, em grande orquestra. O Reverendo Romualdo, de sensibilidade artistica invulgar, erguendo-se cada vez mais na admiração de quantos o conhecem, bem merece a insignificante homenagem que aqui lhe patenteamos.

*

Para tirar os espinhos que se cravam na carne

Para extrair os espinhos que se cravam na carne, e que por vezes tantas dores nos causam, há um processo muito simples que costuma dar esplêndidos resultados.

Enche-se de água quasi a ferver, até três quartos, um frasco de bocal largo, e applica-se á borda do vaso, apertadamente, a porção de carne que rodeia o espinho.

O vapor dilatará o orificio correspondente ao espinho que costuma sair por si só.

COIMBRA

Belos jardins e panoramas

Coimbra, na Primavera, é um jardim em plena floração.

Para qualquer parte que se vá, vêem-se lindos jardins públicos, esplendidamente tratados: o Jardim Botânico, o Parque da cidade, o Parque de Santa Cruz, o do Pátio da Universidade, a Avenida Navarro (antigo Cais), o Penedo da Saudade, a Avenida Sá da Bandeira, a Alameda Júlio Henriques.

Gastam-se verbas importantes para manter, como estão, estes jardins, alguns dos quais pertencem ao município, mas é certo que Coimbra, neste ponto, conseguiu elevar-se muito no conceito público, sendo apontada como um exemplo a seguir pelas outras terras. Os parques da cidade e de Santa Cruz, diferentes no seu género, podem figurar entre os mais belos jardins de Portugal. Também se pôde afirmar que o Jardim Botânico da nossa Universidade não tem rival no país, em grandeza e sumptuosidade.

A Camara Municipal tem encontrado um grande auxiliar na Comissão de Turismo, que ainda há pouco tempo lhe entregou completamente transformado o Penedo da Saudade, não tardando muito que lhe possa entregar também a Alameda Dr. Júlio Henriques, em obras de transformação, actualmente.

Coimbra tem mais melhoramentos em projecto, entre elles o Penedo da Meditação e Santo António dos Olivais. Dêste último abrange-se até ao Buçaco, Serras da Boa-Viagem, da Lousã, Espinhal, etc., enquanto que o Penedo da Meditação tem uma vista muito restricta, cercado de montes, tendo ao fundo um vale como a Ribeira de Coselhas. Quem lhe pôs o nome de Penedo da Meditação acertou, pela melancolia e tristeza do sitio.

Coimbra está cheia de bonitos pontos de vista e pena é que se não lembrem deles para os mandar preparar para recreio do público que os queira gozar.

Estão neste caso as



José, Fernando e Alberto, filhinhos do nosso amigo e confrade Sr. Manuel Agostinho Frasco, director-proprietário do "Comércio da Povoação de Vazim".

vistas do Alto de Santa Clara, do Alto do Pio, de Montes Claros, do Pinhal de Marreco, do Marco dos Pereiros, campos de Ceira, etc., etc.

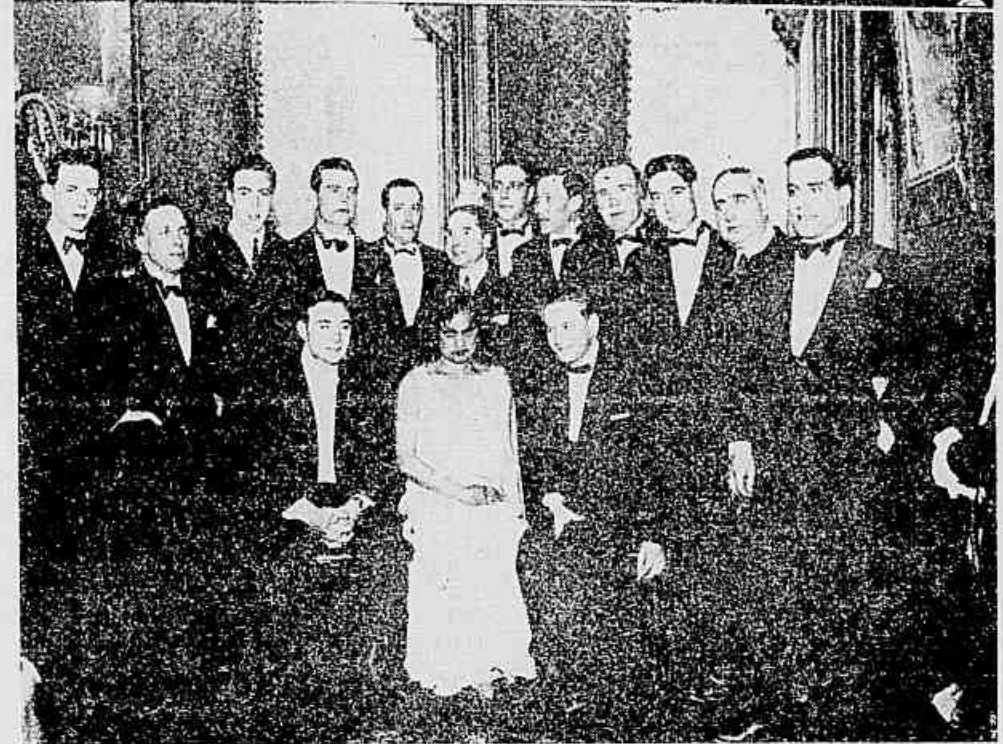
E para juntar a tudo isto, as vistas do Mondego, desde a Lapa dos Esteiros até ao Chcupal, que vai passar por grandes transformações.

C. A.

*

Um convento para judias

Ferio de Budapest foi fundado por afamada "prima-donna" hungara um convento para judias. Aquele cantora abandonou a vida pública e vai entrar para o convento que fundou.



NO ATENEU COMERCIAL DE BRAGA realizou-se um sarau promovido pela declamadora Maria de Lourdes Amaral, que teve uma numerosa e selecta assistência e aplaudi-la e felicitá-la. — (Fotos J. Mesquita.)

Bragança

CHAPEUS

Palha e Pêllo

BECO DO ROSARIO, 5

(LARGO S. FRANCISCO)

RIO

Ponto dos Bonds de Praia Formosa

Legado Real

D. Manuel de Bragança legou à sua terra toda uma imensa fortuna. A cifra fabulosa que representa essa herança; o auxílio inestimável que à fortuna pública da gloriosa terra vai prestar o retorno desse ouro, como sangue novo, rico de seiva, em organismo depauperado, em que pese à admirável orientação financeira do Sr. Oliveira Salazar, tudo como que se dilue na sombra projectada pelo gesto cavalheiresco desse rei que longe da pátria, e dela cequicido, nela teve constantemente fitos os olhos d'alma.

Sua mocidade, riqueza, cultura, conjunto de atributos, a delírem a mágua do exílio, não lhe apagaram jámais a amargura de filho expatriado.

E esse príncipe, em cujas veias corria o sangue generoso de ancestrais que se impuseram ao mundo, representante último de uma grande dinastia, é o cidadão, simples, milionário e triste que à terra que tanto amava só poderia servir dela afastando-se.

Seu reinado foi efémero, falenciante, incerto. O cheiro acre de um sangue criminosamente derramado, que era o seu, penumbrou a realza vacilante. Sua mão tremeu... Como governar o povo que não trepidava em eliminar quem lhe dera o ser, se ele só tinha a bondade a ditar-lhe a acção? Os homens ainda não compreendem a clemência, e esta é um grande defeito para o condutor de povos. A humanidade é sempre o tigre domesticado que o domador enfrenta de forçado na mão. A lembrança rubra da cêna do Paço, — desse Terreiro do Paço cujas fachadas históricas não impediram se erguesse o braço regicida que maculou para sempre o ideal republicano — não alterou o ritmo sereno do coração que vem de extinguir-se...

E D. Manuel caiu, ruindo com ele a velha monarquia portuguesa. Mas no exílio, sem pouso certo, nomade ilustre, era para a pátria, que o não queria, que se voltavam todos seus anhelos.

E precisamente no momento em que Portugal ainda era agitado por uma campanha de ódio ao último rei lusitano, D. Manuel de Bragança, num gesto que alagou em doce espanto a todo coração



UMA RECORDAÇÃO HISTÓRICA — Os três maiores ases do mundo: Gago Coutinho, Santos Dumont e Sacadura Cabral. — (Fotografia tirada por ocasião da visita de Santos Dumont a Lisboa.)

bem formado, lega à Pátria que o expulsara o ouro acumulado por seus antepassados.

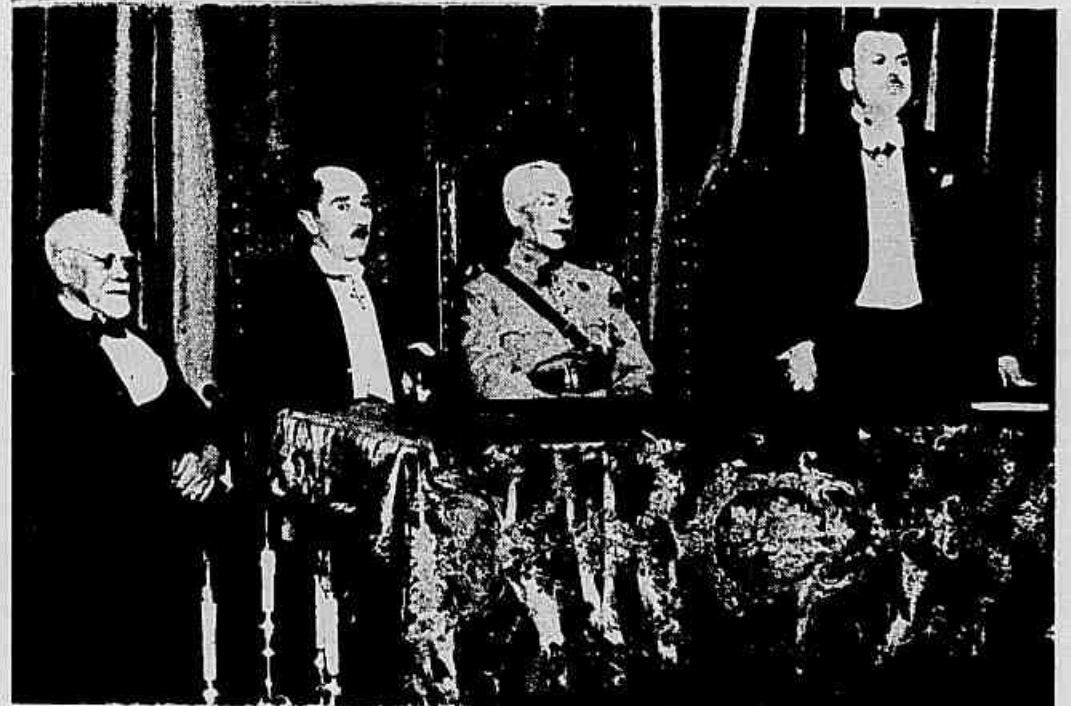
*

Senhores portugueses: Perdoai a singeleza destas linhas. Elas encerram um protesto, débil por certo, mas sincero, à injustiça, direi melhor, talvez, à infelicidade de um primoroso escritor brasileiro na escolha do tema para sua crónica diária.

LUIZ MOREIRA.



NO GRÉMIO ALENTEJANO, DE LISBOA — O Dr. Agostinho Fortes com a comissão que lhe promoveu significativa homenagem de apreço.



NO GRÉMIO DE TRAS-OS-MONTES, DE LISBOA. — O Chefe do Estado preside a uma sessão em que se tratou de auxiliar os hospitais da Província Trasmontana. S. Ex.^ª o Sr. General Carmona vê-se ladeado à mesa pelo presidente daquela prestigiosa agremiação, Sr. Dr. Ferreira Deusdado, pelo Sr. Machado Pinto, director geral de Assistência, e pelo presidente do Grémio do Algarve.

::: POR TERRAS DO ALGARVE :::

PAISAGEM DE VILA NOVA DE CACÉLA

Na paisagem fresca e perfumada da fértil e progressiva Vila Nova de Cacéla, situada a 12 quilómetros de Vila Real de Santo António, cujos numerosos casais matizam de branco o verde lindo e vivificante dos campos, que encantam nesta deliciosa primavera em flôr, nesta quadra que vai passando, que é, sem dúvida, a mais bela do ano, e em que as numerosas variedades frutíferas põem, em pinceladas sugestivas e encantadoras, uma nota de abundancia e alegria, tenho passado momentos de verdadeiro encantamento com o meu espirito, momentos saudosos, em que o chilrear alegre das ave-sinhas, o murmúrio doce das fontes e ribeiras, o ritmo vagaroso das mórás e o cho-calhar dolente dos numerosos rebanhos, dão sempre uma nota de maravilha á pai-



Um aspecto da ponte sôbre a ribeira da "Pedra d'Alva", em Cacéla

(Foto — A. V. Campinas)

sagem linda. Todas essas belezas parecem falar á alma, por terem alma, — a alma das coisas... — nessa linguagem mística de sedução e encantamento...

Sinto, sempre, uma imperiosa saudade que me impêlle a revêr mais vezes, muitas vezes, essa terra esplendorosa, sem o *brou-haha* cnervante das grandes cidades, sem "electricos" nem "arranha-céus", mas bela na sua simplicidade, arrebatadora na candura da sua inocência, fascinante na verdura de seus campos, hortas e pomares, onde a frescura e a sedução dos succulentos frutos põem notas dos mais tentadores desejos de travar contacto entre êles e o nosso justificado desejo...

E, assim, em um destes últimos domingos, pela tarde enamorada da luz suavíssima dum sol acariciador, fui, com alguns amigos, admirar, novamente, éssa velha terra,

Por A. VICENTE CAMPINAS

ESPECIAL PARA A
"LUSITANIA"

eternamente môça e atraente, cujos encantos não têm limites...

Pensámos ir, para o norte, pela ribeira da "Pedra d'Alva", que atravessa a povoação. Descemos a encosta, com alguma dificuldade. Seguimos, depois, salto aqui, salto acolá, para nos não molharmos. De quando em quando, deparavam-se-nos pequeninas cascatas, por onde desliza, vagarosamente, uma agua clara e límpida... Em zig-zag, por entre a florescente vegetação, corria, interessante e donairoza, essa ribeirinha gentil, de aguas mansas... Por cima d'ela, fazendo sombra, como a servir de tódo ás lavadeiras, numerosas árvores de frutos, uns maduros e outros esperando algum tempo mais para amadurecerem e cumprirem sua missão na Terra, pareciam tentar o nosso desejo... De vez em quando, grupos de lavadeiras se nos deparavam; algumas cantavam, enquanto batiam, apressadamente, a roupa!... Eram cantigas admiravelmente coadunadas com o espirito sensitivo da gente algarvia...

Dentre algumas que fixámos, uma houve que nos deixou gratas recordações, pelo seu quê de simplicidade, beleza e candura. Ei-la:

*As fontes choram saudades
Das aguas que vão perdendo...
Minha vida é uma fonte,
Com ilusões fenecendo...*

Entre as numerosas cantigas, esta, singela na pureza da sua significação, recordando-me as ilusões que alimentei durante muito tempo, mas... destruídas pela fatalidade dum infeliz destino...

Chegámos, depois, junto de um canal, que se assomava, enamorado, num desejo enigmático, sôbre a agua muito límpida e pura da ribeirinha encantadora... Ouviam-se, em suaves melodias, préces benditas á beleza da paisagem que nos cercava, soltadas por rouxinóis, que vinham do canal, a dois passos de nós, quasi juntinho de nós...

Assim, ao prosseguirmos o caminho interrompido, as ávesitas, ouvindo o ruído produzido por nossos passos, foram pousar, em remígios caprichosos, na outra banda, num declive mais alto que se debruçava, carinhosamente, sôbre a ribeira linda...

Na nossa frente, saltavam algumas rãs e viam-se alguns cágados, que, á nossa aproximação, se submergiam nas fendas das rochas. Chegámos, no meio dum justificado entusiasmo pela paisagem grandiosa que tínhamos admirado, a uma fonte, denominada "Fonte Santa". Junta-se aí, então, a agua d'essa fonte, com a da já citada ribeira da "Pedra d'Alva".

Numerosos grupos de mulheres lavam a roupa a seu cargo. Nêste local, o campo verdejante tornou-se em campo de neve pela roupa mui alva das lavadeiras...

Juntas á fonte, algumas pessoas enchiam bilhas de diversos tamanhos...

Interrogamos um homemzinho, cabeça alva de neve, pelo vestígio do tempo que passou...

— Diga-nos, bom vélhinho, se sempre é

verdade que existem lendas sôbre esta "Fonte Santa" ?

— Sim, meus irmãos, respondeu-nos bondosamente êsse santo velhinho...

Contou-nos, seguidamente, durante algum tempo, essa lenda, a um tempo singela e enternecedora, que descreverei em outro escrito.

Agradecemos, reconhecidos pela atenção e cativante gentileza d'esse bondoso campônês!

Eram horas, porém, de regressarmos ás nossas casas.

Já o sol ia vertendo as lágrimas sanguíneas do poente, desaparecendo, pouco depois, na vala hiante dos tempos que passaram... Pelos caminhos, de regresso da sua faina diária, viam-se muitas mulheres des-



... Como uma moura encantada, que lava, silenciosamente, com receio, talvez, de despertar a natureza adormecida, num sono que leva á magia e ao encantamento... —:—

(Foto — A. V. Campinas)

sa linda terra, trazendo canastras com roupa lavada.

E como se fôsse possível, a essa gente humilde e trabalhadora, só conhecerem a alegria, sem contratempos nem privações que entristecem, ouviam-se as suas vozes, ainda perdidas no espaço infinito, nessas cantigas tão lindas como essa terra das amendeiras em flôr...

Já dentro do auto-ônibus que nos trouxe de regresso, quasi indistintamente, os últimos versos daquella quadra impregnada de sentimento e de saudade, de gratas recordações:

*...Minha vida é uma fonte
Com ilusões fenecendo...*

A. VICENTE CAMPINAS

Maio — 1932.



AS NOITES DO AVÔSINHO

CONTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Por JOSÉ AGOSTINHO

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

DECIMA PRIMEIRA NOITE

Um sonho de criança. — D. Diniz e o seu aio, descendente de Egas Moniz. — O aio Nuno Martins de Chacim. — Domingos Jardo e Ayméric de Ebrard. — Paz com o clero. — Casamento com D. Isabel de Aragão — D. Afonso, irmão de D. Diniz. — Questão liquidada com a obediência do rebelde. — D. Diniz, poeta e protector das letras. — Risco de guerra com Castela. — Porque não rebentou então. — O Infante rebelde e o Lara. — Novo perigo de guerra com Castela. — D. Diniz na Guarda. — Cêrco de Arronches. — Intervenção de três senhoras, D. Beatriz, D. Maria de Molim e Santa Isabel. — O Infante entrega Arronches. — Fundação da Universidade. — Nova e última revolta do Infante. — Quarenta anos de excelente governo. — A revolta do filho de D. Diniz. — Intervenção eficaz de Santa Isabel. — Morte de D. Diniz. — A dôr de Santa Isabel. — Morte de Santa Isabel. — D. Afonso IV fratricida. — A sua indole. — Os seus ministros. — Guerra com Castela. — Batalha do Salado. — Um sôgro que defende o genro. — Defesa de Castela que envolve a de Portugal.

O AVÔ — Então, filho, pensaste muito na história de D. Afonso III?

O NETO — Adivinhou, avôzinho. Tanto pensei nessa história que até sonhei com várias coisas.

O AVÔ — Sim, mas que te interessou então mais?

O NETO — Tudo, mas sonhei com D. Matilde, condessa de Bolonha. Era uma senhora magrinha, com alguns cabelos brancos e de olhos grandes, muito grandes, muito tristes. Via-a no meu sonho, a chegar á linda baía de Cascais, num navio coberto de crêpes. E então, ao longe, a cavallo num cavalo muito forte, um homem alto, vestido de ferro, com barbas negras, muito compridas, gritava-lhe: "Afasta-te, condessa, porque, senão, eu mando-te matar." E a condessa, muito pálida, desatava a chorar, e



A Rainha Santa separando os exércitos no campo de Alvalade.

boçava o navio sobre as ondas, umas ondas muito altas, que parecia chegarem ao céu.

O AVÔ — O teu sonho mostra o teu bom coração. Hoje vou falar-te de D. Diniz, que foi um rei de merecimento.

O NETO — Estou a ouvi-lo com atenção, avôzinho.

O AVÔ — D. Diniz nascera em Lisboa a 9 de Outubro de 1291. D. Afonso III, illustrado pela vida na côrte de França, e por muitas viagens, cuidou muito da instrução e educação do filho. Deu-lhe por aio Lourenço Gonçalves Magro, que era terceiro neto do immortal Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques. E ainda lhe deu, para lições da arte de governar, outro aio: Nuno Martins de Chacim.

O NETO — D. Afonso III foi então um bom pai.

O AVÔ — Foi-o na verdade, tanto como péssimo marido. Deu a D. Diniz, para professores, sacerdotes muito instruídos que mandou vir de França. Entre eles contavam-se o célebre Domingos Zardo, português, que estudava na Universidade de Paris, e Aymeric de Ebrard, erudito e poeta da Provença. O primeiro foi depois bispo de Lisboa e o segundo bispo de Coimbra.

O NETO — E porque chamou um estrangeiro?

O AVÔ — Porque Portugal estava então muito atrazado ainda. D. Diniz, logo que se habituou aos negócios públicos, tratou de se harmonizar com o clero. Depois percorreu o reino, beneficiando as povoações, dando regalias a algumas cidades, vilas e castelos e começando já de proteger os lavradores. Casou D. Diniz com D. Isabel, mais tarde Santa, filha de Pedro III de Aragão e de Constança de Nápoles.

O NETO — E' essa a rainha Santa Isabel?

O AVÔ — Sim, filho. Mas D. Diniz depressa teve um grande desgosto. Seu irmão D. Afonso, filho de D. Beatriz, como o rei de Portugal, mas nascido aquêlo depois da morte da condessa Matilde, ao passo que D. Diniz nascera tendo seu pai ainda a verdadeira mulher viva, pretendeu esbulhar o irmão do trôno. Seguiu-se uma guerra que êle levantou, declarando-se único filho legítimo de D. Afonso III.

O NETO — Outra guerra entre irmãos!

O AVÔ — Felizmente foi só guerra de palavras e tumultos, mas sem sangue, retirando-se o infante para Sevilha, quando soube que D. Diniz marchava sobre êle com um forte exército.

O NETO — E o melhor foi assim.

O AVÔ — Foi, decerto. Mas não ficaram por aqui os desgostos de D. Diniz, que era sinceramente amigo da paz, do progresso e do trabalho, como das letras, porque D. Diniz não só protegeu os poetas, mas também foi poeta.

O NETO — Bravo! Um rei poeta! Lembra o David da História Bíblica.

O AVÔ — E' verdade. D. Diniz esteve prestes a ter guerra com o rei D. Sancho, o Bravo, de Castela. Valeu á nossa paz o cansaço dos castelhanos, esgotados por uma grande guerra civil. Entretanto seu irmão D. Afonso que, reconciliado com êle, já vivia em Portugal, favorecia com imprudência D. Alvaro Nunes de Lara, fidalgo castelhano que se rebelara contra o seu rei. Emi-



A Rainha Santa Isabel



D. Diniz

grado, acolheu-o D. Afonso. Não tardou muito que este fôsse com os vassallos dos seus domínios da Guarda invadir, em serviço do Lara, o território de Castela.

O NETO — Ora ai está! D. Diniz, tão hábil, a afastar a guerra e o irmão a provocar os inimigos!

O AVÔ — O rei compreendeu tudo. O irmão não desistia de lhe roubar a corôa e ia-se fazendo notável e aguerrido.

Correu á Guarda, porque D. Sancho, o Bravo, depois de lhe pedir que dominasse os rebeldes, abalara para a nossa fronteira a castigá-los. O infante instalou-se em Arronches. Foi atacá-lo D. Diniz. A luta foi terrível. Uns e outros se mostraram furiosamente heróicos.

O NETO — E quem venceu?

O AVÔ — D. Diniz, mas porque intervieram as senhoras da família real, D. Maria de Molim, cunhada da rainha-mã, D. Beatriz e Santa Isabel. O infante, sabendo da vinda da mãe, fugiu de Arronches e foi refugiar-se junto dela. Fez-se então a paz. Arronches foi entregue a D. Diniz.

O NETO — Ainda bem.

O AVÔ — Fundou D. Diniz a Universidade, que hoje está em Coimbra, protegeu a agricultura e o comércio e mandou semear o pinhal de Leiria,

pensando na construção de navios. De novo o perturbou seu irmão com outra revolta. Mas obrigou-o a pedir paz. Nunca mais, na verdade, se revoltou o infante.

O NETO — Até que enfim!

O AVÔ — Mas os quarenta anos do sábio governo de D. Diniz tiveram ainda um desgosto maior. Aquêl rei, tão amigo da prosperidade do povo, viu revoltar contra si não já o irmão, mas seu próprio filho!

O NETO — Que diz, meu avôzinho? Mas então D. Diniz foi muito desgraçado! Um filho!

O AVÔ — Assim foi. Mas Santa Isabel conseguiu pacificá-los. Depois, foi D. Diniz fraquejando. Adoeceu. Não imaginas a dôr de todo o povo, quando se falou na certeza da sua morte próxima. Lembravam-se de como êle construiu castelos, desenvolveu povoações, cultivara terras que tinham sido até ali estéréis, protegera o comércio, a indústria, a marinha e as letras e, além disso, exercera a justiça com toda a rectidão. Morreu D. Diniz a 7 de Janeiro de 1325 e morreu risonho e sossegado como um justo.

O NETO — Imagino a dôr de Santa Isabel.

O AVÔ — Logo que D. Diniz soltou o último alento, Santa Isabel afastou-se, por alguns momentos, do cadáver, entrou nos seus aposentos, despiu as vestes reais, cortou os longos cabelos e vestiu o hábito de Santa Clara. Assim voltou para orar aos pés do cadáver.

Depois recolheu ao convento de Santa Clara em Coimbra. Saiu do seu refúgio para intervir na luta entre Portugal e Castela, mas morreu em Estremoz a 4 de Julho de 1336.

O NETO — E subiu logo ao trôno D. Afonso...

O AVÔ — Sim, depois que o pai morreu, subiu ao trôno D. Afonso IV que, rancoroso inimigo do seu irmão bastardo Afonso Sanches, por causa do qual se revoltara contra o pai, mandou matar D. João Afonso, também seu irmão bastardo, só porque, obediente sempre a D. Diniz, era dedicado sinceramente a Afonso Sanches, que vivia no destêro.

O NETO — Que índole!

O AVÔ — E muito má índole. Há historiadores que o querem justificar. Eu, meu



Condução do feretro da Rainha Santa Isabel.

filho, não posso absolver os crimes, só pela necessidade dos fins.

D. Afonso IV só teve uma qualidade verdadeira, o valor. Rude, pouco inteligente, foi preciso obrigarem-no a cumprir os seus deveres. Foi mau filho, mau irmão e mau pai. Mereceu, porém, o epíteto de Bravo.

O NETO — Entrou então em grandes batalhas?

O AVÔ — Entrou em bastantes contra Castela, numa questão que Santa Isabel pretendeu extinguir, quando saiu do convento de Santa Clara de Coimbra, apesar de doente e com sessenta anos de idade, o que lhe deu a morte, como te disse, em Estremoz. Mas, quando êle mais se distinguiu pela bravura, foi ao correr em socorro do antigo inimigo, rei de Castela e seu genro, Afonso VI, contra os moiros que traziam um exército enorme.

O NETO — E como se chama essa batalha?

O AVÔ — A batalha de Salado. Foi no dia 30 de Outubro de 1340. Abul-Hassan, o rei e comandante inimigo, conheceu bem que a sua derrota foi devida principalmente à brilhante bravura dos portugueses.

Afonso IV, bem sei que, socorrendo o genro, socorria a sua filha, e até se socorria a si próprio, porque a vitória dos moiros ameaçava a paz de Portugal; mas já não é pouco êle ter podido calcar a sua soberba e ceder assim ás súplicas de sua filha D. Maria.

O NETO — Decerto, Avôzinho, sendo homem tão duro e orgulhoso, mas...

O AVÔ — Bem sei. E' meia-noite em ponto. Tens sono? Que vergonha!

O NETO — Não é isso, Avôzinho, é porque tenho de me levantar muito cedo, como sabe, para estudar as lições que na escola marcam cada vez maiores.

O AVÔ — Tens razão, tens. Até amanhã.

A BELEZA

Segundo a compilação de Deshumbert feita no esplêndido livro que é *La Morale de la Nature*, L. Bourdeau escreveu: "E' preciso amar antes de mais nada o que há no mundo de geral e de estável, de melhor e de menos precário: a beleza na arte, a verdade na ciência, a moralidade nos actos, o bem público na pátria, a potência de vida que resplandece no Universo. Aquêl que amplia o seu coração e, sem prejuizo das afeições menores, o enche destes grandes principios, encontra nêles inesgotáveis origens de prazer, dá um fim aos seus esforços, consolações ás suas mágoas e pleno desenvolvimento ás suas faculdades.

Deshumbert, apesar de ser um homem de grande valor intelectual — e moral — e portanto achar-se muito nos casos de pensar e produzir por si, não se dedignou mondar os livros e reunir no seu uma bela série de pensamentos e conceitos do género do que ai fica. Menos lugar há para que nos constranjamos nós em proceder da mesma jôrma, conforme vimos fazendo há umas tantas dezenas de anos com muito esforço e algum proveito para... todos.

L. Bourdeau entende, pois, que é preciso amar a moralidade nos actos. Quem de tal necessidade convencerá os homens que ai andam a fingir que assim fazem, fazendo comtudo, por portas travessas, exactamente o contrario! Quão poucas são as criaturas que por não pertencerem a êsse número não têm pensamentos reservados, quer dizer — não necessitam occultar dos outros coisa alguma do que fazem e do que pensam.

Êsse diminuto número seria engrossado se os anhelos de L. Bourdeau encontrassem eco no coração da maioria dos homens. Procurar a beleza é tarefa a que pouca gente se entrega, não porque a ideia de beleza lhe seja hostil ou sequer pouco simpática, mas porque, uma vez pervertido o gôsto, habituaram-se as criaturas a considerar como tal muita coisa que o não é e algumas até que são a sua perfeita antítese.

Ampliar o coração em termos de nêl caber o Universo é, de facto, um empreendimento honroso; mas quem se mete a realisar essa maravilha que parece brigar com as leis da fisica?

O Universo, uma vez dentro do coração de cada homem, importaria na efectivação da felicidade pública e particular, porque o que mais se opõe a ela é a nossa aversão ou a nossa indiferença pelas coisas — por todas aquelas coisas a que ainda não destinámos um lugarzinho, embora modesto em nossos corações.

Cerca-nos um oceano imenso de ternura, no dizer de Lamartine, e nós, dessa ambrosia, contentamo-nos em absorver apenas algumas gotas, quando nos não abstemos dela em absoluto.

LUIZ LEITÃO

VAI A PORTUGAL Marque, as suas passagens de regresso, na mais acreditada agencia de passagens e passaportes PAULO, FILHO SUCESSOR, á Praça da Batalha, 82-83, Porto, cujos 47 anos de existencia comprovam a sua honestidade. Esta casa além de vender as passagens com os mesmos abatimentos feitos pelas companhias geraes, trata sem remuneração dos vistos nos passaportes dos srs. passageiros. **E' UTIL SABER.**

COIMBRA



NA VANGUARDA DO TURISMO

A cidade de Coimbra é uma das mais beneficiadas pela acção turística que se vem desenvolvendo no nosso país.

Ali têm-se realizado ultimamente notáveis melhoramentos, graças à acção inteligente e pertinaz do Dr. Manuel Braga, um grande reformador da estética citadina. Entre as muitas obras de embelezamento está o Parque de Vale de Canas, com uma área de 200.000 metros quadrados, encimado por

uma larga esplanada que a paisagem encantadora contorna, a 300 metros de altitude, e donde se desce para a formosíssima mata, em que entre árvores variadas e antigas se destacam eucaliptos, de grande altura, bordando arruamentos e clareiras. O Parque de Vale de Canas é ponto obrigatório de visita a quem vai hoje a Coimbra. E é justo dizer-se que esse recanto poé-

tico da lendária cidade de Inês de Castro é obra da actual Comissão de Turismo, superiormente orientada e dirigida pela acção realizadora do Dr. Manuel Braga, um brasileiro ilustre que se radicou em Coimbra e que ao seu turismo tem dado o melhor das suas energias e do seu entusiasmo.

As nossas gravuras mostram a avenida construída no alto do Parque de Vale de Canas e o Sr. Dr. Manuel Braga.

ESTAMOS na praça que rodeia a mesquita árabe. E em plena festa de Moharren — comemorativa do milagre da água: — numa hora distante e lendária tódas as fontes jorrou a sagrada água de Méca. E disseram os muezins: de tão grande milagre se tira este preceito: assim também os ricos devem ser manancial de caridade para com os pobres.

Era por isso que Yamina, a pequenina mussulmana que vivia com o pai num dos mais miseráveis suks da vila, tinha as mãos cheias de moedas, naquela tarde esplendente em que o sol era uma grande rosa de topázios a arder.

Muito serena, andava por entre o frenesi dos crentes sem se perturbar.

Poetas loucos, tangendo o *guembri*, iam cantando versos plangentes ás suas amadas.

Saltimbancos, sem turbante, quasi nus, enrolavam-se como serpentes, enchiam-se de nós como cordas. Quando retomavam a vertical forma humana agitavam a espinha dando-lhe a ondulação duma fita que perpendicularmente se sacode no ar. Pelos terraços amontoavam-se vultos brancos gritantes e curiosos — inquietos jazigos de alvura tendo como epitáfio a fenda negra onde os olhos eram carbúnculos.

Vendedores de sonhos de mel tocam nas derbuxas para atrair a clientela.

Os dementes de amor, aquêles que a paixão enlouquece em uivos de amargura, matam cabras sagradas e revolvem-se no seu sangue pedindo a Allah antidoto para o veneno que os queima como ferro em brasa.

Um monte de serpentes enrolava-se e desenrolava-se, coleante, viscoso, repelente, mole, ao som do píforo que o domador toca. E vêm então rastejando para êle, magnetizadas e já sem maldade. Escolher dentre elas a serpente *lepa*, a mais venenosa, invocar a protecção do Allah, enroscá-la no corpo,

injuriá-la, fitá-la ardentemente nos olhos e beijá-la na boca, ser mesmo mordido por ela — é para o domador o máximo triunfo. E é a cobra que revira os olhos de sofrimento, envenenada de raiva, em estridentes silvos de agonia.

Negros e negras agitam-se como demónios ao som dos *t'chinguhus* de Belzebute, na *bambula*, o batuque lascivo e infernal.

Em côro de milhares de vózes, a cobrir a terra inteira do islamismo, sempre o mesmo grito: Allah.

Os vultos brancos são fantasmas desarticulados e fanáticos. As mulheres dos terraços riem, enquanto levam á boca, sob o véo, complicadas guloseimas. Os filhos pequenos ornamentados como ídolos, carregados com as joias dos antepassados, querem rir também, mas o medo é tanto que desatam a chorar.

Só Yamina, a pequena vagabunda, anda por entre os títeres e o povo sem se emocionar. Está tão habituada á rua!

Lá se abre a porta da mesquita e começa a sair a procissão.

Os sacerdotes, *hamacha* vão cortando a massa de povo agitando as mãos de Fatma, recitando versos de Alcorão e amaldiçoando os *djinns*, os espíritos malignos que andam sempre atrás das mulheres medrosas, a pregar-lhes sustos.

Depois de mais uma vez se purificarem na água cantante da fonte corrente em demoradas e prosternadas abluções, os ha-

machas bailam desaustados ao som das derbukas ruidosas.

Dos terraços cai o grito típico das mulheres árabes *ulú ulú* o grito de prolongada ressonancia que pica os nervos e não mais acaba... E os homens excitam-se ainda mais: contorcendo-se em esgares horribes como se estivessem embriagados com *haschisch*, mordendo-se uns aos outros como possessos.

Um carneiro vivo é atirado duma casa e êles precipitam-se para o animal espartejando-o e devorando-o, ficando tintos de sangue, as mãos a remexer nos intestinos, os albornozes sujos de gordura, as bocas cheias de lã.

O grito das mulheres continúa agudo e perfurante: *uí...uí...* E a dança macabra dos homens é mais loucura, é mais labareda.

Uns levam bolas de ferro que atiram ao ar, recebendo-as na cabeça, donde o sangue brota, outros querendo santificar-se, rasgam-se com os alfanges, tombando moribundos.

Mas, de súbito, na limpidez da voz erguida a Allah, cai a última canção do dia.

O sol não é mais do que cinza de fogo; a noite é um punhado de violetas a acalmar a terra fremente de calor.

E tudo finda e tudo recolhe a casa. O silêncio é tumular — parece que tudo morreu.

Na sórdida loja, em que vive Yamina — como uma estrela que caísse num poço de fêl — fazem-se os últimos preparativos para

Ficar Só no Mundo

FICAR SO' NO MUNDO E' UMA FRASE QUE SE ESCRIVE CORRENTEMENTE.

— JA' ALGUEM PENSOU NO QUE SERA' FICAR SO' NO MUNDO? —

a partida. Manhásinha cedo pôr-se-á a caminho a caravana que vai atravessar o deserto para levar a terras do sul os tapetes, as joias e as sedas que um rico mercador manda vender.

E lá vão.
Camêlos, homens e Yamina dentro duma espécie de gaiola feita com ramos de árvores, colocada sobre o dorso duma velha mula cansada.

Os harens caídos de branco com seus terraços onde secam pétalas de rosas, as cisternas das abluções, as cúpulas embriagadas de sol, as mesquitas erguidas a Allah e ao seu profeta vão rareando, vão desaparecendo.

Cactus bizarros, de mefistofélicas flôres, teimosamente beijadas por escuros besouros, formam alas.

Lagôas pobres, a custo espelhando a safira celeste, são arranhadas pelas ávidas visitas dos flamingos cor de rosa.

Mimosas laranjeiras e amendoeiras lembram a paisagem europeia logo desmentida pela existência de pimenteiras transpirando lágrimas resinosas e por um burrito esquelético que tropeça, carregado de *retém*, a erva do deserto e conduzido por um rapazinho em cujos olhos imundos as mósca fazem moradia.

Duma venda vem o som monótono da rebaza, o violino das mulheres tuaregues. A caravana resolve ali descansar até que a fogueira do sol desmaie em cinza.

E á tarde volta a marchar. Passa um bando de gazelas.

Montanhas dando dentadas no céu, despenhadeiros em vertigem de precipício. Nem palmeiras a agitar seus dedos heráldicos dando cor típica á paisagem, nem figueiras bravas, agressivas e simbólicas.

Apenas pequenos oásis inspiradores de esperança, poços quasi vazios de má-água-terra, que molhada se transforma em lodo e ravinas secas que de inverno formam as perigosas torrentes que vão lançar-se nos *chotts* do sul...

Nenhum som. O silêncio é morte sem gravuras.

E o *bled* africano estende-se, alonga-se, perde-se na longínqua linha do horisonte.

Há muitos dias que a caravana caminha.

E nos olhos febris dos homens nota-se uma inquietação tecida de pavor e esperança.

...Parece que se enganaram no caminho, mas, quem sabe?... Talvez não... Allah é grande e Maomé não os abandonava,... de certo...

A mula que levava Yamina, uma tarde, ajoelhou e nunca mais se ergueu.

Os camêlos resignados, ondulados, não desejando senão a hora do descanso e o poço de água fresca, começam também a cansar-se. Seus olhos de veludo batidos de fadiga são tragédias de desolação.

Os víveres mingúam. Decididamente, enganaram-se no caminho. Já deviam ter chegado á povoação desejada.

Yamina, com a *futa*, a cinta esfarrapada, as babuchas a cair aos pedaços, e o branco



Em Lamêgo

A Visita do Dr. :: Washington Luis

Por ocasião da sua recente visita ao norte de Portugal, o ex-presidente do Brasil, Sr. Dr. Washington Luis, esteve em Lamêgo, em cuja cidade foi recebido com manifestações de simpatia. Nestas duas gravuras vê-se S. Ex.^a á porta da Sé, quando os estudantes lhe estendiam as suas capas negras para sobre elas passar, e a sua visita ás famosas Caves da Raposeira.

sipsari, o manto, negro de poeira, mas lamentavelmente cumpridor ainda das prégas que o ritual do vestuário manda, está magrita, pálida, com os olhos negros muito agrandados pelo terror e pela febre.

Um dos camêlos tropeça e cai do planalto rochoso. Desaparece.

Os beduinos carregam o outro com os odres da água e a pequenita tem que os acompanhar a pé.

Um sópro ardente corta a respiração. As concavidades de rocha onde passam a sesta parece que concentraram em si todo o calor do mundo.

Yamina cujos pésitos são chagas doloridas já não pôde mais andar.

E então o pai, corcovado, arquejante, tão velho, leva-a ao colo.

Tropeça aqui, levanta-se além, treme de frio quando a madrugada alvorece e é labareda infernal quando a atmosfera é vulcão. Mastiga poeira e sofre a tortura da sede.

Mas um dia, também não pôde mais. Cai de bôrco, esquelético, mirrado, sereno e morto.

A caravana detém-se e entôa máximas do Alcorão.

Depois torna a partir. Mas parte sem levar Yamina.

Quando a lua surge amarela, enorme, varrendo de luz macabra o deserto, ilumina o corpinho ajoelhado, de braços entendidos da criança abandonada que grita e clama, e soluça no pó do chão: Sósinha! Deixaram-me sósinha!

A caravana é sombra a afundar-se na distancia...

(Trecho de uma conferência de D. Aurora Jardim Aranha)



EXIJA-O DO SEU FORNECEDOR

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

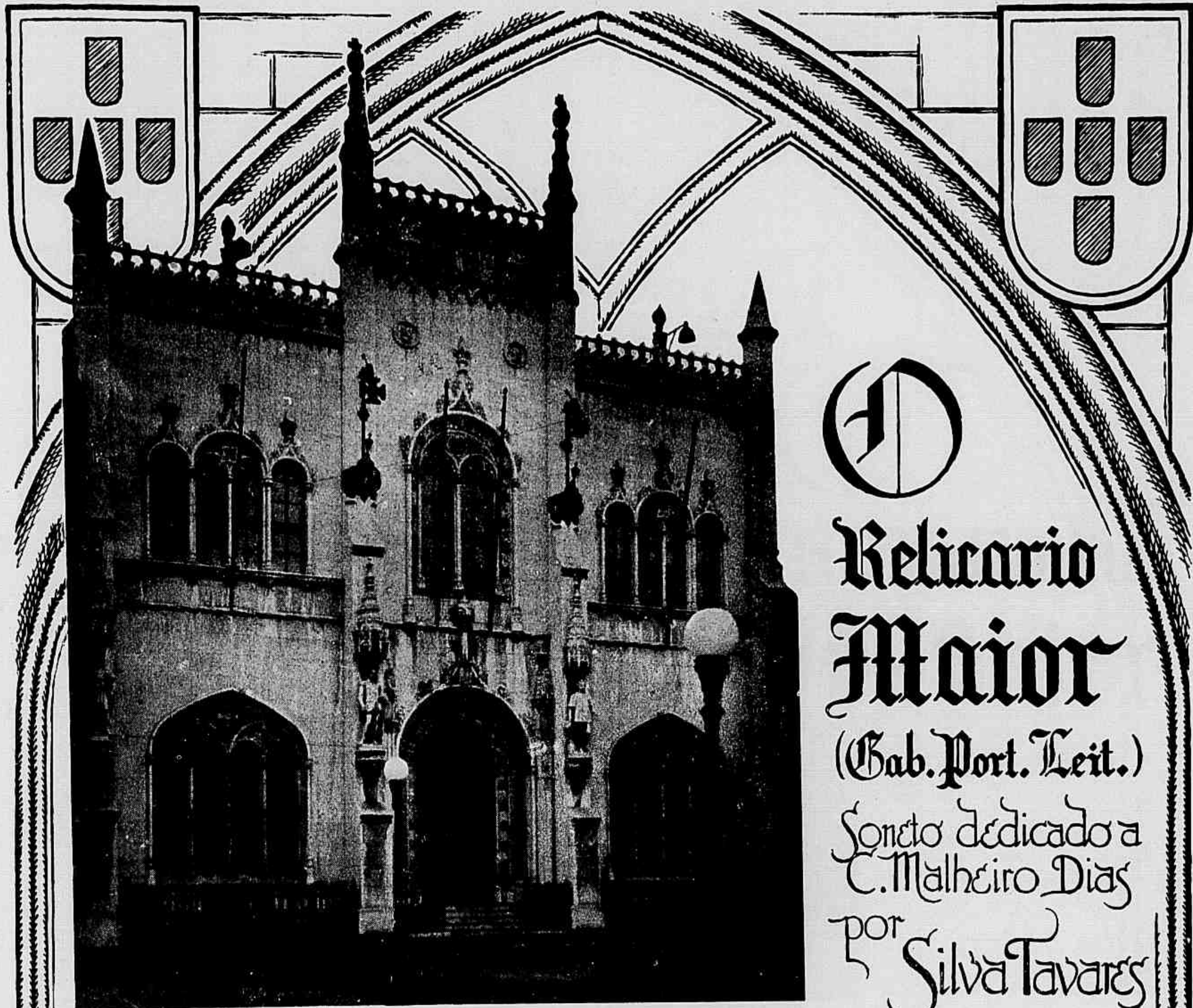
Estabelecimento Cientifico de Cultura Esthetica



DIRECTORA M^{me} CAROL

Massagistas Cabelleiros Manicures Pedicures

AV. RIO BRANCO, 134-1.º (elevador) RUA 7 DE SETEMBRO, 166, loja.



Ao gosto manuelino, trabalhada,
do pórtico ogival, a pedra dura,
— pela Saudade espiritualizada —
grita, a quem passa, a Gloria que perdura.

Camões, no átrio, véla. O livro e a espada
sagram-lhe o pedestal d'alta Figura
de bronzea sentinela, — iluminada
pela chama do Genio e da Tortura!

Honra quem entra. E' como que o sinete
da Fama Portuguesa; o lampadário
perpetuo dêsse Altar feito a buril.

E o atrio, — mundo astral do "Gabinete
Português de Leitura" —, é o Relicario
Maior, da nossa Pátria no Brasil!

Rio de Janeiro, dia de S. João, 1932.

Silva Tavares.



:: O Ultimo Bragança Constitucional ::

Aspectos da sua vida—Seus affectos—Suas amarguras — Seus princípios

Pelo historiador ROCHA MARTINS

Nervoso, irrequieto, balburdioso, D. Manuel de Bragança, quando pequeno, desejava ser maestro. Adorava a música; só ela o aquietava no seu traquinar constante. Porque assim era, e seu irmão D. Luiz tinha o título de Alteza Serenissima, na corte chamavam-lhe Alteza Agitadissima.

Nas suas brincadeiras com as outras crianças collocava-se no pé de igualdade dum garotito que só desejava divertir-se e nenhum dos seus companheiros de folguedos era mais travesso do que elle.

Com o herdeiro do trono guardava algum respeito. E este, julgando-o, ás vezes, pensoso, acariciava-o. Em certo Dia de Reis appareceu a fava do bôlo clássico no bocado pertencente ao infante. Brindaram por aquêle reizito dum acaso festivo.

O principe sorriu; bebeu também e disse: — Rei, elle será quanto eu puder!

Mal sabia a trágica herança que lhe legava.

*

Era muito inteligente, vivo, duma percepção enorme. Observava com ciência certa e o seu instinto levava-o a tomar notas do que ouvia, afim de poder certificar-se das coisas escutadas.

Sómente ignorava que os políticos variam de opinião tanto a miude que só merecem ser atendidos nas razões de momento.

D. Manuel leu *Les Gironettes Politiques*, de Herrison, e nunca mais tomou notas.

*

O primeiro contacto de D. Manuel II com os políticos foi no dia 2 de Fevereiro de 1908, na grande sala do Conselho de Estado, enquanto soavam as salvas por morte do rei e do principe, victimas dos regicidas.

Ele mesmo estava ferido no braço direito pelo raspão duma bala. Os membros do Conselho de Estado tinham tomado lugar junto á grande mēsa, na vasta quadra onde ressaia o quadro precioso de Holbein: a *Fonte da Vida*. Era como uma ironia cheia de beleza naquela atmosfera que falava de morte, entre o luto de duas rainhas e as

fardas com os distintivos evocadores da tragédia, os crêpes.

Entrara o conselheiro João Franco, o ditador da véspera. Os seus adversários repeliavam-lhe a colaboração. Tinham-no dito ao rei. A senhora D. Amélia procurara ainda manter Vasconcelos Porto na pasta da Guerra.

Todos menos elle! disseram os políticos, em palavras mais mansas, de melhor eti-

queta. Preferiam Ferreira do Amaral para formar ministério.

Mas João Franco, antes dêsse conselho, aproximara-se da real criança, com a proclamação, na qual se fazia o juramento constitucional e que terminava dêsse modo: "Outrossim me apraz que os actuais ministros e secretários de Estado continuem no exercicio das suas funções".

A rainha leu; balbuciou: — El-Rei fará o que quiser! O ditador volveu: — Mera fórmula, minha Senhora. Não há outro ministro do Reino para investir Sua Majestade no mando.

O jôvem monarca percorreu o documento e, pela primeira vez, assinou: *Manuel Rei*.

*

Nunca o soberano se aproximou dos republicanos sem uma gentileza. Na própria noite em que se realizava o banquete de Belém, a que assistia Hermes da Fonseca, enquanto a revolução se preparava, elle, voltando-se para Anselmo Braamcamp Freire, vice-presidente da Camara Municipal, pediu-lhe:

— Ha-de dar-me os seus livros! Sei bem que na biblioteca do Paço existem os exemplares que eram de meu pai, mas eu quero-os oferecidos por si!

E o gentil-homem, ligado á República, curvou-se, deferindo o pedido, grave, solene, homem de sociedade.

Recebera Consiglieri Pedroso, que fôra ao Paço com os lentes das Escolas Superiores. Solicitou-lhe a sua comparencia mais vezes. O professor calou-se; o Soberano insistiu e, ante aquêle silencio, tornou:

— Dir-me-á, talvez, que é republicano e que, portanto, não deve frequentar o Paço. E' republicano e amigo do seu país, não é verdade? Pois eu também sou amigo do meu país. Venha, que nos havemos de entender!

Foi o primeiro encontro com um adversário da Monarquia. Tinha 19 anos.

*

O seu grande amigo e confidente era o



D. Manuel com os hábitos da Jarreteira, Tosão de Oiro e Cruz das Três Ordens
(Retrato tirado ainda este ano.)

conselheiro Wenceslau de Lima. A intriga mais feroz, que chegou á ignomínia, se erguera contra aquêlê estadista. D. Manuel sentira no carinho sincero com que êle o tratava, alguma coisa de terno, bem diferenciado das mentirosas vénias e lisonjas. Por isso o consultava e o benqueria. Tenho aqui um autógrafo daquêlê honrado politico, que termina assim: "Ser fiel á memoria de El-Rei D. Carlos entendi que era servir o filho com sacrificio próprio e servir El-Rei D. Manuel era não pensar na minha individualidade, mas na sua conveniência."

Foi o primeiro homem de Estado que correu para junto do rei proscrito.

*

O monarca sofria.

No meio das suas amarguras procurava manter uma firmeza que ficava muito bem aos seus vinte anos. Uma vez, dirigindo-se ao conselheiro José Luciano, sôbre um rascunho de Wenceslau de Lima, arredondou os períodos, deu-lhes ríorma e num dêles perguntou ante as queixas do chefe progressista:

"Parece-lhe conveniente que um rei intervenha nas lutas entre os politicos? Parece-me que seria um erro. Muito interferiu meu pobre e sempre chorado pai e daí resultaram bem tristes e trágicas consequências."

Em todo o caso, mais tarde, declarava num fundo desabafo:

"Um rei nunca pôde nem deve desanimar; o que me entristece é encontrar tão pouca boa vontade e tão pouca boa fé de lado a lado!"

*

Se Eduardo VII tivesse vivido mais tempo, demorar-se-ia a proclamação da República em Portugal. O rei britânico era um grande amigo da familia real portuguesa e gostava tanto de D. Manuel como detestava o kaiser, seu legítimo sobrinho.

Quando o rei recém-aclamado foi a Londres receber a investidura da Ordem da Jarreteira, encheram-no de atenções e de carinhos. Sobretudo, a rainha Mary desejou fazê-lo esquecer que se encontrava longe da sua Pátria.

O casamento do monarca em Inglaterra falhou pela grande propaganda feita por um jornalista brasileiro, Oscar de Araujo, que enchia colunas no *Manchester Guardian*, apontando os perigos que corria a princesa destinada a partilhar o abalado trôno.

Nem Patrícia de Connaught nem Maud de Fife seriam suas noivas.

O jornal britânico fôra implacável ao inserir estas linhas:

"Uma aliança com um trôno instável é igualmente má sob o ponto de vista inglês como sob o ponto de vista português. Tanto os ingleses como os portugueses pôdem vêr com maus olhos uma aliança material, cujo único fim seria amparar um trôno que vacila."

Dai por diante lançaram-se as vistas matrimoniais para o lado da Alemanha. A noiva escolhida era a neta daquela lindíssima princesa D. Antónia, que o imperador Guilherme I quisera fazer soberana

de Espanha. Filha de D. Maria II, adorável sob todos os aspectos, casara com Leopoldo de Hohenzollern, de cujo consórcio nasceria o pai de Augusta Vitória, hoje viuva de D. Manuel II.

*

Houve, porém, e decerto entre outras, uma formosíssima mulher que adorou o rei, então em plena mocidade. Conseguira encantar aquêlê formosura. Chamava-se Gaby Deslys. Como num pressentimento, tomara aquêlê apelido de Deslys. Actriz admirada, mais por sua beleza do que por sua arte, deixara-se fascinar.

Êle ia visitá-la. Saindo do Hotel Bristol, da praça de Vendôme, pela porta da rua Castiglioni, dirigia-se á residência da célebre artista. Ela nunca mais o deixou. Queria escrever-lhe, e, como o rei não desejava as suas cartas no paço real, com-



D. Manuel conversa com a Condessa de Figueiró, numa festa em Lisboa.

binou-se que seriam enviadas para um dignitário. Por sinal, quem foi em busca dessas missivas encontrou outras, de espécie inteiramente diversa, e as quais geraram um grande escandalo parlamentar.

Gaby Deslys esteve em Portugal. Amava enternecidamente a mocidade do Soberano. A que fôra uma sacerdotiza do amor, estava vencida.

Pedira-lhe o seu retrato, com uma dedicatória, e êle, apenas muito novo, se a presenteara com várias joias, recusara-lhe sempre a fotografia, dizendo-lhe:

— Não dou, não devo oferecer-lha!

*

Quando entrou no seu exílio, D. Manuel II chorou. Saudades da Pátria o alcançavam, mas, sobretudo, um enorme pasmo o enchia ante as adesões á República que lia nos jornais portugueses.

Voltava-se para a mãe e exclamava:

— Êste que me dizia isto; aquêlê que me falava assim! Lembra-se do que se passava com F.? E o B., e o C., e o D.? Os nomes sucediam-se, estranhamente, ante a sua retina molhada de lágrimas.

Devia, só então, compreender que um trôno não se aguenta com semelhantes esteios.

Se até o general Carvalho não deixava a ninguém o cuidado de o ajudar a vestir o sobretudo!

*

Não amava as conspirações. Desviava os conspiradores. Nisto lembrava João Franco, que ao ser peitado para o preparo da incursão, quando se encontrava em Biarritz, exclamara:

— Sim, senhor! Mas ressuscitem o rei e o príncipe! Eu também morri no dia 1 de Fevereiro de 1908!

*

D. Manuel II conservava a dignidade do juramento de rei constitucional e tanto que, ao ser procurado pelos delegados integralistas, em 1919, e ao ouvi-los falar, segundo os seus princípios, aliás tão respeitáveis como todos os outros "em poder pessoal do rei", redarguiu-lhes: "que essas palavras não deviam nunca empregar-se".

Há pouco tempo, ainda, recordando-se-lhe o seu juramento de 1908, feito ante as Côrtes, respondeu que o manteria até que um Parlamento o desligasse dessa fórmula.

Ante esta declaração, retorquiu-se-lhe com argumentos ante o que bulia nas razões constitucionais. D. Manuel II volveu:

— Acima de todos os trônos está á Pátria!

*

Uma frase do rei:

— Em Portugal mama-se leite e mama-se politica.

Outra, a respeito de certo chefe vencedor em terrível e memorável luta intestina:

— Aquêlê criou fama e esqueceu-se de se deitar a dormir! Se o fizesse era o árbitro!

*

Se a maioria dos portugueses fôsse como essa real criança, Portugal estaria salvo!

E' êste o conceito que Leon Painsard fez do monarca, com o qual mantinha relações.

Briand, ao conhecê-lo, em 1909, definira-o assim:

— E' alguém com quem se deve contar!

*

Morto o último Bragança constitucional, que estabelecia o equilíbrio no seu partido, não se podendo já ouvir os seus conselhos e determinações, alguém, que muito se interessa por uma rápida solução politica, dizia:

— Há, pelo menos, dois caminhos a seguir: aderir á União Nacional ou ao Integralismo Lusitano.

Volveu-se-lhe:

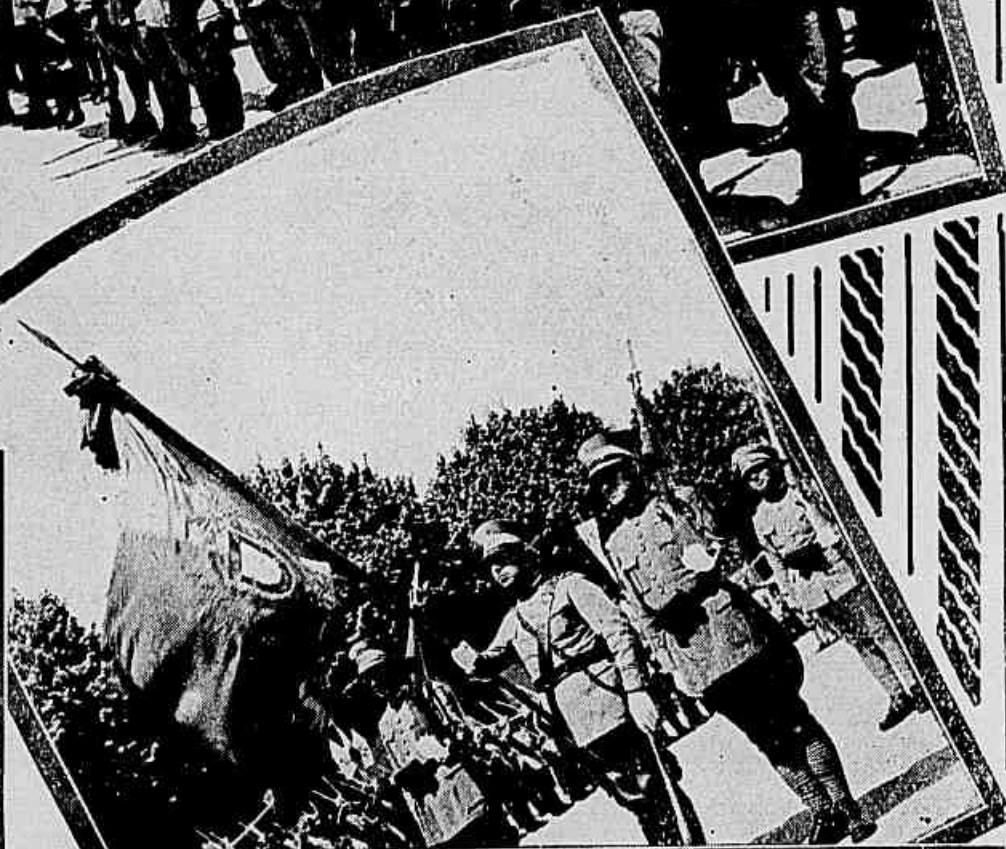
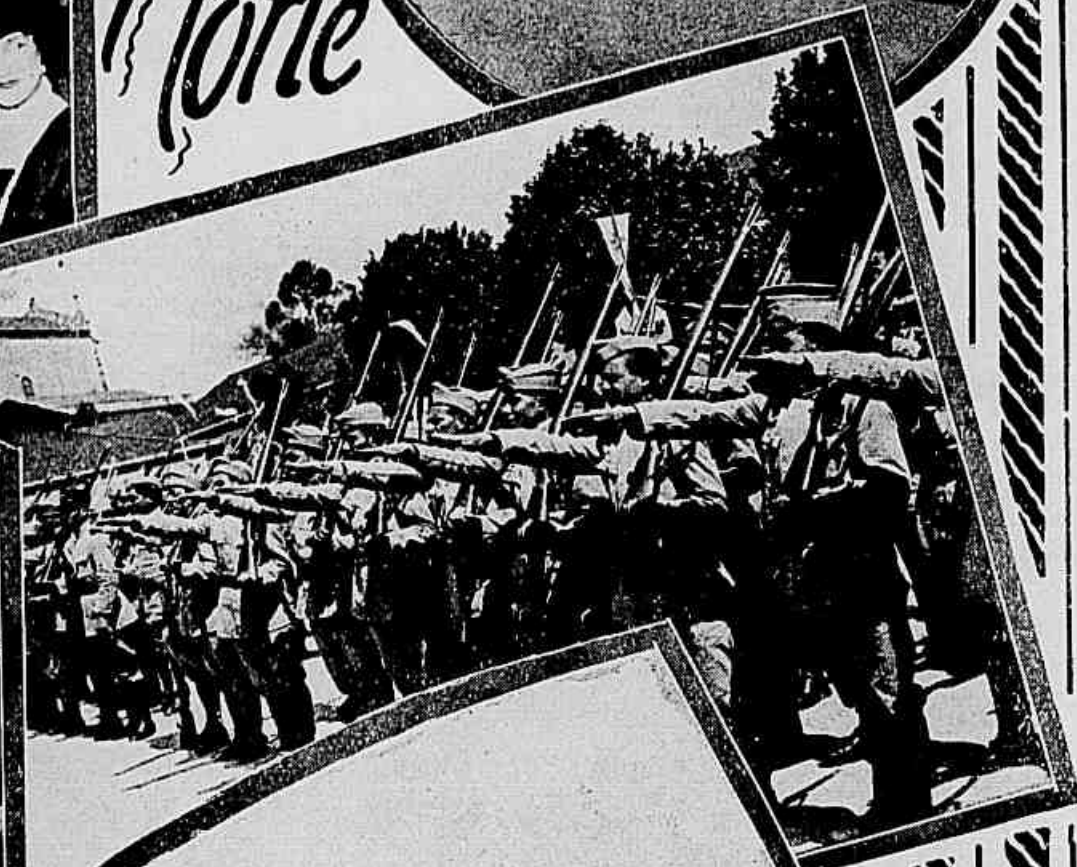
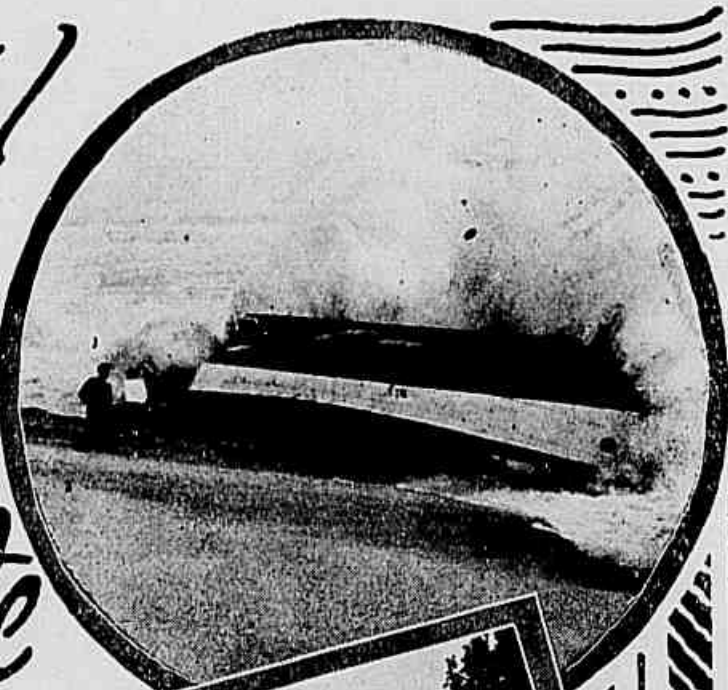
— O corpo do rei ainda está insepulto. Tais decisões só servem para quem não pôde estar muito tempo sem coleira!

ROCHA MARTINS



Novidades da Capital

do Norte



Vêm-se nas duas gravuras à esquerda, nesta página, dois aspectos do chá de caridade realizado do Grande Hotel do Porto, em benefício da Casa dos Pobres; em baixo e no oval do alto, à direita, dois flagrantes do naufrágio do vapor "Gauss", em Leixões; na primeira, o vapor ao longe, e no oval a fúria do mar lançando um barco para a praia; as duas gravuras a seguir, também à direita, são aspectos do juramento da bandeira em infantaria 18 e, ao fundo, os funerais das vítimas do vapor "Gauss".

(Fotos J. Mesquita.)



Como foi noticiado na PATRIA PORTUGUESA, revestiram-se de grande importância as festas do "Dia da Colônia" no Pará. Nestas duas gravuras, que mostram bem o brilhantismo dessas festas, vêem-se um aspecto da missa campal e a assistência que abrilhantou a grande sessão solene.

À MEMORIA

DE

D. Manuel

de

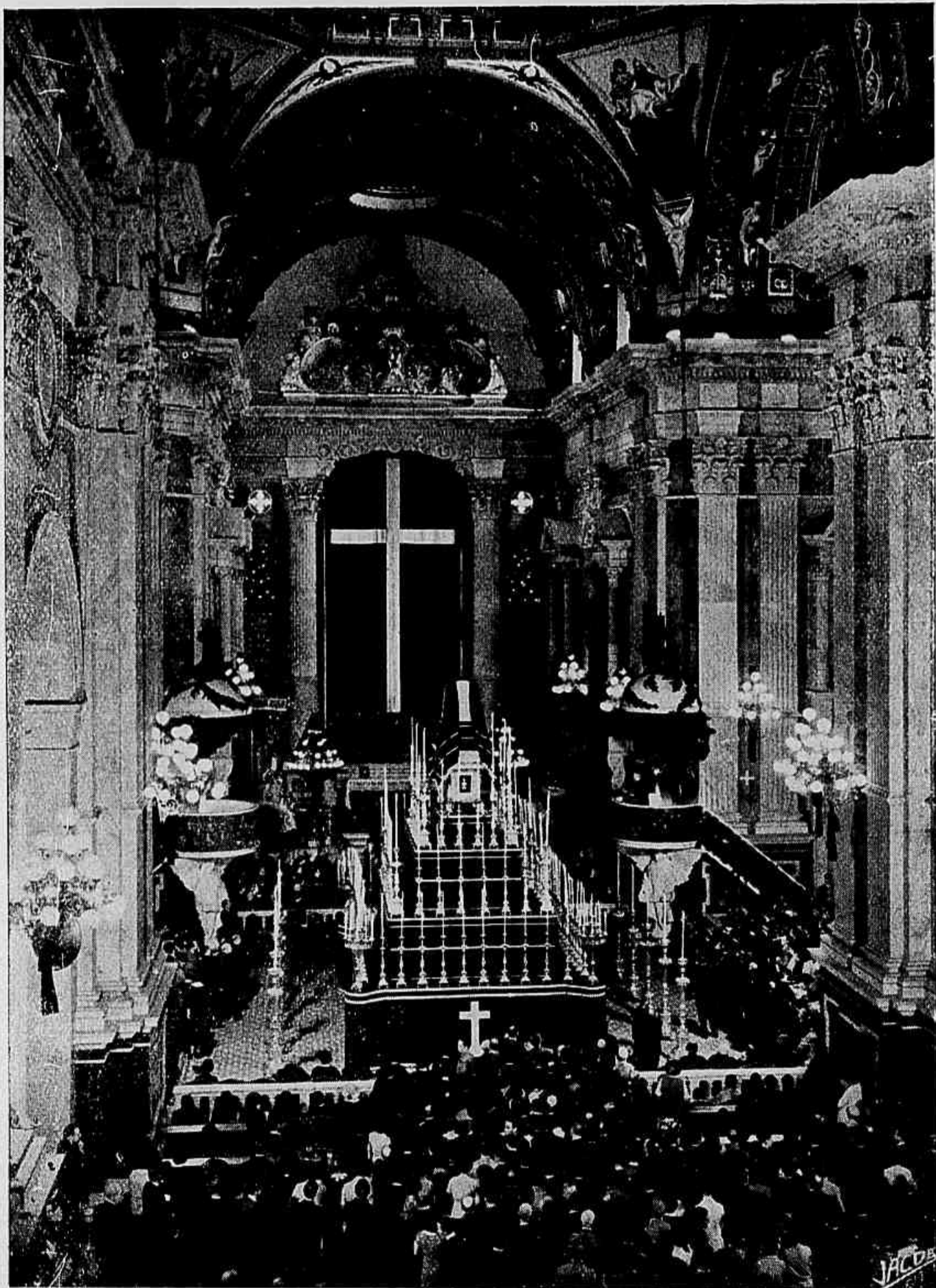
Bragança

Sufragando a alma de D. Manuel de Bragança, realizaram-se no dia 21 p. p., na igreja da Candelária, solenes exéquias mandadas celebrar pelo Sr. Conselheiro Camelo Lampreia, ex-ministro de Portugal no Brasil, e pelas sociedades: R. Gabinete Português de Leitura, R. S. Portuguesa de Beneficência, Liceu Literário Português, Liga Monárquica D. Manuel II e R. S. Condes de Matosinhos e S. Cosme do Vale. Foi celebrante o bispo D. Mamede, fazendo a encomendação S. E. o Cardial D. Leme. A oração fúnebre foi feita pelo rev. padre José Maria Alves da Rocha. As exéquias tiveram a assistência das altas autoridades portuguesas e brasileiras e muito povo.

* * *

Também no dia 9 do p. p. se realizaram com o mesmo fim, missas mandadas rezar pelas associações: R. B. Caixa de Socorros D. Pedro V, R. Centro da Colônia Portuguesa, R. A. Beneficente dos Artistas Portugueses, R. A. Socorros Mútuos D. Luiz I, Congregação F. T. D. Carlos I, Centro B. D. Amélia, Sociedade F. Açoriana, F. Filhos da Lusitania, Congregação dos Artistas Portugueses, Centro Trasmontano e A. B. Memória a Luiz de Camões.

Como as exéquias, as missas foram assistidas também por muito povo, achando-se o vasto templo da Candelária completamente cheio.



Interior da igreja da Candelária no dia das exéquias.



NA CASA DE PORTUGAL

Na última segunda-feira, por iniciativa da directoria da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, realizou-se no salão nobre da Casa de Portugal uma conferência sobre "A expansão da lingua portuguesa nas cinco partes do mundo", sendo conferencista o brilhante tribuno brasileiro Dr. Bertho Condé.

Aquela directoria escolheu a data de 25 do corrente para essa conferência, pois ela é de alto significado para nós, portugueses, porque marcava o 57.º aniversário da data da sentença exarada pelo marechal MacMahon, sobre o pleito submetido a seu julgamento, na qualidade de presidente da República Francesa, pelos governos de Portugal e da Inglaterra, a propósito das contendas pela posse da ilha Imbaca e mais territórios circumvizinhos de Lourenço Marques, e na qual foi dado ganho de causa a Portugal. A conferência, que teve a assisti-la numerosa assistência, foi presidida pelo Sr. Cônsul Geral, Dr. Pedroso Rodrigues, sendo o conferencista muito aplaudido.



LEOPOLDINA BELO em LISBOA

Reproduzimos nesta página ainda alguns aspectos das festas em Lisboa, realizadas em homenagem à "Rainha" e à "Princesa" da Colónia. A' esquerda, de cima para baixo: A "Rainha" e a "Princesa" juntamente com os excursionistas na recepção que lhes foi feita na Camara Municipal, onde foram saudadas pelo General Vicente de Freitas, presidente do Município; no chá do Tivoli, a "Rainha" e o actor Erico Braga; a "Rainha" com a sua colega do Grémio Beirão no espectáculo e recepção do Teatro Capitólio; no chá oferecido no Tivoli a "Rainha" agradecendo a homenagem.

A' direita, na mesma ordem — A Srta. Leopoldina Belo descendo do côche que a conduziu ao Parque Mayer, onde recebeu a maior das manifestações populares; a Srta. Amélia Borges Rodrigues, na festa de homenagem que lhe ofereceu o Grémio do Minho; á saída do Palácio, depois dos cumprimentos ao Sr. Presidente da República.

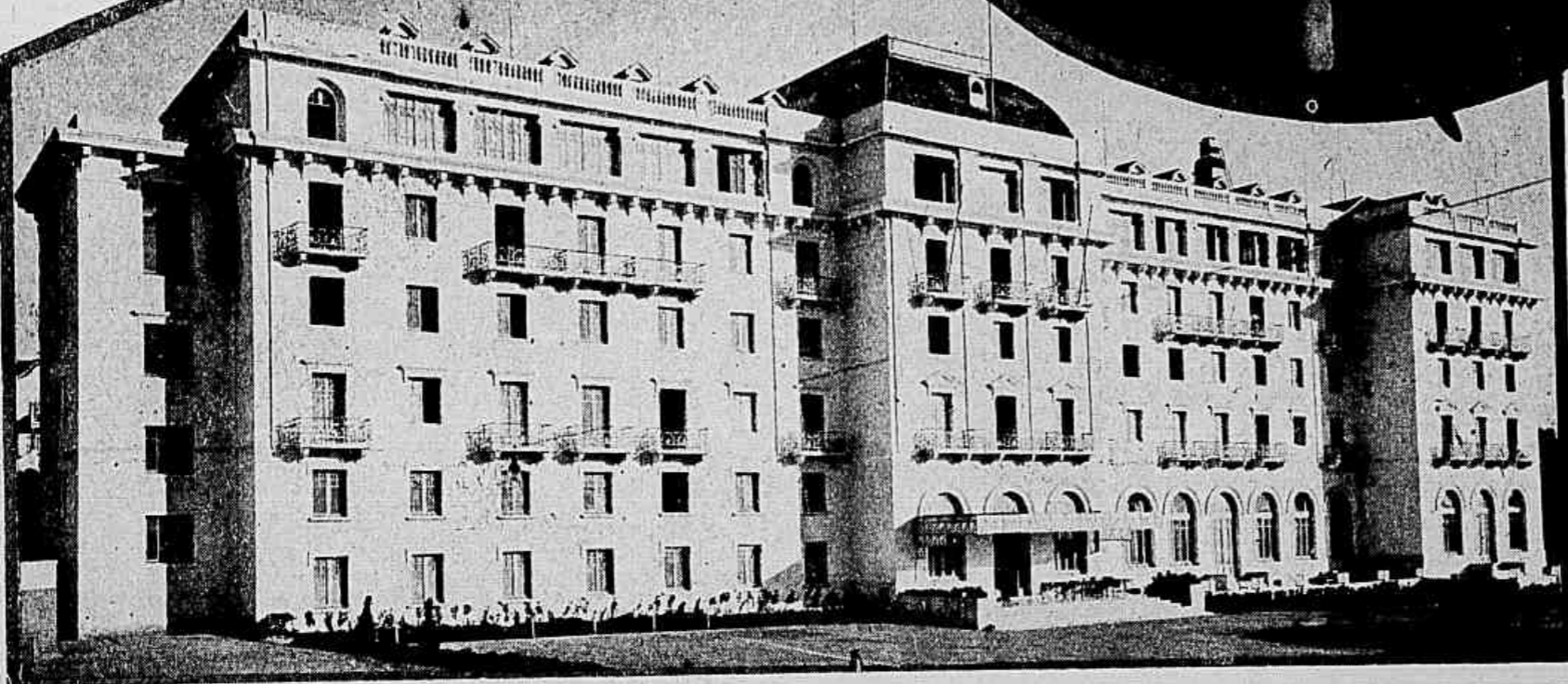
(Fotos M. C.)

A RAINHA DA COLÔNIA

HOSPEDA-SE NO ESTORIL



Mais em homenagem aos portugueses do Brasil do que própria "Rainha" da Colônia, a Srta. Leopoldina Belo tem sido delirantemente recebida em Portugal. Desde a sua chegada a Lisboa têm sido ininterruptas as festas e atenções de que a têm cumulado por toda a parte e em todas as terras que tem visitado, tanto pelas autoridades oficiais, a começar pelo Chefe do Estado que a recebeu em audiência especial, como pelo povo. A "Princesa" da Colônia, que também ali se encontra, tem tomado parte nessas festas, recebendo igualmente inúmeras manifestações de simpatia. A "Rainha", logo que desembarcou, dirigiu-se ao Estoril, hospedando-se no Palace-Hotel, que é um dos melhores de toda a Europa. Ali tiveram início as grandes festas em sua homenagem, das quais nesta página damos vários flagrantes: A' esquerda, de cima para baixo — A "Rainha" desembarcando na Estação do Estoril, ao lado da escritora D. Adelaide Bramão e Comissão de Recepção; a "Rainha" junto à carruagem do comboio especial que a conduziu ao Estoril; o magnífico e luxuoso Palace





-Hotel onde se hospedou e o baile de recepção no mesmo hotel. Ao centro, em cima e em baixo: A Srta. Leopoldina acariciando as primeiras flores da nossa terra. A' direita, também de cima para baixo: A distribuição dos prémios aos vencedores das provas do 2.º Pentatlo Português efectuado no Estoril; na festa de S. João realizada na esplanada do Tomariz e um aspecto da sala de espectáculos do Casino do Estoril, na noite da recepção. — (Fotos da Sociedade Propaganda da Costa do Sol.)



1961



LEOPOLDINA
DE LO
em
Vila Nova
de
GAIA



Vêm-se nesta página vários aspectos da visita da Srta. Leopoldina Belo á casa Morgado & Silva, de Vila Nova de Gaia, onde foi recebida com grande carinho. Presidiu a recepção nesta importante firma, uma das maiores de vinhos do Porto, o Sr. Cônsul do Brasil nesta cidade, sendo a "Rainha" cumulada de gentilezas, não só por parte dos seus proprietários, mas de toda a população de Gaia, que homenageou na enviada dos portugueses do Brasil todos aquêles que aqui vivem e trabalham com os olhos sempre fitos no altar da Pátria.

(Fotos J. M.)



Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados :-: rados :-:

Visita do Sr. Embaixador de Portugal, Dr. Martinho Nobre de Melo, que se fez acompanhar do secretário da Embaixada, Sr. Dr. António de Faria, à Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados. S. Ex.^a percorreu atenciosamente todas as dependências da benemérita instituição, onde foi recebido por todos os seus directores e muitos associados, como se vê nas gravuras que ao lado reproduzimos.

No Orfeão Português

A SESSÃO SOLENE E FESTA COMEMORATIVA DA PASSAGEM DO SEU ANIVERSARIO DE FUNDAÇÃO, VENDENDO-SE: EM CIMA, UM ASPECTO DA PCSSE DA NOVA DIRECTORIA QUANDO FALAVA O SEU PRESIDENTE, SR. ANTONIO DE OLIVEIRA BRITO, E, EM BAIXO, UM FLAGRANTE DO IMPONENTE BAILE. A SESSÃO SOLENE DE POSSE DA DIRECTORIA FOI PRESIDIDA PELO SR. CONSUL ADJUNTO, DR. MARCELO MATIAS.



O jornal francês "Je Sois Tout" diz o seguinte, aludindo á moda, que está grassando também entre nós, de não usar chapéu na cabeça:

"Mesmo durante as sessões do naturismo, o uso do chapéu recomenda-se, se o sol fôr um pouco ardente. Uma cabeleira abundante não protege o coiro craneano contra a transpiração, e a cabeça pôde congestionar-se, bem como o peito, se sofrer mudanças bruscas de temperatura. Não usar chapéu no inverno, ou qualquer outra coisa na cabeça é expôr-se ás sinusites, cons-

Não se deve deixar de usar chapéu

OU QUALQUER OUTRA COBERTURA NA CABEÇA, SOB PENA DE DOENÇAS GRAVES

tipações do cérebro que pôdem fazer-se acompanhar de dôres de cabeça intensas, e de vômitos.

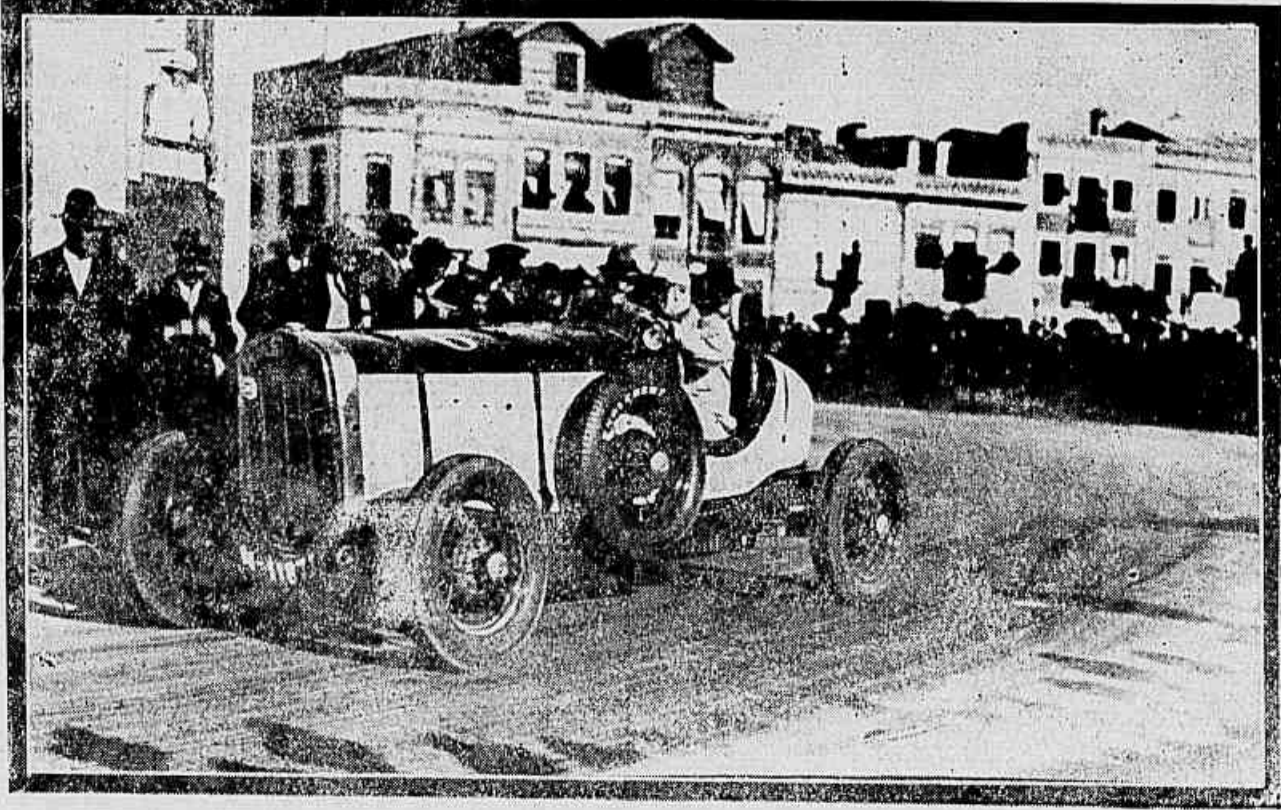
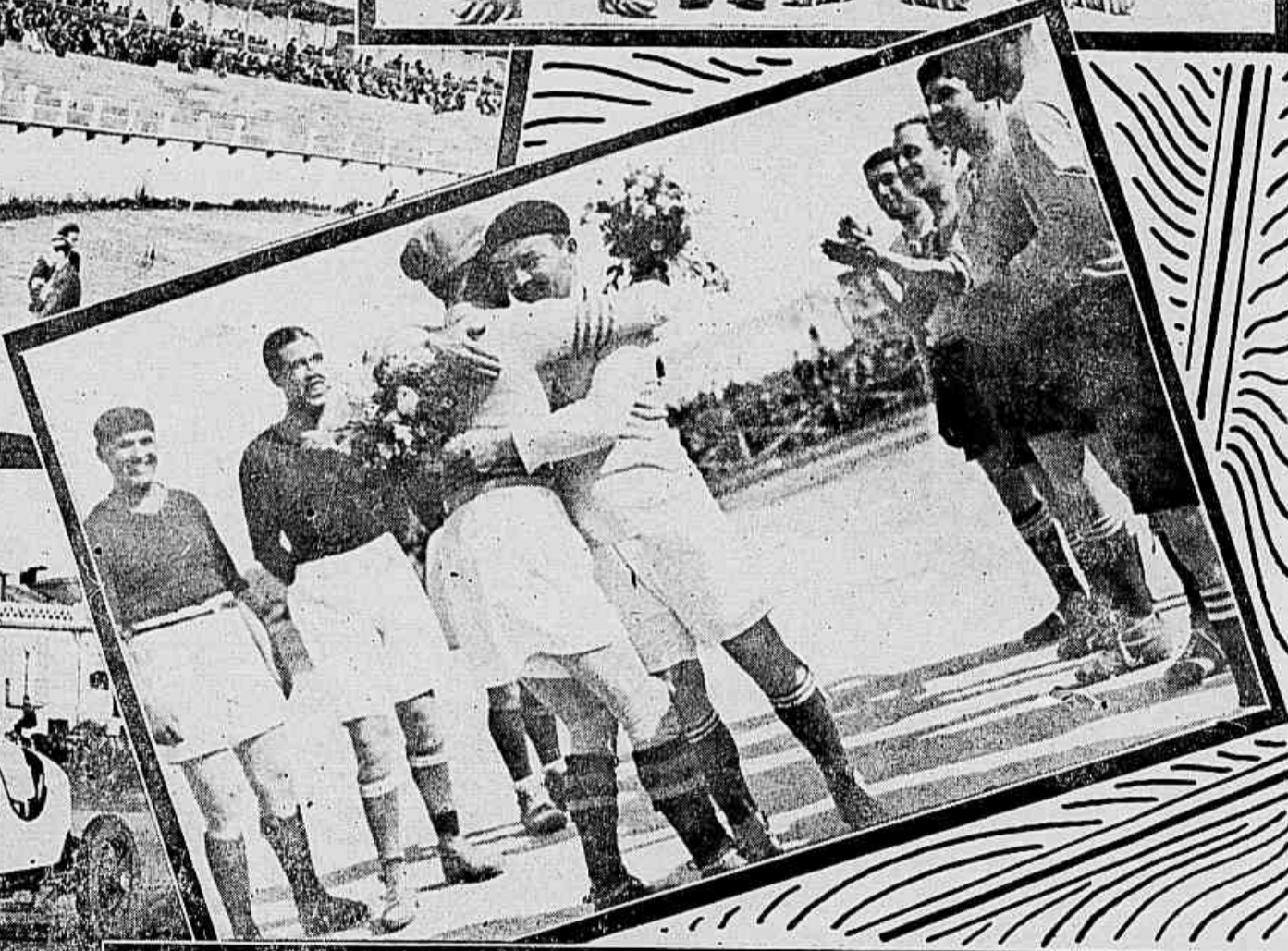
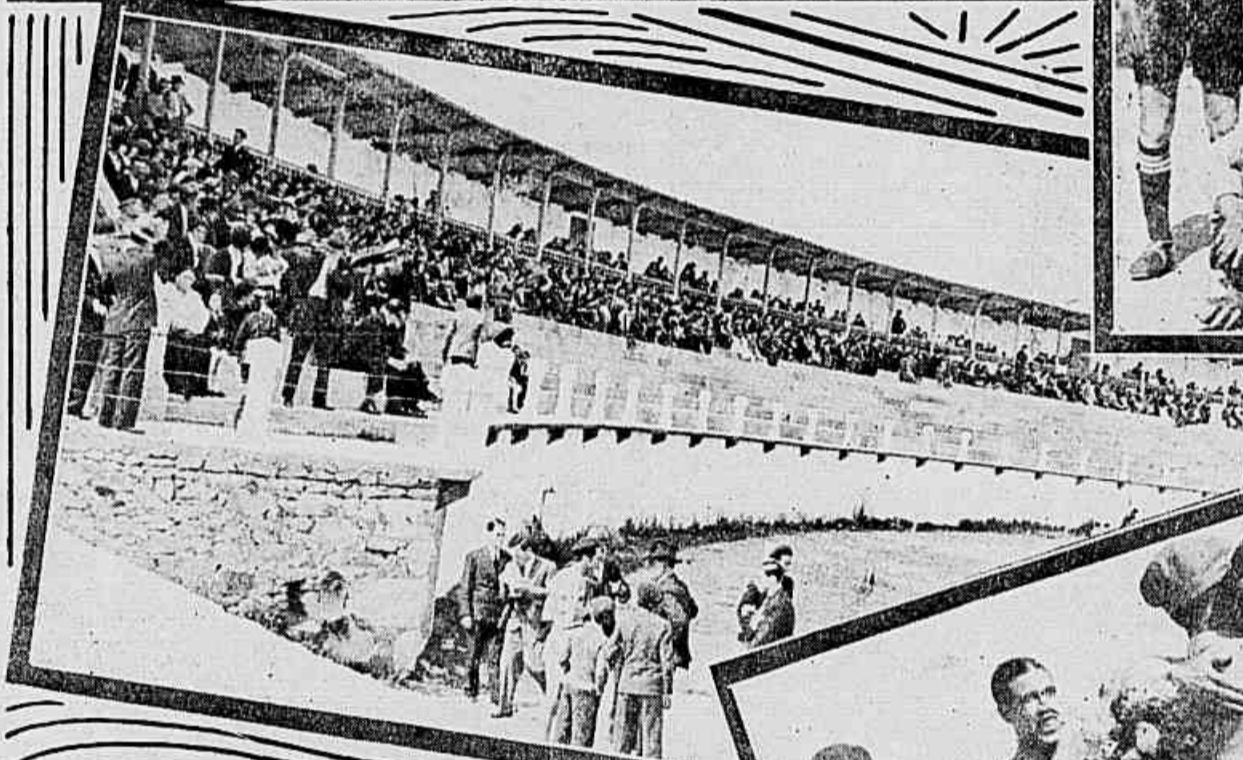
"A insolação não é menos grave.

"Pôde-se apanhar uma indigestão de sol, efectivamente este último, com as suas sete

côres visíveis, os seus raios ultra-violeta e os infra-vermelhos invisíveis, actúa como uma substancia material e incorpora-se connosco.

"Não podemos imaginar a sensibilidade de algumas peles. Apenas alguns minutos de exposição ao sol e os tegumentos coram, avermelham-se, queimam-se. Assim como os médicos reconhecem a utilidade do nudismo integral, outrotanto desaconselham o abandono do chapéu que tanto pôde ser a causa, no inverno como no verão, de doenças graves, senão mortais."

Na Póvoa de Varzim Vida Sportivam



Na Póvoa de Varzim comemorou-se com uma linda festa sportiva mais um aniversário da inauguração do Stadium Gomes Amorim, que é um dos mais importantes do país. Nessa festa inaugurou-se também um campo de basketball e houve um desafio entre "teams" de sócios solteiros e casados, que causou grande sucesso, porque eram todos pessoas de destaque e muitos deles nunca tinham jogado. Reproduzimos nesta página vários aspectos dessa encantadora festa.

(Fotos M. A. D.)

Pelo Progresso Interesses da Provincia



Comissões em
conferência
com o Governo



Tratando de assuntos das suas respectivas regiões, vários delegados da provincia têm ido a Lisboa conferenciar com os membros do Governo. Dessas comissões de delegados vêem-se nesta página, de cima para baixo: A comissão de Aveiro que foi recebida pelo Sr. ministro do Comércio; a comissão do Bombarral que também conferenciou com o mesmo titular; a comissão de Cadaval que tratou de assuntos referentes á lavoura com o Sr. ministro da Agricultura; a comissão de durienses que tratou da questão vinícola com o Sr. ministro das Finanças, e a Comissão da Figueira da Foz que junto dos Srs. ministros da Instrução e Interior pleiteou a fundação de um Liceu naquela cidade.

(Fotos M. Costa.)

Conselheiro Camêlo Lampreia

A gravura que se vê ao lado mostra as pessoas que tomaram parte no banquete oferecido ao Sr. Conselheiro Camêlo Lampreia que no dia 24 do p. p. embarcou para Portugal a bordo do "Nyassa". O banquete, que teve lugar no Hotel Glória, foi-lhe oferecido por iniciativa do Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português, Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados e Centro Lusitano D. Nuno Alvares Pereira, com o apoio da Federação das Associações Portuguesas. Fez o discurso de saudação o Sr. Carlos Malheiro Dias, e foi presidido pelo Sr. Embaixador de Portugal.



A gravura que se vê ao lado mostra as pessoas que tomaram parte no banquete oferecido ao Sr. Conselheiro Camêlo Lampreia que no dia 24 do p. p. embarcou para Portugal a bordo do "Nyassa". O banquete, que teve lugar no Hotel Glória, foi-lhe oferecido por iniciativa do Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português, Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados e Centro Lusitano D. Nuno Alvares Pereira, com o apoio da Federação das Associações Portuguesas. Fez o discurso de saudação o Sr. Carlos Malheiro Dias, e foi presidido pelo Sr. Embaixador de Portugal.



ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE — Mesa que presidiu à sessão solene comemorativa do 61.º aniversário de sua organização, há dias realizada.

já o S. Jorge corre a bom galopar para a praça de Deu-la-Deu afim de se degladiar com o temível dragão. O povo assiste á luta com interesse, anima os contendores e chega a entusiasmar-se ao exagêro. S. Jorge acaba por mergulhar a lança de que está prevenido no costado da "Coca" e tal façanha arranca aplausos aos milhares de presentes. Sucede ás vezes ser o S. Jorge o derrotado... porque o ferrador já dispendera a meia libra, que é a paga do seu papel, em libações precipitadas. O fanatismo de muita da gente que assiste ao espectáculo é tal, que tamanho desastre é tomado por escandalo e deveras a desgosta. "A Santa Coca venceu o S. Jorge, parece incrível!"

Acredita-se que aquela luta simboliza uma outra do Deus solar com a serpente, alegoria para as águas do oceano proceloso. E segundo a Enciclopedia de Maximiano de Lemos, "é um resto das crenças primitivas dos getas e escandinavos", em que há o palpite de éras fartas em dilúvios.

Agrada aos milhares de forasteiros que vão a Monsão presenciar a batalha de S. Jorge com a "Santa Coca", nos quais se contam muitos espanhóis, espectáculo tão de sensação. Na debandada é corrente a frase já consagrada: "Por causa da "Santa Coca" perdi o diabo da missa." Por aqui se avalia o grau do fanatismo dessa gente que mistura as suas crenças cristãs com cerimónias do mais retinto culto pagão.

ALBERTO COUTO

Viana do Castelo

A "Santa Coca"

Há tradições poupadas pelos assomos iconoclastas desta idade de transformações e que conservam, ainda, para consôlo dos antigos e animosidade dos novos, o mesmo sabor, originalidade e graça de outrora. Celebraram-se há bem pouco tempo, em Monsão, as conhecidas festas do Corpus-Christi, onde os estrangeiros podem admirar uma procissão pouco vulgar — procissão essencialmente católica que figuras pagãs desvirtuam. Abre o préstito uma charanga de "gaiteiros". Segue-se, conduzida aos ombros de barqueiros, a imagem de S. Cristóvão. Depois, marcha o "boi bento", um boi de pontas doiradas e coberto com um manto ornado de vistosos galões de ouro. E' atributo certo desta procissão o "carro das ervas", devoção dos marchantes da vila, que cuidam enfeitá-lo com flores e buxo. Porém, os principais figurantes são um S. Jorge — que o ferrador simboliza equipado a preceito com inexpugnável armadura e montado em ruim cavaliço — e a "Santa Coca", monstro lendário, espécie de dragão fabricado em lona, com 5 metros de comprimento por dois de altura, em que as patas são substituídas por rodas e movi-

mentada por dois homens que tomam lugar no seu ventre. O povo teme esse bicho de escamas verdes e reluzentes, com asas, chifres e cauda.

Ainda a procissão não tem recolhido e



VIAJANTES — Regressou há dias de Portugal, para onde havia partido em viagem de recreio, o nosso compatriota e comerciante desta praça Sr. Matias da Silva, proprietário da importante "Casa Matias", na Avenida Passos. A presente gravura mostra um aspecto do seu desembarque, recebendo os cumprimentos de alguns dos seus amigos, vendo-se á frente os seus filhinhos.



SPORT NO RIO

Football e Atletismo

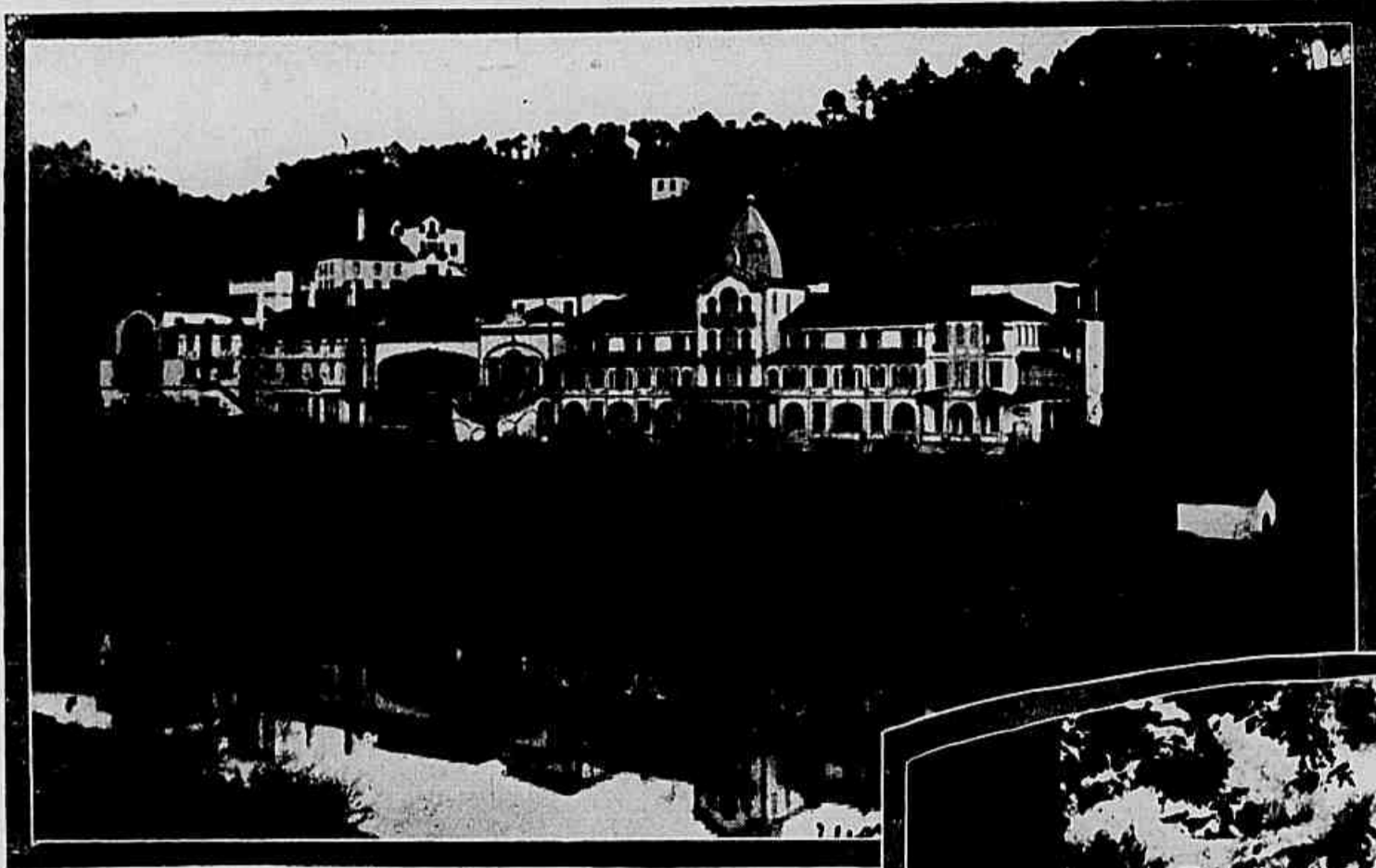
Conquanto na quinzena que hontem findou as diversas modalidades esportivas não tivessem tido provas de grande relevo convém notar que o inicio do retorno do campeonato carioca de football foi extraordinariamente movimentado, tendo os doze clubes que compõem a Primeira Divisão da Ameal, ef-



ctuado os jogos da tabela com bastante animação, conseguindo o Botafogo continuar na liderança do campeonato, seguido logo pelo Bangu, que se colocou como sub-"leader" derrotando o Fluminense. Em nossas gravuras vê-se: Em cima, dois aspectos do jogo America x Andaraí, de que resultou o empate de 1 x 1. Ao centro, dois aspectos do último jogo do turno, entre o Flamengo e o Vasco da Gama e de que resultou a derrota dos cruzmaltinos, e ainda um dos atletas vascoanos na disputa das eliminatórias da



competição atlética do Vasco da Gama efectuada em seu estádio da rua Abílio, estando na gravura do fundo todos os concorrentes dessa competição.



O VERÃO em PORTUGAL

NAS MARGENS
DO VOUGA

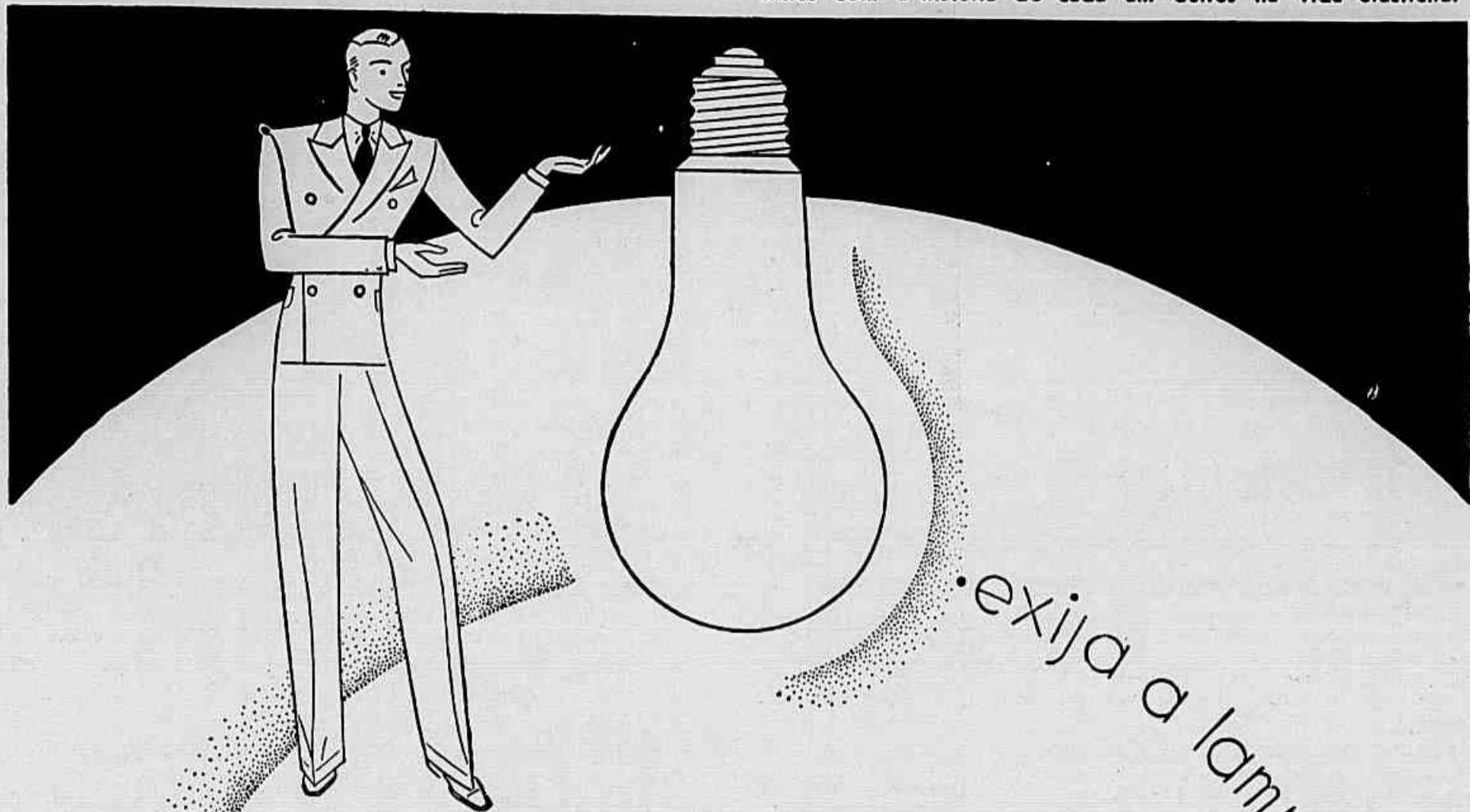


Como tôdas as estações do ano, o verão tem os seus encantos em Portugal. O campo, sobre tudo, é o grande refúgio dos que procuram gosar a vida, e as termas são procuradas para estação de cura, de repouso e de recreio também.

As fotografias que aqui reproduzimos são vários grupos de veranistas nas márgens do Vouga, em S. Pedro do Sul. Vêem-se: à esquerda, ao alto, o Hotel das Termas, e nas restantes fotos os veranistas que se divertem pelos arredores em pescarias e pic-nics.

(Fotos Dr. J. Mota.)

Ligue para a Radio Sociedade Record (PRAR) ou para a Philips do Brasil (PRAX) terça-feira às 21,30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretês e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.



Eis uma lampada aperfeiçoada

O primeiro grande passo no sentido de melhorar a iluminação foi dado pelo lampeão a kerosene quando interpoz o vidro entre a chamma e os olhos do homem.

★ As lampadas electricas foscas por fóra tentaram uma segunda melhoria: evitar á vista a visão do filamento em incandescencia. Mas a fosqueação por fóra desperdiçava muita luz.

Porisso, a lampada electrica fosca por dentro constitúe o maior aperfeiçoamento dos tempos modernos: não desperdiça luz e evita aos olhos o deslumbramento que o brilho da luz occasiona.

EDISON MAZDA
GENERAL  ELECTRIC



exija a lampada fosca internamente.

LUZ...  MAIS LUZ...  A MELHOR LUZ... 

A LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

(Especial para a LUSITANIA)

Antes de tratar da actualidade da lingua portuguesa no Japão, queremos fazer uma digressão sobre os primórdios de sua história.

Como é do domínio público, o maior factor da civilização moderna japonesa foi a intervenção das nações europeias, destacando-se entre elas a portuguesa. Verificase, pela pesquisa histórica, que já em 1542, quando chegou inesperadamente um grupo de naufragos portugueses á Ilha de Tanegashima, ao sul do Japão, começou o contacto intelectual entre os dois países. Portugal nessa época conquistava a Africa Ocidental e as costas da India, chegando a Macau, antes em 1537.

Faltava apenas uma etapa para alcançar o "País Dourado" cujas narrativas admiráveis se encontram nas descrições de Marco Polo.

Aportou aí, consideravelmente, a civilização lusitana. A lingua, a fé cristã, os costumes e a civilização material, em geral, contribuíram enormemente para o desenvolvimento do Japão moderno.

A civilização, aí introduzida pelos lusitanos, enraizou-se fecundamente em solo fértil, e se não houvesse a proibição do catequismo e o fechamento do comércio exterior, o intercambio intelectual e comercial entre lusitanos e japoneses teria assumido maiores proporções. Apesar de haver enfrentado toda espécie de opressão e desprezo, de que se originaram tremendas lutas religiosas, chegou a nação lusitana ao grau máximo de sua florescência no século XVI e nos seguintes.

Dessas guerras civis resultou o sacrificio de milhares de católicos, padres nacionais, estrangeiros e outros adeptos da fé cristã, que, a despeito da rigorosa vigilância e proibição arbitrária mantida pela ditadura da época, originavam, de vez em quando, motins que se tornaram célebres na história.

Aí, a luz do cristianismo foi-se apagando devagar, com o correr do tempo, até que veio desaparecer completamente, na aparência, o seu reflexo no Japão, tendo tido a mesma sorte a lingua portuguesa.

Entretanto, ficou bem assinalada a influência que esta lingua exerceu sobre a japonesa. Temos nada menos de quarenta palavras derivadas do português, que entraram para o uso familiar do nosso idioma, o que representa um tributo de honra que nós prestamos á bela nação peninsular.

Seria uma agradável surpresa aos turistas brasileiros e portugueses, assistirem ás solenidades imponentes do caracter religioso no Japão e ouvirem palavras de sua lingua materna.

A lingua portuguesa decaiu, como acima referimos, aos poucos, e com a invasão dos elementos de outras nacionalidades. Daí, nunca houve reacção alguma em seu favor.

A sua história moderna começa mais ou menos de 1916 para cá, após quatro séculos de esquecimento.

Há trinta anos presumíveis, o governo japonês criou a Escola de Línguas Estrangeiras em Tokio, após célebre debate a que se submeteu o projecto no Conselho de Ministros, seguido de discussões gerais da parte dos intelectuais. Uns alegavam ser desnecessária a criação dessa escola, visto já terem as Universidades e Faculdades cursos regulares de línguas estrangeiras. Outros proclamavam a grande importância que havia na criação, para o desenvolvimento do comércio exterior e o intercambio intelectual



O "Dia de Portugal" no Chile

Por iniciativa do ilustre ministro de Portugal no Chile, Sr. Dr. Ferreira de Almeida, foi comemorado brilhantemente o "Dia de Portugal" em Valparaíso. Além de um sarau literário-musical, no Club de Senhoras, houve recepção na Legação, a que compareceram os embaixadores do Brasil e da Espanha, as personalidades de destaque da colônia e da sociedade chilena. Ao lado vê-se o Dr. Ferreira de Almeida, a distinta soprano Srta. Anita Lopez, que cantou alguns números de música portuguesa, e o poeta patricio Artur Vieira. Em baixo, um grupo feito na recepção oferecida pelo nosso ministro, na Legação.

e comercial, que tudo exigem do conhecimento prático de línguas.

Enfim, os últimos saíram vitoriosos, tendo em seu favor o apoio da opinião pública em geral.

Essa escola era a única no género no mundo. Recebeu o nome de "Escola de Línguas Estrangeiras de Tokio", como já temos dito acima.

O seu curso abrange nada menos de doze línguas vivas: inglês, alemão, italiano, russo, chinês, holandês, hindú, espanhol, malaio, mongolico, etc., além de línguas mortas como grego e latim.

O curso se faz no período de quatro anos. É uma escola superior, pois para matricular-se nela precisa-se fazer previamente seis ou oito anos de curso primário e depois cinco anos de preparatórios.

Actualmente esse curso se subdivide em três secções: literatura, comércio e colonização.

Esta escola, de há muitos anos, vem realizando anualmente interessantes sessões muito populares, de que todos cursos participam. Uns representam dramas ou comédias, outros fazem discursos ou declamam versos e poesias. Os estudantes representam na lingua do curso a que frequentam, e, vestidos a caracter, sobem ao palco como se fôsem actores profissionais.

Mas o Governo, há anos, por motivos que julgou justificáveis, proibiu os estudantes de se vestirem de mulher e pintar o rosto, tendo assim desaparecido essas fantasias tradicionais. Os estudantes protestaram enérgicamente, mas o Governo ainda parece que mantém o seu acto.

A festa realizada em 1919 foi a última em que apareceram estudantes fantasiados, da qual, aliás, participámos. Coube-nos a honra de representar na lingua portuguesa, cujo curso frequentávamos. Nessa noite memorável, enorme assistência — nada menos de cinco mil pessoas de destaque social, diplomatas de todos países, professores e académicos — formavam a maioria dos espectadores.

A nossa alocução versou sobre o tema "Alocuções á Lingua Portuguesa", tendo merecido as mais vivas manifestações de aplauso. Ela marcou época na história da lingua portuguesa no Japão, a qual, pela

primeira vez foi falada em público por um estudante moço.

De 1907, mais ou menos, para cá, a imigração japonesa para o Brasil vem crescendo de vulto e consequentemente aumentando as necessidades do conhecimento da lingua portuguesa. Em vista disso, a Escola de Línguas Estrangeiras de Tokio criou um curso nocturno de português, em dois anos. Matricularam-se nesse curso apenas uns seis estudantes, tendo sido seu professor o Sr. Yashichi Otani, então secretário da Legação do Japão no Rio, mas que se achava em Tokio em gozo de férias regulamentares.

Em 1919, sómente, foi criado o curso regular de português, em três anos, aliás actualmente quatro anos, dois anos depois da instituição do curso breve 1917, conforme já referimos acima. Aí, então, começou a funcionar o curso de português, á semelhança de tantos outros já existentes, e concluído por muitos alunos, todos entregues actualmente, no Japão e no Brasil, a vários trabalhos no ramo a que se dedicaram.

Pelo curso rápido, formaram-se, até esta data, cerca de quarenta alunos, contando ainda o curso actual com 20 alunos, que devem concluir seus estudos em março vindouro.

Entre os professores actuais deste curso, destaca-se o Sr. Makoto Hoshi, meu ex-colega, que está em Portugal, comissionado pelo governo japonês, afim de aperfeiçoar seus estudos de português e literatura.

Os Srs. Tetsujiro Yamaguchi e João Amiral Abranches Pinto, porém, maior serviço prestaram ao desenvolvimento da lingua portuguesa no Japão. O Sr. Tetsujiro Yamaguchi foi o primeiro pensionista comissionado pelo governo japonês, mandado para Portugal afim de estudar e aperfeiçoar os seus estudos de lingua portuguesa, o que fez em Lisboa, entre os anos de 1909 e 1912.

Após completar seus estudos em Portugal, o Sr. Yamaguchi foi nomeado secretário da Legação do Japão no Rio de Janeiro, onde chegou em 1912 e exerceu o cargo até 1914.

O Sr. Pinto nasceu a 15 de Novembro de 1893, em Cabanas, Concelho de Carregal do Sal, Distrito de Viseu, sendo primogénito do Sr. Feliciano do Nascimento Pinto, coronel de infantaria do exercito português, já

GENTE DE MIRANDELA



A' esquerda — Casamento do Sr. Mário Martins e D. Laura Celeste, vendo-se os noivos e os convidados que tomaram parte no copo d'água.

A' direita — Gabriel Augusto Baptista Junior, estudante da Faculdade de Direito de Lisboa, que se encontra em Timor como deportado político. E' filho do nosso amigo Sr. Gabriel Salazar, negociante em Mirandela.

Ao fundo — A família Gabriel Salazar.



falecido, e de D. Amélia Coelho Ribeiro Abranches Pinto, residente em Portugal.

De sua infancia, nada sabemos. Segundo as informações gentis do professor Yamaguchi, o Sr. Pinto é formado pelo Liceu "Passos Manuel", de Lisboa, e matriculou-se no Instituto Superior de Agronomia, da mesma cidade, porém não chegou a se formar, por ter sguido para o Japão onde foi ocupar o cargo de professor da Escola de Línguas Estrangeiras da capital japonesa, a convite especial do governo japonês. Foi isto em Janeiro de 1917, quando ele era quintanista do mesmo Instituto.

Assumiu devidamente o cargo acima referido em Abril de 1917, e até hoje, sem interrupção, nêle permanece; portanto há já quinze anos que vem desempenhando tal função com elevada distinção.

Foi condecorado, por ter prestado relevantes serviços, com a Medalha da Ordem Imperial do Tesouro — Sagrado de 5.ª categoria, em Agosto de 1930, e actualmente exerce também os cargos de vice-cônsul honorario e Encarregado do Consulado de Portugal em Tokio, e o mesmo cargo no serviço consular da República dos Estados Unidos do Brasil em Yokohama.

Em 1925, o professor Yamaguchi exonerou-se, por doença, do cargo que ocupava, sendo, então, substituído pelo Sr. Sotojiro Okumura, ex-secretário da Legação do Japão no Rio e que, na ausência do Sr. Hoshi, está na direcção do curso de português.

Outros nomes que não se podem esquecer são os dos Srs. Ryoji Noda e de Wasaburo Otake. O primeiro, embora tivesse sido o seu periodo, no magistério, relativamente curto, é notável escritor e distinto diplomata. Este illustre homem de letras esteve em serviço do seu país em diversos outros, notadamente no Brasil, onde permaneceu cerca de vinte anos, em todos eles tendo servido ao Japão com grande abnegação,

inteligência e patriotismo, tendo se dedicado, no Brasil, ao estudo das cousas brasileiras. Entre as suas várias obras destacam-se as seguintes: "O Brasil, Tesouro da América do Sul", "O Brasil, seu povo e sua terra", "A Amazonia Gigantesca", e muitos artigos hoje esparços nos jornais e revistas, que são bastantes para patentear a sua grande cultura e o seu espirito de escôl.

A sua actuação brilhante na diplomacia já lhe conquistou várias condecorações e, há três anos, de regresso á sua pátria, em gôso de licença, foi recebido em audiência especial do Imperador, em cuja presença também realizou uma conferência sobre o tema "As cousas do Brasil e as condições gerais da colonização nipónica na região amazonica".

O Sr. Noda, actualmente, além de ocupar alto cargo na Embaixada do Japão no Rio, também é membro correspondente da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.

O Sr. Wasaburo Otake, a quem rendemos homenagem, foi, durante muitos anos, secretário da Embaixada do Brasil em Tokio, e pedimos permissão para relembrar aqui um lance de sua vida, que se prende a factos da história brasileira.

Em 1888, o cruzador "Almirante Barroso", sob o comando do então contra-almirante Custódio José de Melo, deixou o Rio de Janeiro e seguiu viagem para o Oriente, tocando os portos de Valparaiso e Sydney (Austrália) e, por último, em Julho de 1889, Yokohama, onde permaneceu alguns dias, sendo a sua officialidade recebida em audiência especial do Imperador, servindo-lhe de introdutor diplomático o Dr. Laurelo, então encarregado da Legação de Portugal em Tokio. O Brasil, a êsse tempo, não tinha ainda representante diplomático nem cônsules naquêlê país.

Daí continuou seu itinerário, tendo passado por Nagasaki e Shanghai, rumou para

a India e afinal veio aportar na Guanabara em Julho de 1890.

Quando o cruzador partiu do Brasil, ainda reinava aqui a dinastia dos Braganças, e ele levou a seu bordo o Príncipe Augusto Leopoldo, mas, durante essa viagem, que foi longa, operou-se a mudança de regime, do monárquico para o republicano, e o príncipe, ao ter conhecimento do facto em Colombo, aí desembarcou, talvez regressando em outro navio para Portugal.

Durante a sua viagem acompanhou-o, desde Yokohama, um moço japonês, que levou as suas malas até Marselha e no mesmo vapôr veio para o Brasil.

Aqui, êsse moço matriculou-se na Escola Naval, tendo encontrado carinhoso acolhimento da officialidade, fez o curso de engenharia, regressando depois a sua Pátria.

Esse jôvem era o Sr. Wasaburo Otake que mais de quinze anos exerceu a função de secretário da Embaixada Brasileira em Tokio, e é autor de duas obras importantíssimas: "Dicionário Português-Japonês" e "Dicionário Japonês-Português", cujos serviços prestados ao intercambio intelectual entre os dois povos, são notáveis, como é fácil de se avaliar.

A primeira turma de estudantes de português, á qual tivemos a honra de pertencer, compunha-se de quinze alunos, os quais tiveram que vencer sérias dificuldades, á vista da falta de qualquer compêndio, principalmente no primeiro ano. Tais dificuldades só foram sanadas, com o recebimento de alguns livros editados no Brasil.

Essa escola oferecia um aspecto curioso, que ainda hoje conserva em grande parte. Em cada canto, diferentes grupos de alunos faziam-se ouvir na língua que estudavam; aqui, os estudantes de chinês que praticavam a sua pronúncia; ali, os de curso de hindú liam em voz alta; além, os outros que faziam discursos em inglês ou recitavam em francês. Uns conversavam em malaio, russo ou italiano, outros faziam cumprimentos em mongolio, etc.

Na escola, ora entrava um professor de calças largas e compridas á chinesa, ora saía um de rosto sanguineo e cavanhaque á inglesa ou um enfático no gesto e fisionomia expressiva de italiano; homens pretos, brancos e amarelos saíam e entravam num aspecto verdadeiramente cosmopolita. Os estudantes, numa formigação contínua, faziam-se ouvir em quási tôdas as línguas do mundo.

Nas aulas de literatura clássica japonesa, economia política e gymnástica, reuniam-se todos os cursos e, á hora da chamada, cada um respondia numa língua, estabelecendo-se grande confusão.

Certa vez, um pandego respondeu com esta expressão: "Estou aqui", mas o professor, que não sabia português, julgou que fôsse gracejo e, zangando-se, exigiu explicações. O aluno, porém, mais sério ainda, imediatamente esclareceu que "aqui estou" significava, em outras palavras, "presente", o que provocou uma gargalhada geral dos seus colegas, á qual a austeridade do professor não pôde resistir, tendo o mesmo acompanhado seus alunos naquela manifestação.

Não é de estranhar-se que os principiantes, absorvidos nos seus estudos, andassem pelas ruas batendo com a cabeça nos postes electricos, pois nos primeiros anos as aulas de cada língua eram em número de mais de 17 por semana. A essas aulas assistia certo número de officiais de marinha e do exército, como alunos especiais ou simples ouvintes, para estudarem no convívio da rapaziada alegre.

Enfim, Portugal não é um país alquebrado. Revigorou-se depois do sópro da Grande Guerra. O Brasil, cá dêste lado do Atlantico, é um país novo e de futuro. Com 8.511.200 quilómetros quadrados e 40.000.000 de habitantes, é uma região vastíssima em que se fala o português.

Além dêstes, muitos países ha em que se cultiva a "última flôr de Lacio", e o Japão será, sem dúvida, um dos mais dedicados cultores dêsse idioma, pois, além desta escola, há nêle muitas outras, de género diverso, officiais ou não, que mantêm cursos de português.

Assim, dentro de pouco tempo a expansão da língua portuguesa no Japão levará a palma a muitos outros países.



O DESCONHECIDO



Marta, que, pela sua graça e fresca mocidade, tinha muitos admiradores, não se resolvia a aceitar o namôro dos rapazes que conhecia; o seu coraçãozinho de rôla brava esquivava-se sempre.

Mas nêsse baile, em que viu António pela primeira vez e que a levou quási no ar num "corridinho" perfeito, ficou presa.

Ninguém no sítio o conhecia nem sabia donde êle vinha, mas Marta soube logo tudo... os belos olhos escuros de António lho disseram. E nêsse dia, os comentários e bisbilhotices das vizinhas não fizeram mais do que os enrodilhar nas suas malhas apertadas. E êles nunca mais se desprenderam; ficaram cativos na mesma cadeia de amor.

O sítio onde Marta morava era um deslumbramento de luz, um mimo de arvoredos. Um ribeirito, que corria mais em baixo, aparecendo aqui, encurvando além até ir cair numa azenha, onde se desfazia em lágrimas, enchia os campos dos seus gemidos.

Em redor, casinhas brancas, com chaminés de finos rendilhados, tinham o ar de ermidas onde só houvesse flôres e incenso. A casa dela, mesmo defronte da igreja, lá no alto donde se via o mar, tinha uma cêrca e, em volta do muro, um renque de garfadas romanzeiras debruçadas sobre o caminho, que na Primavera se enfeitavam de flôres vermelhas que riam ao sol e ao céu azul. E ao lado, em frente da porta, uma alfarrobeira frondosa. António não se cansava nas horas da folga de admirar aquêles sítios tão lindos e os olhos feiticeiros de Marta que o espreitavam da sua janelinha de reixas verdes.

Os pais dela é que não queriam saber de tal afeição; não o conheciam... Mas ela explicava-lhes: — "E' de barlavento, de ao pé de Lagos, muito bom rapaz, muito bem criado e eu gosto muito dêle"...

Efectivamente, era um belo moço que no trabalho e convívio com os companheiros de tal modo se conduzia que em breve acabaram ciúmes e malquerenças e todos o estimavam. — Os velhotes, vendo isto, amoleceram e consentiram no casamento, que se fez numa formosa e tépida tarde de fevereiro, quando as amendoeiras noivavam também e enchiam os campos e os caminhos de perfumes e flores.

Queriam-se muito; nunca se deixavam no trabalho ou em casa, estavam sempre juntos. Assim passaram dias e meses, até que um dia Marta disse ao marido que o ia presentear com um filhinho. Dêsde então o trabalho dos dois redobrou, tudo queriam para o enxoval... E quando nasceu uma menina, naquela casa foi uma festa de alegria. António beijava a mãe, beijava a filha, não sabia senão ternuras para lhes dar. No dia do baptisado o repique dos sinos, alegre e festivo, parecia dizer aos que o ouviam a ventura que aquela criança levava áquêle lar humilde. Martasinha se ficou chamando a pequenina, e cada dia que passava trazia novas alegrias aos pais. A primeira "carcachada" que a menina deu aos três meses, quando o pai a levantou alto nos braços... Depois, os dois primeiros dentinhos que começavam a aparecer, juntos, unidos como dois irmanitos gêmeos; os primeiros passos tontos, cambaleantes, e os braços dos pais á espera, onde foi cair, feliz e orgulhosa do seu arrôjo... E naquêle coração rude de camponez, onde o amor era luminoso e puro como uma estrêla, começou a ambição a germinar... Eram tão pobres... o que ganhavam era tão pouco, dizia...

E a ideia de dar á filha uma vida melhor do que a que êles tinham lançou raizes, obsecou aquêle coração de pai apaixonado. E, assim, resolveu sacrificar a sua ventura, ir para longe do seu lar, onde a saudade o mortificaria decerto, mas onde a esperança e o amor lhe dariam alento.

Partiu para a França e lá colocou-se logo. Nos primeiros tempos tudo correu bem, fazendo esforços sobrehumanos para alcançar

o seu fim, privando-se de tudo, esgotando-se, até que caiu doente e teve que recolher ao hospital. Logo que recuperou algumas forças saiu de novo para o trabalho, e então redobrou de esforço, mas a má sorte apanhou-o outra vez e pústulas de lepra lhe apareceram nas faces. Ficou hediondo e sem forças para a luta do trabalho que empreendera... E, sem saúde, sem ninguém conhecido, foi um desgraçado, vagueando ao acaso tão longe da sua terra!

Nada dizia á mulher, esperando ainda melhorar. Nessa altura encontrou um patricio, que o não reconheceu, de tal modo a doença o mudára. Falou-lhe, contou-lhe a sua vida de infortúnio e disse-lhe que nunca mais iria para a terra, porque, disforme como estava, com uma doença incurável e contagiosa, a mulher não o que-



D. Margarida de Sousa Costa Guerreiro

teria... O amigo piedosamente o encorajou, falou-lhe da bondade de Marta, da filhinha que já falava, e o pobrezinho deixou voltar ao coração solitário novas esperanças... E numa bela manhã de Agosto partiram os dois da França para o seu Algarve risonho. Chegaram de tarde a Lisboa; o amigo só ao outro dia podia vir para a terra, mas António não quis esperar mais, e nessa mesma noite partiu. No comboio que passava veloz, o pensamento dêle, veloz também, corria até á sua Marta, á sua filhinha. E pensava: — A minha mulher ainda gostará de mim... a minha filha não me terá medo?...

Ao avistar, entre a doce claridade do luar, os figueirais, as amendoeiras, as casinhas brancas, as chaminés graciosas, tóda a sua alma se levantava num enlévo de fé, em dias de melhor sorte.

E, quando ainda mal amanhecia, chegou á sua casa onde tanta felicidade teve; estremecendo de alegria, esqueceu a miséria do seu corpo e bateu á porta... Quem lhe apareceu foi a mulher, que recuou assus-

tada, e êle, sem nada vêr, lançou-se-lhe nos braços, beijando-a doidamente...

Marta, irritada e ofendida, pelo intruso que assim a tratava, pela repugnancia daquela máscara, empurrou-o e fechou a porta amedrontada, julgando-o um louco. António de novo levantou a mão para bater e dizer-lhe que era o seu homem... Mas ao fazê-lo, vendo a sua mão amarela e pustulenta, recuou, e vendo-se reflectido nos vidros da janela teve medo...

Nêsse momento mediu tóda a sua desgraça... Num estremeamento trágico, fugiu espavorido, indo esconder-se nuns silvados longe dali. E a sensação de ter tido nos braços a sua Marta, tão fresca, tão bela... lá dentro a sua filhinha, e ter que fugir como uma fera acaçada, perseguida!...

Para ali esteve o dia todo, tremendo com febre. Quási já não pensava, o seu cérebro parecia ôco, e o coração era um cavalo desenfreado, sem governo... Ora rangia os dentes como um possesso, ora chorava como uma criança. Pela noite fóra, quando já não havia luz, nem rumor no sítio, desceu devagarinho, cauteloso, como um ladrão, espiando aqui, espiando além até próximo da sua casa. Olhou a janelinha de reixas verdes onde tantas vezes viu a sua mulher com a filhinha nos braços, quando êle chegava ao cair da tarde do trabalho... Reviu-a tão linda ainda agora como então... E não poder beijá-la, encostar a sua cabeça do'orida ao seu peito amigo!... Mas vê-la para quê, se estava hediondo, se o não reconheceria e lhe fugira espavorida fechando a porta?...

Arrepelava os cabelos, e via-a, via-a diante de si, fresca como uma rosa... Não, nunca mais o veria, nem saberia nunca que aquêle homem que a fizera fugir era êle, o seu homem, o seu António. E, encostado á alfarrobeira, viu-se em tóda a sua miséria e infortúnio. Cerrou os punhos vociferando contra o destino, que assim o esmagava... Arrepanhava o peito como a querer arrancar o coração, e, de rôjo, foi espreitar á porta da sua casinha; mas estava tudo escuro, em silêncio. Quis gritar, chamar pela mulher e a filha, dizer-lhes que estava assim velho e disforme, pelo amor que lhes tinha, por querer muito para lhes dar... Pedir-lhe que o quiséssem, que o amassem, assim repugnante, desgraçado...

La empurrar a porta, forçá-la para entrar, mas desfaleceu... E quando voltou a si e se viu tão só no mundo, tão desamparado, apelou para Deus, pediu-lhe de joelhos a sua ventura perdida. Mas só o silêncio e a escuridão o acompanhavam... Nem Deus, nem os homens vieram ao apêlo daquela dôr lancinante...

Pelos seus olhos esgaseados passou todo o cortejo dos seus sonhos de ambição e amor... Viu-se moço e belo... e viu-se miseravelmente velho...

Quem de manhã abriu a porta da casa foi a sogra, que, espavorida de susto, foi chamar a filha, dizendo-lhe que estava um homem desconhecido enforcado na alfarrobeira. Marta, olhando-o, reconheceu nêle o doido que a beijara, aquêle homem que lhe fez nôjo e medo.

A' hora do entêrro, á tarde, foram tódas as mulheres e homens do sítio acompanhá-lo ao cemitério, e Marta, piedosamente, ofereceu um lençol para não deitarem á terra nua o corpo do desgraçado. Mas mal chegaram ao cemitério, avistou ela o vizinho que regressára nêsse instante de França. Ao vê-lo, Marta esqueceu tudo que a rodeava e foi pedir-lhe notícias do marido. — O teu marido?... pois não o vês?... não lhe falaste?... O teu marido está ali... é o morto, o enforcado...

FARO (ALGARVE).

Margarida S. Costa Guerreiro.

Especia! para a LUSITANIA

POR

D. Margarida de Sousa Costa Guerreiro



COMARCA e concelho a 5 quilómetros de Armamar; 20 quilómetros de Lamego e 310 ao Norte de Lisboa, com 160 fogos. Em 1757 tinha 95 fogos. Orago Santa Eulália. Bispado de Lamego e distrito administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Lamego; depois, até 24 de Outubro de 1855, da comarca de Taboão, concelho de São Cosmado, passando então para Armamar. Ainda existe na praça de Goujoim o antigo pelourinho.

Situada a meia encosta de um monte íngreme e alcantilado, na margem esquerda do Têdo. Na corôa do monte, em um platô denominado Crasto, há vestígios de fortificações romanas.

Parece que os gódos abandonaram esta vila porque, em 1030, estando deserta a povoou o régulo de Lamego, Zadam Abeu Moin (ou Win). E', pois, povoação muito antiga. Ignora-se o seu primeiro nome e parece que o actual é concepção de Abeu ou Ben Moin.

Muito linho e grande abundancia de castanha, ótimo vinho de pasto, azeite, cereais e muita fruta.

O reitor da Colegiada de Barcos, apresentava o Cura, que tinha 13\$000 de congrua e pé de altar.

Em igual altura, na margem direita do Têdo, em frente d'êste castro, fica Pinheiros, antiga povoação, que também foi fortificada.

Ainda se vêem os restos de um castelo de alguma consideração, e diz-se que êste castelo e o castro se comunicavam por fachos e outros sinais então em uso.

Os habitantes desta freguesia são muito lhanos e de amêno trato, mesmo os pobres.

Sendo pequeno o povoado, e completamente isolado dos povos vizinhos, aqui se fazem há muitos anos funções religiosas no-

táveis e também há muito tem uma banda de música e já houve um teatro.

Tem esta pequena vila algumas casas boas e famílias ricas e nobres, avultando entre elas a nobre, rica e antiga família do morgado da Praça, o Sr. Francisco António Lopes Freire de Gouvêa, já falecido, e hoje representado muito dignamente por seus três filhos — o Dr. Germano Lopes Freire de Gouvêa, juiz de Direito substituto; Brasílio Lopes Freire de Gouvêa, por três

vezes presidente da Camara Municipal, e Candido Lopes Freire de Gouveia — três cavalheiros de muito merecimento.

A igreja matriz é externamente singela, mas interiormente merece atenção, por ter boa obra de talha e o tecto apainelado e todo ornamentado com quadros a óleo, muitos antigos e de muito preço.

Diz-se que esta povoação de Goujoim, bem como Gojim, Lalim, Lazarim, Mondim e Sendim, tôdas no bispado de Lamego e quasi limitrofes, foram fundadas aproximadamente em 1030, pelo dito régulo de Lamégo, Zadam Abeu Win.

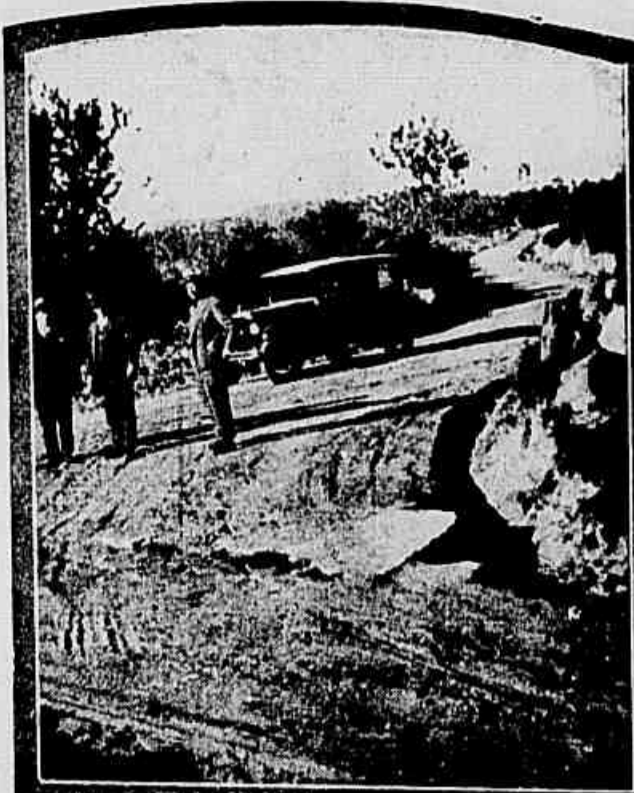
O terreno desta freguesia é em grande parte inculco, por ser muito alcantilado e todo coberto e eivado de penedos.

Ao sul, junto a esta povoação há uma ermida de Santa Bárbara, em sitio pitoresco e com bonitas vistas. A vila é abundante de água magnifica e na extremidade sul tem um elegante chafariz, mandado fazer há poucos anos.

Hoje, Goujoim possui muitos melhoramentos, escolas, cemitério, canalização de águas e esgotos e uma magnifica estrada, graças á benemerência e á generosidade de um dos seus filhos, o importante industrial do Rio, Sr. comendador António Cardoso de Gouveia.

GOUJOIM

(BEIRA ALTA)



Dois trechos da estrada mandada construir pelo comendador Cardoso de Gouveia e uma vista de Goujoim.

* * *

vezes presidente da Camara Municipal, e Candido Lopes Freire de Gouveia — três cavalheiros de muito merecimento.

A igreja matriz é externamente singela, mas interiormente merece atenção, por ter boa obra de talha e o tecto apainelado e todo ornamentado com quadros a óleo, muitos antigos e de muito preço.

Diz-se que esta povoação de Goujoim, bem como Gojim, Lalim, Lazarim, Mondim e Sendim, tôdas no bispado de Lamego e quasi limitrofes, foram fundadas aproximadamente em 1030, pelo dito régulo de Lamégo, Zadam Abeu Win.

O terreno desta freguesia é em grande parte inculco, por ser muito alcantilado e todo coberto e eivado de penedos.

Ao sul, junto a esta povoação há uma ermida de Santa Bárbara, em sitio pitoresco e com bonitas vistas. A vila é abundante de água magnifica e na extremidade sul tem um elegante chafariz, mandado fazer há poucos anos.

Hoje, Goujoim possui muitos melhoramentos, escolas, cemitério, canalização de águas e esgotos e uma magnifica estrada, graças á benemerência e á generosidade de um dos seus filhos, o importante industrial do Rio, Sr. comendador António Cardoso de Gouveia.



EM S. PEDRO DO SUL — Depois de uma caçada aos coelhos, vendo-se ao centro um caçador coberto d'êstes animais.



Deliciosa CERVEJA PRETA Fortificante
ENTREGA IMEDIATA A DOMICILIO
Telefone: 2 - 5181

UMA PÁGINA DE HISTÓRIA GALANTE

AMOU D. MANUEL GABY DESLYS?

A histórica aventura real — A casa da Rua da Infância — Duas joias com rubis — Alguem que não quer dinheiro



Gaby Deslys, a formosa artista francesa

A DELICIOSA AVENTURA DE D. MANUEL, DESCRIPTA SOB UMA CONVERSA COM UM ÍNTIMO DO PAÇO :::::

D. Manuel, que Lisboa, enternecida, viu passear aos treze anos nos carros á "Daumont", de "jalequinha á inglesa" e que embarcou, entre dissimuladas informações dos dignitários do Paço, uma tarde, na Ericeira, amparado aos braços amigos dos pescadores — esse rei que foi recebido com pétalas de rosas e lágrimas de luto e não teve tempo de ser popular — diz-se, amou uma cançonetista célebre, estrela de Paris há quinze anos e morta prematuramente no seu leito de amor, uma madrugada, no faubourg Saint-Honoré.

Essa mulher que perturbou o sono real, na pequena camara familiar das Necessidades, e que andava meio nua, escandalosamente, na cigarreira do Rei — veio de França, propositadamente, numa fingida "tourné" á Argentina, e esteve nos quartos do Avenida Pálace, com o nome vulgar e incolor de Marguerite Béranger...

*
* *

Porque veio — e o que veio fazer a Lisboa a "vedette" parisiense, cujas pérolas famosas renderam, após a sua morte, uma fortuna de alguns milhares de contos?

Eis o que nas linhas que se seguem chegou até nós, para responder á pergunta, e veio através de alguém cuja excepcional situação no antigo regime pôde ainda dar felizmente ao "Noticias Ilustrado" algumas páginas de inédito pitoresco sobre a antiga vida palaciana.

*
* *

"Não me custa dizer-lhe o que sei a respeito da aventura íntima de Dom Manuel com Gaby Deslys.

E sabe porquê? Porque Gaby morreu e El-rei D. Manuel era nêsse tempo solteiro e livre. O que lhe refiro não pôde nem deve melindrar Sua Majestade. Ao contrário, é uma indiscreção que vem revelar que,

se como Rei grangeou simpatias, como homem despertou um amor terno, simples, e onde passa um delicado fio de emoção e encanto.

*
* *

Gaby chegou a Lisboa a 18 de Junho de 1909 e hospedou-se no Pálace. Tinha sido o conde de F., do Paço, que trouxera os últimos números da Revista "Folies Bergères" cujas fotografias decidiram em definitivo o coração de D. Manuel. Olhe, esta fotografia, que é inédita, ficou entalada no espelho grande da barba, na manhã de quatro de Outubro de 1910..." E, o nosso interlocutor fornece-nos o original, com a dedicatória, afectuosa e simples: "Recordação de Gaby Deslys — 14 de Setembro de 1909".

De Janeiro a Junho D. Manuel escreveu três vezes para Paris. Alguém pediu, em França, á famosa "divette" que fizesse escala por Lisboa, na sua "tourné" á America. Não lhe diziam abertamente o motivo: "Uma alta personalidade, de grande destaque, e muito rica se interessava por ela..." E, era tudo o que chegava até o seu pequeno "boudoir" rosa, onde entre "coussins" de oiro e paredes de laca japonesa a artista repousava dos sucessos da noite...

"Mais, que est-ce qui est"? — fazia a sua pequenina bôca de cereja a tódas as

sugestões da imprevista e estranha viagem ao fim da Europa.

O "Je sais tout" publicava, com larga cópia de fotografias, o famoso artigo: *Le plus jeune Roi de L'Europe*. E alguém estendeu, sob os olhos azuis de Gaby, os retratos do moço português, onde havia o ar casto e macilento das adolescências inexperientes.

Gaby convenceu-se. Pois seria possível, um Rei apetece-la? E era esse Rei um rapaz, moreno e terno como os homens do sul, o que procurava a tantas léguas de distancia a sua linha esbelta de arveola parisiense?

Sim, iria...

E, na noite abafada de 18 de Junho de 1909, uma mulher, elegante e ágil, saltou do "sleeping-car" na estação do Rossio, com uma pequena "valise" de coiro da Rússia e uma "écharpe" verde nos olhos, e entrou no pátio deserto do Avenida Pálace...

Era Gaby!

*
* *

"Foi na minha casa da rua da Infância que ás 10 horas da noite de um domingo D. Manuel viu, pela primeira vez, a "rainha" das "chanteuses" francesas de Music-Hall. Era perigosa e incómoda a entrevista no Pálace. Requeria-se uma casa modesta, apagada e anónima, onde o Rei não



Aspecto geral do quarto do Infante D. Manuel no paço das Necessidades.

fôsse mais do que um simples rapaz de palhinhas de aba larga — como então se usava — fumando despreocupado a sua cigarrilha.

Gaby chegou ás nove e meia num "coupé", sózinha. Olhou muito a escada modesta e sem guarda-portão, e perguntou-me, na curta meia hora de espera, enquanto fumava desabridamente, se havia a certeza absoluta do Rei vir. Estava evidentemente nervosa, e uma palidez febril aparecia por debaixo do seu "maquillage" habitual...

*
* *

Oito dias depois — no Pinhal da Marinha, entre Sintra e Cascais, houve um rendez-vous no campo.

Em pleno pinheiral, ao sol duma tarde amorosa de Junho, o Rei e Gaby merendaram um farnel da Marques e morangos frescos de Colares, que eu próprio lhes levava. Quando á noite regresssei com ela de automóvel, a minha elegante companheira ia calada — e calada chegou ao hotel.

Quando me despedi — duas lágrimas andavam já nas suas pupilas claras. O eterno drama das operetas vienenses, a senda fatal das Gautiers, escrevia mais uma dolorosa página de amor...

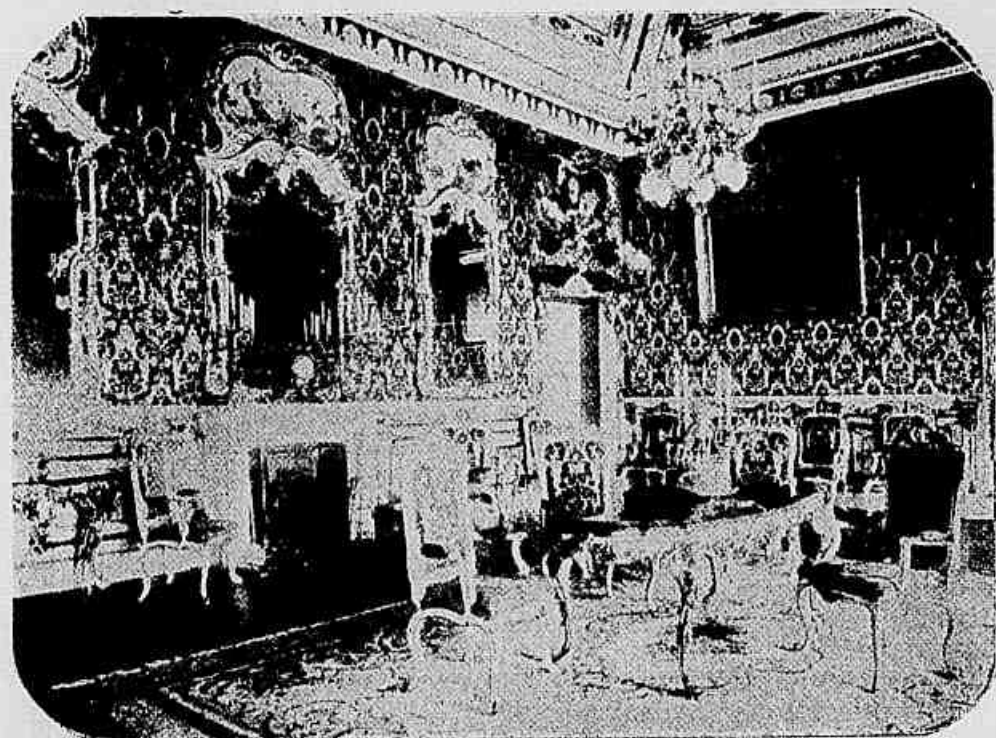
*
* *

Apesar do sigillo completo que envolvia aquelas particulares relações do Rei, a verdade é que um semanário republicano publicou umas palavras que nos sobressaltaram. Estariam de facto os inimigos do Paço na posse de alguma prova concreta dos inofensivos "rendez-vous" reais?

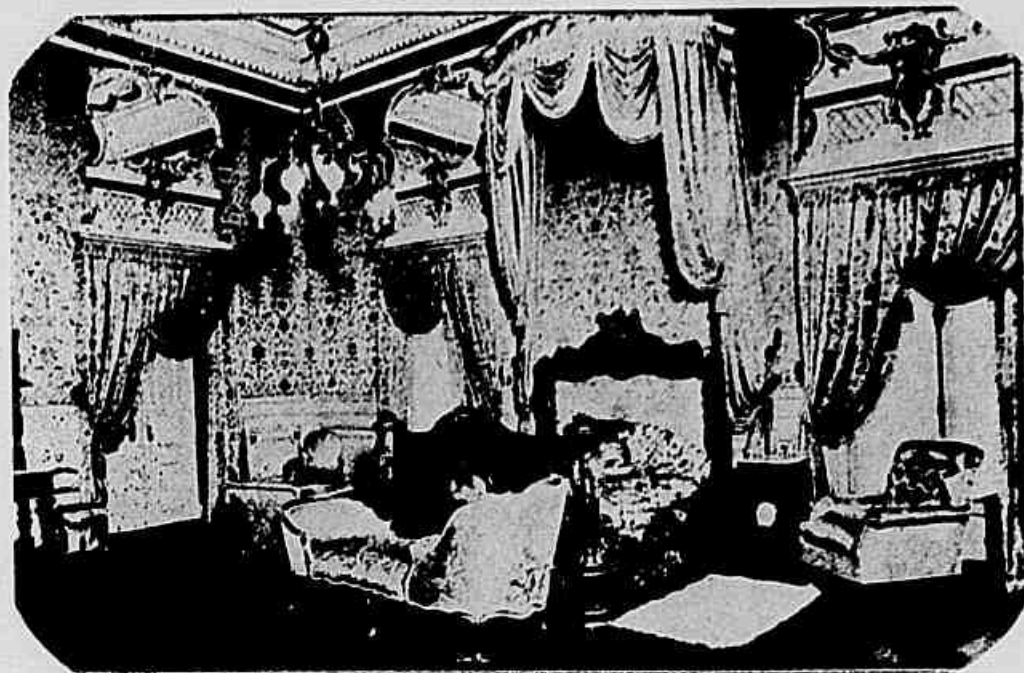
D. Manuel, contrariado com os avisos do Conde de F., chamou-me logo. Que se há-de fazer da rapariga? — Se você, S*** passasse pelo Leitão... uma pulseira, uma jóia qualquer, bonita, com rubis — que tenha rubis! — é a pedra predilecta... — Eu escrevo-lhe uma carta... que se há-de fazer... Olhe, V. vá lá, sim? Mas eu não



A mesa de estudo do Infante D. Manuel, que tão bem revela no escrupuloso arranjo o seu espirito metódico.



A sala de Recepção no paço de Belém, onde se realizou o baptismo de El-Rei D. Manuel.



Quarto onde nasceu El-Rei D. Manuel no paço de Belém.

posso, eu não devo voltar a sua casa. O F. acha isso perigosissimo, nesta altura... Tem paciência, S***, vai lá... E dinheiro... o que ela quiser.

*
* *

O meu diálogo com Gaby foi curto. Eu tinha, de facto, passado pelo Leitão e leváralhe um lindo "pen-pantif" — dois magníficos rubis em platina.

— Esta jóia é recordação de El-Rei...

— Sua Majestade não pôde infelizmente voltar — já há quem saiba e torna-se perigoso...

Estou ás ordens de Mademoiselle para tudo o que necessitar... Dinheiro... o que fôr preciso... Gaby voltou lentamente a cabeça para mim, estendeu a mão á jóia, olhou-a, fixou bem os olhos nos rubis, e murmurou: — "C'est assez"...

Depois, sempre lentamente, como se uma fôrça se lhe fôsse extinguindo intimamente, abriu uma pequena

mala e dela tirou um estojo, onde repousava um admirável anel, também de rubis, de idêntico valor.

— Eu não recebo dinheiro...

— Leve isto a Sua Majestade...

— Esta jóia é a recordação de Gaby... Au revoir!

O REPÔRTER MISTÉRIO

(Do "Noticias Ilustrado", de Lisboa)

*

O coração é sempre moço

Acaba de realizar-se numa aldeia perdida, da Rumania, um casamento verdadeiramente original. Um velho aldeão, de 99 anos de idade, contraiu casamento com a mais guapa rapariga da localidade, que só conta 22 anos. Tôda a população tomou parte neste casamento pouco vulgar, porque a grande maioria dos habitantes são parentes do noivo que foi viuvo quatro vezes, e gosa de grande popularidade em tôda a região.

Apesar da sua avançada idade, é muito robusto, mantém-se direito, anda e dança como um rapaz, e despreza soberanamente o telefone e os automóveis, e sobretudo a telegrafia sem fios, pois que, segundo diz, a radiotelegrafia provoca as tempestades e o granizo.

No Porto

A Inauguração de um Bairro Operário



A CAPITAL DO NORTE INAUGUROU, HA POUCO, UM BAIRRO OPERARIO. E ESSA INAUGURAÇÃO REVESTIU-



-SE DE GRANDE SOLENIDADE. REPRODUZIMOS NESTAS GRAVURAS VARIOS ASPECTOS DA INAUGURAÇÃO DESSE GRANDE MELHORAMENTO, QUE MUITO VEIO BENEFICIAR AS CLASSES OPERARIAS DO NORTE E QUE TEVE A PRESIDENCIA O SR. MINISTRO DO COMERCIO. — (Fotos J. M.)



DESTINO

*Que importa que entre nós, ameaçadora,
Se cave a profundidade de um abismo,
— se tu pensas em mim a toda a hora,
— se a toda a hora é só em ti que eu cismo?*

(Versos do Livro de Alípio Rama — "Jardim do Ocidente".)

A sorte não lhe sorria; desejava para si e para os seus melhores dias.

Que fazer então? Emigrar, ir á aventura por longes terras, cumprir o seu fado português!...

Por uma linda manhã primaveril em que a natureza florida punha, aqui e além, nas extensas campinas, manchas de um branco suave e lindo, o Manuel da Tia Anica, partiu para o Brasil. Foi dolorosa a despedida. Levava tantas saudades! A sua prometida, a Rosália, quando tornaria a vê-la?... Meu Deus — dizia — como é incerta a vida, e triste a despedida ao coração de quem ama!?...

E ele lá foi acompanhado de quiméras e esperanças...

Chegou a primeira carta esperada com ansiedade, que fez brotar lágrimas nos olhos de todos. Ele era todo esperanças e com

uma vontade firme e uma fé ardente, dizia que havia de vencer. Chegou outra carta, após aquela mais outra, e assim passaram alguns anos, só com horas de tristeza e horas de esperança! Depois, deixou de escrever. E' que a sorte fôra-lhe adversa. Sofreu e lutou muito até desanimar. Os anos passaram e quando se viu impossibilitado de trabalhar começou a mendigar, e foi vencido pela força do Destino!

Assim chegou á velhice.

Um dia correu na aldeia a nova de que chegaria em breve um parente do Manuel, que havia emigrado alguns anos antes, levado pelas mesmas ilusões e quiméras... Rosália, ao ter conhecimento da boa nova, correu á estação, na esperança de que ele havia de trazer-lhe novas do seu Manuel. — Quem sabe, talvez ele se tivesse esquecido do juramento que lhe fizera, talvez fôsse só essa, a causa de tão longo silêncio, — pensava... Mas se ele tivesse vindo também? Que doce surpresa! Mas não. O Destino não mudaria assim...

Chovia muitíssimo, mas Rosália nem reparava na chuva que lhe fustigava fortemente o rosto. Quando o comboio chegou, e á portinhola da carruagem apareceu risinho, o primo do Manuel, Rosália sentiu uma leve esperança e uma forte alegria inundou-lhe o coração. Pareceu-lhe divisar, embora indistintamente, o vulto de alguém querido. Mas nem ousava acreditar com medo da desilusão. No entanto, foi só um momento. O primo do Manuel desembarcou e logo o comboio se pôs em marcha sem que o Manuel aparecesse... Rosália voltou á sua habitual tristeza, e ouviu tudo

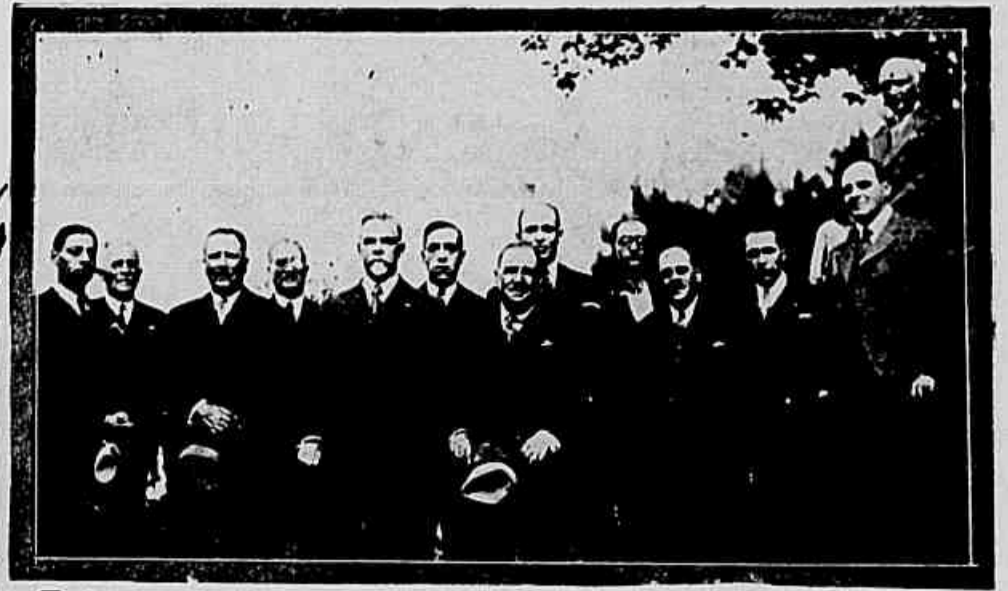
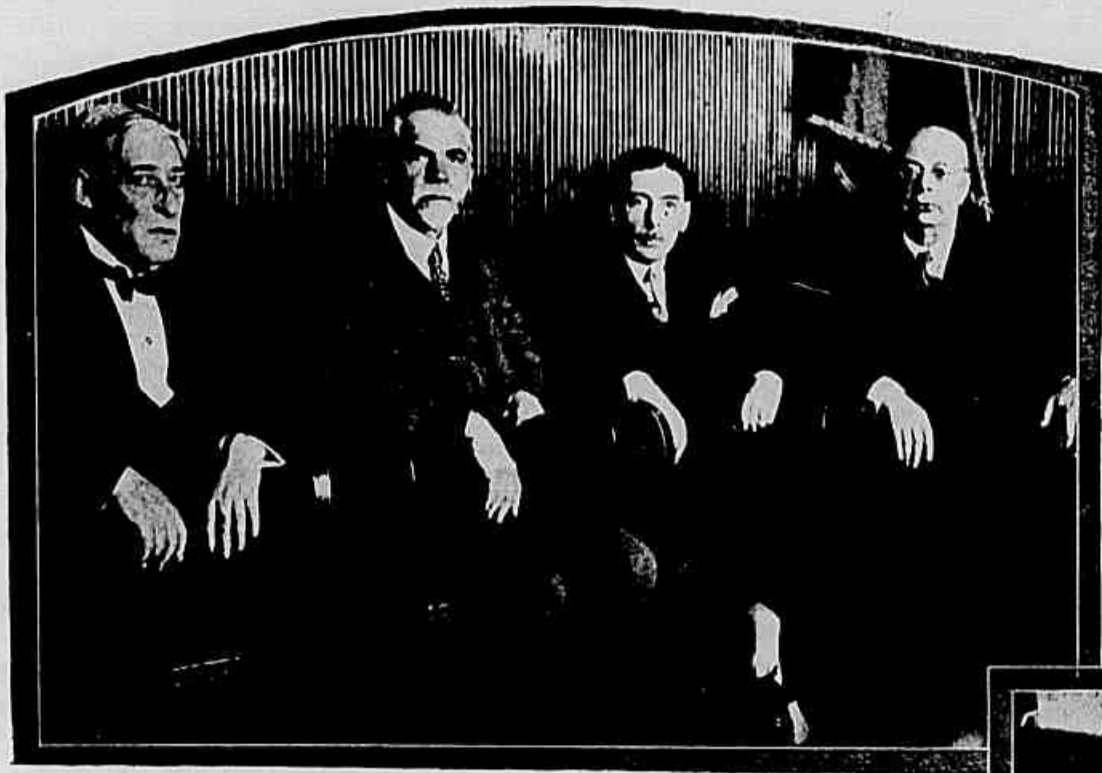
olhar meio apagado; já quasi nada restava daquêlo moçoilo forte e robusto que quarenta anos antes partira da sua Pátria querida, em busca de melhores dias. Várias pessoas que se condoeram da sua miséria conseguiram-lhe uma passagem gratuita e ele lá foi — embora tarde demais — realizar o grande ideal de toda a sua vida: — Revêr a Pátria querida, e aquela que unida pelo mesmo amor sacrificára a existência por êle.

Num lindo dia de primavera apareceu na aldeia um vélinho, cabélos da côr do linho, o passo incerto que se aproximava estrada acima... Ninguém o notou, apenas êle sentia o seu frágil coração repleto de um júbilo e uma alegria tão intensas que receava não poder resistir-lhes. As lágrimas corriam-lhe pelas faces maceradas. Chorava de alegria. De momentos a momentos parava e estendia a vista em derredor... Havia-se feito um clarão na sua memória enfraquecida. Parecia que não havia saído um só dia da sua aldeia — mas há quantos anos andava por longes terras, qual judeu errante...

Aqui era o ribeiro onde antigamente êle vinha cheio de alegria esperar a sua Rosália, onde conversavam e juravam as mais ternas promessas. Além, naquêles prados, passavam as tardes em alegres palestras enquanto vigiavam os rebanhos. E assim foi revivendo todo o passado distante, e que não voltaria mais!... Quantas saudades, quanta quiméras, quanto sonho gasto inutilmente! E o pobre vélinho pensava: — Recordar será viver, ou morrer aos poucos?... As lágrimas continuavam a mo-

o que lhe disseram do Manuel, sem proferir palavra. Nada via nem nada ouvia. Todos se retiraram e ela foi andando através dos campos como um autómato sem nada vêr nem pensar. A chuva continuava a cair cada vez com mais violência. Todo o vale está inundado. O vento ruge por entre os pinheirais que fortemente açotados contorcem-se como se dolorosa angústia os ferisse. Assim — quando a desgraça é grande — a alma contorce-se açotada pelo temporal da dôr! Nem uma flôr nem uma ave! Só tristeza e desalento á face da terra! No meio da tempestade implacável está ela, os cabelos em desalinho, encharcada pela chuva que lhe fustiga o rosto com fortes vergastadas, insensível a tudo. Apenas a sua enorme dôr a acompanha, absorvendo-a por completo! Uma ilusão desfeita — a última que acalentára com tanto carinho e onde estava toda a sua vida, todas as suas esperanças e sonhos de tantos anos. Ninguém compreenderá o seu sofrimento. A chuva cessará, o sol voltará a doirar os prados, os roseirais hão-de florir de novo, toda a natureza se encherá de galas, os prados hão-de tornar a possuir os matizes verde-negros que lhes dão o aspecto de um extenso manto de veludo que a Fada Verde perdeu ao passar... Só na sua alma, o inverno há-de perdurar. Nem mais um sorriso, nem mais uma... hora de alegria, nem uma esperança, nem mais um farrapo de sonho ou de ilusão sequer! Um vácuo enorme na alma, como num deserto imenso onde tudo é igual e onde não se encontra um grão de areia maior que outro... E assim a alma ficará árida, o espírito deserto, a dôr irá desaparecendo lentamente, e a vida será inútil.

Um Brasileiro Ilustre em Tras-os-Montes



O Sr. Dr. Washington Luis na terra de seus avós

Em cima — O Dr. Washington Luis na Associação Comercial da Régua, com os Drs. Antão de Carvalho, Costa Pinto e Julio Vasques. Em baixo — A Sra. Washington Luis com as senhoras da sociedade reguense assistindo á sessão solene da Associação Comercial da Régua.

A' direita, de cima para baixo — O ilustre brasileiro em Sedielos, próximo á Fraga da Ermida, no Marão; á recepção que lhe foi feita em Sedielos pela família Rodrigues Teixeira; e em Mesão-Frio, junto ao monumento do Conselheiro Alpoim, com as autoridades e principais individualidades locais.



lhar-lhe as mirradas faces, qual pergaminho enrugado pelo tempo, até que exausto se sentou á sombra de um castanheiro, seu antigo conhecido... Assim esteve longo tempo meio adormecido. A tarde já descia lentamente enquanto das chaminés a fumaça subia em espirais. Ao longe branqueava uma estrada, e numa ermida toda branca um sino tocava ás Avé-Marias...

Alguém se aproximou de mansinho da fonte e após ter posto a bilha a encher — para conservar um antigo costume — reparou no vélinho que dormitava, e pôs-lhe docemente a mão sobre o ombro. Ele acordou, voltou a cabeça e após ter trocado um olhar com a pessoa que o interpelára, levantou-se de chofre, os olhos desmesuradamente abertos onde se lia grande espanto e uma louca alegria, e só conseguiu articular com voz débil, pela comoção:

— Rosália, meu amor, és tu?

— Sim, Manuel, sou eu!

O pobre vélinho não conseguiu proferir mais palavra. O seu grande desejo enfim, a sua missão na terra estava cumprida... Caiu desamparado no chão para não mais se levantar...

...E todos que o viram repararam no sorriso que lhe bailava nos lábios descorados

e inertes, e na expressão de intensa alegria que lhe ficara estampada no rosto lívido...

Dizem, não sei, que a horas mortas, lá pela noite velha, viam-se nessa aldeia, onde as amendoeiras floridas espalham pelo ar, inebriantes perfumes, e onde outrora havia moiras encantadas, dois vultos que em noites luarentas, passavam em direcção á fonte. Chegados lá percebiam-se ruidos semelhantes ao da água ao cair numa bilha, de mistura com ternas frases de amor que perpassavam pelo ar, doce e suavemente...

Depois... tudo voltava ao primitivo e habitual silêncio...

Tarde sim, mas o seu ideal foi realizado. Infelizes os que andam toda a vida, a vida toda em busca da alma sua irmã, e nunca a encontram!...

RIO, Maio de 1932.

FLOR DE LOTUS.

UM ELEFANTE FELIZ

TAL COMO O VELHO BOI APRIS

—o—

A cidade de Sião, Hieng-Mai, está em festa. Um hóspede ilustre e excepcional encontra-se dentro dos seus muros — um elefante branco.

Sabe-se que este animal, que na realidade é de um "gris" rosado com alguns pontos brancos, é no Sião um animal sagrado.

Procuram-no com tanta ansiedade e encontram-no com tanta alegria como no Egipto o boi Apris.

Recentemente um desses animais tão desejados apareceu num bando de elefantes no Laos siamês.

Foi particularmente festejado e solenemente conduzido á cidade acima mencionada.

Ali passeou, precedido dos homens notáveis da cidade no meio duma multidão entusiasmada que lhe oferecia flores e belos frutos e arroz, sendo alojado num templo onde o sustentam a cana de assucar.

Grandes tempos, esses da Sociedade Promotora, do Grémio Artístico, do Grupo do Leão! Grandes tempos e grandes artistas! Ainda então se pintava honestamente, quero dizer, com devoção, com fé na sobrevivência da obra executada.

Ainda se fazia arte pela arte e ela era considerada uma necessária função social. Nesses dias tão próximos — e já tão remotos! — ainda o artista não pintava nem esculpia antegostando os cobres que lhe iria render o seu sonho de arte, do qual se julgava pago com gozo espiritual de o ver realizado.

Hoje, a invasão dos amadores-borradores e dos profissionais aleijadinhos de ideias, de visão e de execução, e, ainda pior, dos industriais da Arte, deram cabo da desgraçadinha, que, escalavrada e remendada, estende o braço descarado na ânsia de topar algum artista de genio que lhe dê a mão e a salve dos tratos de polé dos fadistas do pincel e do escôpro. Mas a era dos eleitos, dos bafejados pelo sopro criador, afigura-se-me irremissivelmente passada; o cérebro da maior parte dos expositores é uma esponja seca, e já não ressuscita algum dos mestres que, ainda ha 40 ou 50 anos, ennobreciam os distritos da arte a que se votavam.

Mas em quem fui eu falar? Nos artistas de há 50 anos? Em Lupi, em Cristino, em Anunciação, em Silva Porto, em Soares dos Reis? Ai de mim! Vai desabar-me em cima o ódio vesgo, o desdém olimpico duns "modernistas" que, para armar ao aplauso das *clagues* e ao snobismo dalguns compradores, entram nas artes como macaco em guarda-loiça — e aí os vereis! — Desatam a pintar os verdes de vermelho e os amarelos de azul, a curvar rectas e a rectificar curvas, a mudar as árvores em casario e os navios em comboios, montes por cima de casas e pontes por baixo de rios e numa estranha orgia ou inversão anatómica, mettem olhos por orelhas e os narizes não se sabe aonde, numa barafunda formidável de manicómio, donde temos que fugir, para não endoidecer também... Mas das suas cóleras ou do seu encolher de ombros pouco se me dá; e já agora é ir até ao fim, vestindo as armas para esta cruzada sacrossanta que em todo o mundo culto se ergueu contra as aberrações que tentam desviar a Arte do bécio sem saída onde a quem encurrala os tais broxantes furiosos, e repô-la na estrada direita por onde há séculos transcorre o seu cortejo glorioso...

Estes considerandos ruminava eu c'os meus botões enquanto descia Barata Salgueiro, de regresso da exposição com que a Sociedade Nacional de Belas Artes presentearia anualmente o indígena alfacinha.

E' que o "salão" deste ano, tirante meia dúzia de excepções de aprêço, não descasa da sornice dos seus antecessores. E nessas excepções começarei por assinar MÁRIO AUGUSTO, que deixa atrás de si muitos, que uma critica fácil ou suspeita já colocou nos altares. *O Casal da Várzea* é uma tela reveladora de maravilhosa retina. Ali há

A exposição anual da Sociedade de Belas Artes em Lisbôa

uma visão superior que dá vulto e côr áquela barracaria velha e a transmuda numa obra prima. No *Estábulo*, um pequenino quadro largamente concebido e realizado, paira o tom quente, o ar mórno, o cheiro a bosta do curral... E *As cebolas*? Como aquela mulher está pintada e o vulto que toma num ambiente que lhe dá vida e que por assim dizer a completa! Atráem ainda a minha admiração dois retalhos de paisagem — *A tarde* e *As piteiras*, por onde qualquer outro pintor passaria sem dar por

da parede a que se encostam. Para mais, as figuras assumem um ar caricatural que o autor certamente não desejará que lhe encontrem.

1860, adquirido pelo Estado, que no seu papel de fornecedor das públicas galerias é por via de regra um alho... chôcho, adoece igualmente de grandes falhas. Uma delas, a mal conduzida sucessão dos planos, que lhe faz colocar junto á cabeça duma janota "mana Perliquitetes" o tampo da credência que lá figura.

O magreira, do mesmo pintor, lembra pelo esgaldado, um Greco, mas um Greco vermelhusco, que lhe carregou bem, no torrejano. Prefiro-lhe *O último cocheiro*, a empunhar francamente o seu copázio, tela em que o autor, sem se libertar da feição columbanesca, deixa brilhar mais as suas qualidades de pintor, que as tem e apreciáveis.

Receio falar de EMÉRICO NUNES, que me chama a atenção do outro lado da sala. E' um amigo velho, dos saudosos tempos dos "Humoristas"; e a pena pôde suspeito-samente descambar para o elogio injusto. Mas, bom Deus, não é assim, que me não cega a amizade! *A Casa da Ponte* é uma bela nota de côr, pintada a manchas quasi lisas, sob uma visão moderna, mas equilibrada; e as mesmas qualidades luzem no retrato de Mlle. Kubler.

O Dr. VERGÍLIO MAURICIO... é um hóspede. Os seus quadros — um óleo, um pastel e um desenho, que tiveram o aplauso duma cortiúncula de patricios e de nacionais que antepõem a cortesia á verdade critica, são vulgares pela idealização e pela execução. O mais notado, um nú, (*O Saxe*) está cheio de erros, até de anatomia, sendo o autor um médico! O tronco atarraxa-se no ventre, desencontrado da linha geral; a espádua direita é mal cortada; e o braço esquerdo, flectido na direcção da cabeça, é mesquinho e sêco de carnes, mal proporcionado e destoante do conjunto. Não tem macieza nem mocidade a pele da mulher — uma costureirita doente a levantar-se da cama. O preço do catálogo marca-lhe 25 cntos — uma ninharia. Disseram-me que achou comprador (!) — algum mecenas que eu apostava incapaz de desembolsar metade por uma boa página de Malhoa ou de Carlos Reis — só de vivos falando...

Enviou-nos o Brasil o Dr. Mauricio para apreciarmos a arte brasileira através do seu pincel? Felizmente que não. Recebamo-lo como hóspede, sim, mas procedamos com êle como faríamos a alguém que nos visitasse... de cuecas. Agradeceríamos a honra, mas mandá-lo-híamos vestir. A este, como não vem de cuecas, mas tão só de jaquetão, mandá-lo hemos simplesmente... despir.

D. EDUARDA LAPA refresca-me os olhos. Sem perder a sua sensibilidade feminina, tem amplitude de toques e justeza de tin-



EMIGRANTES — Quadro de Severo Portela.

êles, mas que tocaram a fibra emocional do artista que, como quem estas linhas escreve, prefere aos grandes horizontes dispersivos a humildade recatada dum tufo de verdura á beira dum arroio, um recanto solitário de charneca, onde os tojos floresçam entre seixos rudes, ou um charco onde á tarde venham dessedentar-se os pardais e á noite se repitam as estrélas.

Entremeada nas suas telas, arrimando-se a elas como a um Deus tutelar, as duma discípula, D. MARIA DE LOURDES CARVALHO E SILVA, reflectem as características do mestre que lhe guia a mão, sem abafar as qualidades pessoais da pintora.

Ao còro de louvores a SEVERO PORTELA, um desertor da escultura já no ano findo passeado em triunfo nas colunas dos jornais, tenho que opôr algumas restrições. Não serei eu quem lhe negue fôrças para escalar essa "calçada da Glória" que é a aspiração mais alta do artista. Mas há que cuidar a sério o desenho e o colorido das suas telas, despojando-se de desacertos que saltam aos olhos de toda a gente. Assim, o seu quadro-chefe, *Emigrantes*, decorado com o prémio Rocha Cabral, tem erros palmares. Não falando já no abuso dos vermelhos nas mãos e róstos dos personagens (abuso de que já enfermava o ano passado, e se prolonga este ano em todos os seus quadros) — onde está, pergunto, a proporção guardada nos planos da cena? Uma das figuras do segundo plano, para lá dum

tas, duma grande transparência. Pinta com ternura as suas flores, que parecem acabadas de colher; e talvez mais do que nos óleos, num pastel, de que a seu tempo falei, se revelam os seus dotes.

Conheço FAUSTO GONÇALVES do tempo em que pintalgava umas telas arripiadoras das gentes timoratas. Amadureceu depois, puxou



CASA DA PONTE — quadro de Emerico Nunes.

a rédea ás fantasias desbordantes e é-me grato verificar que encontrou, alfim, a sua estrada de Damasco. Destaco uma *Casa minhoto*, recanto de pátio solarengo bem tocado de luz.

Foi ha dias inaugurado, em Paris, no bosque de Bolonha, um monumento a Claude Debussy. O monumento é interessante, — *modern style*. Prefiro, porém, ocupar-me da personalidade que êle celebra.

Tôda a obra de Claude Debussy nos fala do mar e das estrelas, do vento e das flores, do luar e dos jardins... Nos ritmos da sua música estranha, música dum sensitivo caprichoso, que incessantemente rebusca para as suas íntimas sensações uma expressão original, perpassa como que um frémito de ininterrupta adoração. Das grandes explosões da natureza ouve-se apenas o rumor vago e longínquo. Dir-se-ia que nas tempestades do céu e do mar, nas grandes tiradas e nos ribombantes diálogos das forças elementares, a sensibilidade do artista descobre os vícios que tanto detesta: a amplificação retórica, a ênfase oratória e a teatral declamação. Mas as impalpáveis transições da luz, os tiques, quasi imperceptíveis, que só uma pupila subtilmente surpreende e retem, os finos estados de alma da paisagem, de que se exala um doce queixume, um suspiro suavíssimo, um enigmático sorriso ou uma lágrima sem motivo, obsidiam Claude Debussy, impregnam-no de sonho e palpitam nas páginas da sua obra, que se ergue, como uma flecha de luz, na atmosfera wagneriana da sua época.

Foram múltiplas as influências que se fizeram sentir na formação de Claude Debussy: Chabier, Lalo, Cesar Franck, Massenet, Moussorgski. Mas se houve músico sobre quem o titanico construtor da *Tetralogia* projectou, até o âmago, a sombra hipnótica do seu génio, foi Debussy, que, auto-biografando-se, confessou algures:

"A cette époque ou j'étais wagnérien jusqu'à l'oubli de principes les plus simples de la civilité..."

Camille Mauclair condensou num sugestivo paralelo a desconforme tirania póstuma do génio wagneriano quando a comparou á imensidade grandiosa de certos crepúsculos magníficos, em que já o sol desapareceu inteiramente no horizonte e, todavia, tôda a atmosfera está ainda saturada da

ALBINO CUNHA, artista modesto mas digno de atenção, no seu retrato de Mil. Figueiredo, resumiu tôdas as qualidades e defeitos que o caracterizam. Figura bem marcada, feliz combinação de colorido.

FAUSTO SAMPAIO é mudo de bôca e eloquente nalguns quadros. Expõe, entre outros, um *Largo da Achada* lindamente ob-



FOZ DO ARELHE — quadro de Carlos Neves.

servado. Dia desolado, cinzento, de chuva, aquela chuva do poeta francês que nos cai na alma como desce aos telhados da cidade.

Um retrato de inglês, que, embora um tudo-nada frouxo de côr, é sóbrio, distinto, seguro de si-próprio, põe-nos em presença de D. Elisabeth Glavina, uma senhora para quem pintar não é prendinha de meninas salsifreiras, para aplauso dos amigos da casa.

Não quero esquecer, antes de passar além, D. ALDA MACHADO, que já tive ensejo de louvar e que continúa a saber pintar. Alguns dos seus quadrinhos minúsculos, verdadeiras miniaturas, são dignos de atenção.

Saio para a sala central e, logo em frente, olha-me com um sorriso feliz o auto-retrato dum marechal dos pinceis — VELOSO

SALGADO, sempre na brecha das exposições da Sociedade. Pois bem precisava o Mestre de descansar — repouso bem ganho após tão laboriosa carreira. A tela não é má — é mesmo boa, mas sente-se já nela, como em todos os seus quadros de há um tempo a esta parte, a fadiga dum pulso que foi



O SAXE — do pintor brasileiro Vergilio Mauricio.

rijo e pincelou algumas das mais belas páginas da lusa pintura contemporânea.

Das paisagens que expõe, só uma sai um pouco fóra do tipo oleográfico em que nos derradeiros anos descambou.

(Concluirá no próximo número.)

LISBOA, Maio, 932.

CARDOSO MARTHA

Claude Debussy

Por BOURBON E MENESES

sua claridade difusa e penetrante, que tudo incendia.

Quantas páginas, com efeito, rasgou Debussy por descobrir nelas o vestígio do bruxo que escrevera o *Tristão e Isolda*, cuja partitura se comprazia em repetir ao piano, dias e noites, amorosamente?

Um dia, porém, á custa de tentativas e de esforços, em demanda da própria personalidade, o artista sentiu-se liberto da terrível fascinação: desintoxicara-se! E é, então, que, límpida e única, Debussy principiou a obra de que tivera o pressentimento quando, menino ainda, pobre escolar de solfejo, já enervava os mestres escravos da rotina conservatorial. E essa obra rutilante, irisada, feita de insólitas combinações de timbres, em que sob o desganhamento das *trouvailles* se sente a consciência dum harmonista que nada ignora ácerca da técnica dos antecessores, abre um novo ciclo musical porque é na clareira aberta por êste estranho e nobre artista que desabrocha e se expande a floreação que gloriosamente renova, com Maurice Ravel e Paul Dukas, a moderna música francesa, e com o catalão Albéniz e o andaluz Falla, a própria música de Espanha. Debussy fez uma revolução.

No *Pelleas et Mélisande*, — que a crítica recebeu contraditoriamente, oscilando entre o entusiasmo que lhe fez contar em Claude Debussy um renovador do drama lírico tão grande como Ricardo Wagner e a incompreensão forrada de malignidade que lhe comparou a música do poema maeterlinckiano ao ruído duma porta que range — a fusão da emoção dramática e a emoção musical, que o compositor procura com frenesi, faz do poema sonoro uma visão fantasmática, mediumnica. No *Martyre de St. Sébas-*

tien, cuja partitura ao contrário da de *Pelleas*, o artista urdiu febrilmente, num fulgurante improvisado, a música de Debussy escorre côr como um vitral flamengo. Mas é no *lied*, ressuscitado por Chausson, por Duparc, por Fauré, nas suas pequenas composições para canto e piano, nas canções e baladas, nos arabescos para flauta, violino ou harpa, e, sobretudo, nas peças puramente sinfônicas, como êsse precioso prelúdio do *Après midi d'un faune*, com que ha dois anos, a batuta admirável de Pérez Casas encheu de sortilégio o anfiteatro do Coliseu, que o impressionismo musical de Debussy encontrou, duma maneira mais feliz, a sua expressão original.

Tôda a sua obra, como disse já, nos fala das estrelas, dos perfumes, das nuvens, das vagas e do vento, da chuva, das árvores e das fontes.

Mas êste panteista é um requintado. A natureza, coada através da sua sensibilidade, aparece-nos como um jardim de Le Nôtre vclatilizando-se na neblina. Tudo são vapores cambiantes, tintas fugitivas, efêmeros toques de luz e de sombra, paisagens fluidas, aéreas, imbuidas de sonho e de graça.

Era um precioso.

Mas êsse precioso, que tinha a paixão dos *bibelots*, dos perfumes esquisitos, das encadernações raras, que amava a musa misteriosa de Mallarmé e o pincel nocturno de Whistler, o decadentismo de Jean Lorrain e a voluptuosidade de Pierre Louys, que fez o *Children's Corner*, pensando nas crianças felizes, não se esqueceu das que são desgraçadas nessa obra-prima que intitulou *O Natal das crianças que não têm casa...*

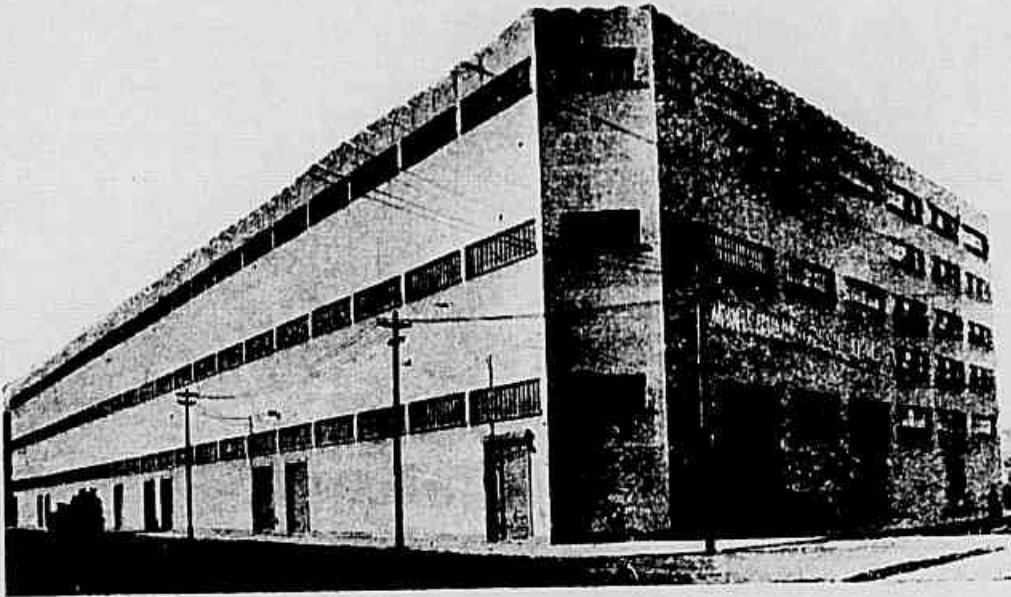
No monumento, que Paris acaba de inaugurar, esculpiram os artistas, seus autores, esta legenda, que Debussy escreveu, e é todo um resumo da sua estética de independente:

E' preciso procurar a disciplina na liberdade e não escutar os conselhos de ninguém, a não ser os do vento que passa e nos conta a história do mundo.

O génio ama a liberdade.

BOURBON E MENESES

À LAVOURA E AO COMMERCIO DE CAFÉ DO ESTADO DE MINAS — AO COMMERCIO DE CAFÉ DA PRAÇA DO RIO



A Companhia Armazens Geraes de São Paulo comunica á lavoura do Estado de Minas, e tambem á praça do Rio de Janeiro e ás do interior, que continúa a armazenar cafés de procedencia mineira nos reguladores de Entre-Rios, Cysneiros, Aymorés e Rio de Janeiro.

O armazenamento dos cafés destinados ao Rio de Janeiro é feito em seus novos armazens do Cães do Porto, com capacidade para meio milhão de saccas de café, construídos especialmente para esse fim, em condições technicas para defesa e conservação do producto. Estão, além disso, aparelhados com machinas para transporte e elevação dos saccos, de fórma a poder offerecer um serviço rapido e perfeito.

A Companhia faculta aos seus depositantes a assistencia a todos os seus serviços. Fornece, juntamente com as amostras, os certificados de classificação, e emite os conhecimentos de deposito e respectivos warrants para as necessarias operações bancarias.

A Companhia attende com rapidez a qualquer pedido de informação, devendo a correspondencia ser dirigida para a rua Sacadura Cabral n. 208 ou Caixa Postal n. 770 — Rio de Janeiro.

Uma acusada que se despe perante um tribunal

Há pouco tempo os juizes da cidade de Linz, Austria, tiveram uma grande surpresa que os fez córar de indignação e lhes fez subir o rubor ás faces enrugadas. Tratava-se do julgamento duma cigana acusada de ter roubado frangos. A presa não negava de forma alguma o iacto de que era acusada, mas não deixava de gritar alto que tinha sido obrigada a cometer o roubo, para matar a fome.

Como um dos magistrados lhe observasse que essa não era uma desculpa sufficiente, a cigana começou a despir-se perante o tribunal, ficando quási nua, e gritando: "vejam, senhores juizes, como eu sou magra. Não terão pena de mim?"

Foi necessária tóda a energia dos policiaes para impedir a acusada de despir a... camisa.

MOBILIARIOS FINOS

Os móveis da CASA VERDE são, realmente, finos, modernos, bem acabados e baratos, rivalizando com os meliores de TODAS as suas concorrentes especializadas E SATISFAZENDO A TODOS OS GOSTOS E PREÇOS.

Vendas a prazo ou com facilidade de pagamento, SEM AUMENTO DE PREÇOS.

E' luso-brasileira a CASA VERDE dos móveis e tapeçarias, á RUA SENADOR EUSEBIO, 88.

Catálogos grátis ilustrados para o interior, com remessa de 1\$000 réis para registo.

Serafim Pinto de Figueiredo

FONE — 4-4079

COELHO POR GATO

Uma gata, pertencente ao Sr. Zeberino Caldeira, de Enxara do Bispo — segundo nos informa o nosso zeloso correspondente em Barras — teve uma ninhada de filhos. E, como tódas as mãis da sua espécie, pela necessidade fisiológica de transmitir a nutrição á prole, tornou-se naturalmente mais voraz, mais laboriosa e activa nas suas faculdades de caçadora. Quanto apanhava levava para o ninho.

Isto, até aqui, é a maior das vulgaridades, e com certeza não merecia noticia na revista.

Mas a segunda parte da história já muda de figura. Foi o caso que tendo a gata do Sr. Caldeira desencantado, nas suas sortidas venatórias, um coelho pequenino, talvez da mesma idade dos filhos dela, em vez de o devorar como era lógico, tratou de o levar para o ninho com todo o geito, acomodou-o ao pé dos seus pimpolhos, amamentou-o, acalentou-o — e hoje, se não fôsem as orelhas do leporideo, que começam a avantajar-se singularmente ás dos seus irmãos colaços, ninguém seria capaz de afirmar que êle não é filho da gata, de tal modo se integrou nos carinhos e doces intimidades daquela exemplar familia.

Evidentemente o leitor vai considerar isto um simples caso de estupidez felina, concluindo que a gata procedeu assim por ter confundido o laparôto com um gato. E' possível.

Mas não valerá a pena, em todo o caso, observar este acontecimento como um curioso exemplo de filantropia?

A gata de Enxara do Bispo não estará dando aos homens uma grande lição, cheia de irónicas intenções, nêstes calamitosos tempos em que até se matam os filhos alheios por méras questões de materialismo selvagem?



Realizou-se no dia 18 de Junho p. p. o enlace matrimonial do Sr. Manuel Joaquim da Silva, negociante nesta praça, com a senhorita Isabel Ferreira da Silva, filha do Sr. António Ferreira da Silva, digno industrial e proprietário. O acto teve lugar em casa dos pais da noiva, á rua Minas n.º 182 — Engenho Novo.

N A C O R Ê A

A TRISTE SITUAÇÃO DAS MULHERES

A situação das mulheres na península da Corêa é, sobremodo, interessante.

A's 9 horas da noite ouve-se nas povoações um toque algo parecido com o nosso antigo toque de cabra.

Os homens desaparecem das ruas e regressam a tóda a pressa a casa.

A via pública pertence desde então ás mulheres. Desgraçado do homem que se atreva a sair; expõe-se a apanhar uma sóva mestra.

Algumas coreanas têm chegado ao extremo de se suicidar em consequência de terem visto de noite a cara a um homem.



Em Recife realizou-se no dia 4 do p. p. o casamento do Sr. Dr. Aginaldo Luiz com a Srta. Maria Laura do Carmo Almeida. Nesta gravura reproduzimos os noivos cercados dos cavalheiros e damas de honneur.



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

(Companhia Portuguesa)

CARREIRAS REGULARES

*Leixões,
Lisboa,
Funchal,
Rio, Santos,
Rio, Funchal,
Lisboa, Leixões, pelo*

"NYASSA"
(9.000 tons.)

Para cargas, passagens e informações, tratar com as agências:

RIO DE JANEIRO — Sociedade Anonima Magalhães, Rua 1.º de Março n.º 51 — Telefone 4-1852

SANTOS — Bento de Souza & Companhia, Rua General Camara n.º 168

S. PAULO — Companhia Nacional de Navegação, Rua da Quitanda n.º 1

RECIFE — Anibal Gouveia, Avenida Moraes Rego n.º 73-2.

Ar quente para curar certas doenças

Há doenças terribes, sem que todavia sejam mortais, como o reumatismo, os eczemas sécos, etc.

A medicina tem lutado contra elas, sem resultado, e mesmo, quando a cura se consegue, o doente sofre dores horribes.

Agora está-se estudando um tratamento: o ar quente. Há aparelhos vários para o ministrar; mas aquê que os médicos preferem, consiste numa caixa de madeira dentro da qual o doente é colocado, só com a cabeça de fóra.

Nesta caixa em que se colocam 48 lampadas electricas de 36 velas, pôde obter-se uma temperatura de 70 gr. em 15 minutos.

Aplica-se o mesmo tratamento ás nevralgias e ás sciáticas, com resultado, á obesidade.



GRANDE HOTEL ALLIANÇA

S. PAULO

RUA GENERAL OSORIO, 61

(Esq. da rua Santa Ephigenia)

Systema de quartos sem refeições — Appart. para 200 pessoas; Elevador, agua corrente nos quartos; preço 8\$000, comprehendido o serviço de café pela manhã.

RIGOROSAMENTE FAMILIAR

Telegrammas: "SOMMEL" — Telephone 4-3727

RESPOSTA RAPIDA

— Quem teria inventado o trabalho?
— Não sei; mas quem quer que fôsse, podê-lo-ia ter começado e acabado.

Diário Português

EDIÇÃO DA "PÁTRIA PORTUGUESA"

COMEÇARA' A CIRCULAR BREVEMENTE, COM ESSE TÍTULO,
A EDIÇÃO DIÁRIA DA "PÁTRIA PORTUGUESA"

Era nosso intuito marcar, hoje, a data definitiva da saída da edição diária da "Pátria Portuguesa", que havíamos resolvido fixar para 14 de Agosto próximo, dia comemorativo da Batalha de Aljubarrota, que foi a arrancada consolidadora da independência e do poder guerreiro da nossa terra.

Os acontecimentos revolucionários que neste momento agitam a vida brasileira e impedem a comunicação com alguns Estados, inclusive S. Paulo, onde há um forte núcleo de população portuguesa, não nos permitem, porém, garantir desde já o dia certo em que será iniciada a publicação do

Diário Português

Vamos explicar, entretanto, aos leitores como será feita essa publicação: a "Pátria Portuguesa" continuará com a sua organização actual, circulando semanalmente e mantendo o seu quadro de assinantes, independente e autónomo. Apenas passará a circular aos domingos, como já acontecia anteriormente.

O DIÁRIO PORTUGUÊS circulará em todos os outros dias da semana, com um serviço telegráfico especial e correspondências de todo o país e dos centros da actividade portuguesa no Brasil.

O DIÁRIO PORTUGUÊS será vendido avulsamente em todo o Brasil ao preço de 200 réis e as assinaturas custarão 60\$000 anualmente, ou 30\$000 semestralmente. As assinaturas anuais, serão beneficiadas com uma assinatura gratis do semanário "Pátria Portuguesa". Assim, os leitores que tomarem uma assinatura anual do DIÁRIO PORTUGUÊS, receberão também a "Pátria Portuguesa", sem nenhum outro encargo de pagamento.

O DIÁRIO PORTUGUÊS dará edições de 6 a 8 páginas e circulará no Rio de Janeiro de manhã, seguindo para o interior nos primeiros e mais rápidos correios.

Esta a forma de organização que vamos dar ao DIÁRIO PORTUGUÊS, a ser lançado brevemente e que vem preencher uma falha na vida da colónia portuguesa do Brasil, pois não se compreende que não tenhamos ainda um diário, quando em S. Paulo e na Argentina, colónias menores e de menos recursos do que a nossa, os sustentam há muito tempo.

Dispondo de um corpo redactorial competente e de uma rede de correspondentes em todo o país e em todos os Estados do Brasil, o DIÁRIO PORTUGUÊS apresentar-se-á como um jornal moderno, bem feito e de larga informação, de maneira a manter o público português do Brasil em permanente contacto com a Pátria.

Como dissémos, o preço da assinatura do DIÁRIO PORTUGUÊS, incluindo a edição da "Pátria Portuguesa" será de 60\$000 anualmente. As assinaturas do DIÁRIO PORTUGUÊS começam e acabam em qualquer época.

Nos preços de assinatura ou avulso do semanário, não haverá nenhuma alteração.

A inscrição de assinantes do DIÁRIO PORTUGUÊS está desde já aberta nos escritórios da administração da empresa, á Praça Tiradentes, 73, devendo os pedidos do interior ser acompanhados da respectiva importância, em cheque, vale postal ou registado com valor, pagáveis nesta praça a favor de C. CRUZ & CIA. LTDA.

Diário Português

Circulará brevemente e será um jornal que há de corresponder á
grandeza da colónia portuguesa do Brasil